



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

THAÍS FIGUEIREDO CHAVES

**ENTRE ILHAS:  
QUESTÕES DE HISTÓRIA, MEMÓRIA E ROMANCE  
NO ARQUIPÉLAGO GULAG**

Orientador: Professor Dr. Daniel Barbosa Andrade de Faria

BRASÍLIA

2018

**THAÍS FIGUEIREDO CHAVES**

**ENTRE ILHAS:  
QUESTÕES DE HISTÓRIA, MEMÓRIA E ROMANCE  
NO ARQUIPÉLAGO GULAG**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília sob a orientação do Professor Doutor Daniel Barbosa Andrade de Faria.

Brasília, 22 de maio de 2018

---

**Professor Dr. Daniel Barbosa Andrade de Faria (Orientador)**

---

**Professor Dr. Bruno Barreto Gomide (USP)**

---

**Professor Dr. João Vianney Cavalcanti Nuto (UnB)**

---

**Professor Dr. André Leme – Suplente (UnB)**

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo amor incondicional que me deu forças para ir atrás deste e de outros sonhos.

A Paulo Paniago, por ter proporcionado uma inabalável rede de apoio, sem a qual este trabalho não teria sido escrito. Pela companhia inspiradora, pela paciência nos momentos de crise e pelas incontáveis injeções de ânimo ao longo do caminho. Pela revisão minuciosa, paciente e atenta deste texto.

A Moizés Ferreira Borba Filho, que sempre acreditou na minha capacidade antes mesmo que eu conseguisse fazê-lo. Pelas incontáveis horas de terapia e motivação gratuitas. Pela amizade que torna possível imaginar Sísifo feliz.

A Jéssica Vasconcelos, pelo suporte emocional oferecido durante a escrita desta dissertação; pelas conversas restauradoras e pela companhia ao longo de inúmeras noites na Biblioteca Central da UnB.

A Helen Couto, por nunca falhar em me mostrar a minha força e capacidade; pelos inúmeros nós mentais desatados ao longo dos anos.

A Gláucia Vidal, meu porto geográfico e sentimental.

A Cibele Carmo Kamchen, que há anos me incentiva a ser a heroína desta e de outras odisséias.

A Paulo Renato Souza Cunha, pela torcida sincera que me incentivou a permanecer no caminho do sonho.

A Tiago Amate, por todos os diálogos telefônicos edificantes e pelas risadas que transformaram o peso da escrita (e da vida) em leveza.

A Ana Paula Rodrigues, Lídia Rodrigues Barbosa e Alexandre Nakagawa, pelo apoio diário que tornou o cotidiano (acadêmico e burocrático) possível; pelo companheirismo e afeto constantes.

A Isabela Parucker e Suellen Maciel, que tornaram o caminho historiográfico ainda mais prazeroso.

A Daniel Faria, meu orientador, por ter se disposto a me ajudar e por todos os ensinamentos de valor incomensurável.

*Um décimo ganha liberdade de indivíduo e o direito ilimitado sobre os outros nove décimos. Estes devem perder a personalidade e transformar-se numa espécie de manada e, numa submissão ilimitada, atingir uma série de transformações da inocência primitiva, uma espécie de paraíso primitivo, embora, não obstante, continuem trabalhando.*

Fiódor Dostoiévski, *Os demônios*

*O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: procurar e reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço.*

Italo Calvino, *As cidades invisíveis*

## RESUMO

A narrativa *Arquipélago Gulag*, do escritor Aleksandr Soljenítsin (1918-2008), foi publicada pela primeira vez em 1973, no Ocidente. Na URSS, a primeira edição surgiu em 1989, às vésperas da dissolução do regime soviético, finalizada em 1991. Até a publicação, nenhuma denúncia contra o terror bolchevique havia sido apresentada de forma tão sistematizada. O livro causou furor e foi responsável por tornar os campos de trabalho soviéticos imagináveis. Há pretensão de verdade no relato, de desmascaramento da realidade por meio da escuta de vozes e testemunhas ignoradas pelo regime, categorizado por ele como opressor e desumano. Na superfície, o *Arquipélago* parece oferecer pura denúncia da violência do regime soviético (prisões inesperadas, torturas, ausência do devido processo legal etc.). Porém, o livro é, na verdade, análise sobre a condição humana. Para alcançar tal profundidade, o texto mistura elementos de história, memória, literatura e romance, costurados em uma escrita irônica e opinativa, características que o trabalho analisará. No texto, o autor admite que a investigação não é história convencional, não pela forma de exposição dos fatos, mas pela falta de acesso aos documentos oficiais de Estado.

**Palavras-chave:** Soljenítsin; História; Memória; Romance; Literatura

## ABSTRACT

The narrative *Archipelag Gulag*, written by Aleksandr Soljenítsin (1918-2008), was printed for the first time in the west in 1973. In USSR, the first edition appeared in 1989, right before the dissolution of the soviet regime, concluded in 1991. Until the book was published, there had not been a denunciation so clear and systematized against the Bolshevik terror. The book caused an uproar and was responsible for making the soviet camps imaginable. The narrative promises a commitment with the truth and intents to unmask the reality of facts by listening to voices of witnesses ignored by the regime, characterized as oppressor and inhuman. On the surface, The *Archipelag* seems to offer a pure complaint about the violence of the soviet establishment (unexpected prisons, tortures, absence of the due legal process etc.) However, the book actually contains an analysis about the human condition. To reach a further depth, the text mingles elements of the following models of expression: history, memory, literature and novel, written in an ironic and opinionated style, traits that the present work will analyze. In the narrative, the author admits that his investigation is no conventional history, not because of the facts are described, but for the impossibility of access to the official documents of the State.

**Keywords:** Soljenítsin; History; Memory; Novel; Literature

## SUMÁRIO

<b>ROTEIRO DE NAVEGAÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 1: RUMO AO <i>ARQUIPÉLAGO</i> .....</b>	<b>16</b>
1.1. DADOS INICIAIS .....	18
1.2. O GULAG .....	25
1.3. KHRUSCHÓV CHEGA AO PODER .....	29
<b>CAPÍTULO 2: LITERATURA E MEMÓRIA NA UNIÃO SOVIÉTICA .....</b>	<b>30</b>
2.1. LITERATURA SOVIÉTICA: PANORAMA .....	31
2.2. NARRATIVAS DO GULAG .....	36
2.3. ALEKSANDR SOLJENÍTSIN .....	42
2.4. FORTUNA CRÍTICA .....	44
<b>CAPÍTULO 3: A HISTÓRIA, A MEMÓRIA, O GULAG .....</b>	<b>48</b>
3.1. DIANTE DO ARQUIPÉLAGO: ANÁLISES PRELIMINARES .....	48
3.2. ARQUIPÉLAGO GULAG: UMA HISTÓRIA ALTERNATIVA .....	56
3.3. HISTÓRIA E FICÇÃO .....	73
3.4. A LITERATURA, O GULAG E O REAL INVEROSSIMIL .....	77
<b>CAPÍTULO 4: <i>ARQUIPÉLAGO GULAG</i> E ROMANCE .....</b>	<b>79</b>
3.1. RISO AMARGO COMO FERRAMENTA CRÍTICA .....	79
3.2. ELEMENTOS NARRATIVOS .....	87
3.3. ELEMENTOS DE PERSUASÃO .....	91
3.4. A QUESTÃO ROMANESCA .....	94
3.5. DIANTE DO INFERNO .....	99
3.6. ENTRE ILHAS .....	102
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>107</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>112</b>

## ROTEIRO DE NAVEGAÇÃO

No *Arquipélago Gulag*, Aleksandr Soljenítsin organiza o relato a partir de uma lógica linear. O primeiro capítulo trata das detenções, do momento em que as pessoas são levadas presas. O décimo sexto termina com os presos nos campos de trabalho, mas sem se adentrar muito no cotidiano dos detentos no Gulag. O quadro geral descrito pelo autor é o que se segue, a partir dos conteúdos apresentados nos dezesseis capítulos do livro:

### PRIMEIRA PARTE – A INDÚSTRIA CARCERÁRIA

- 1) **A detenção:** Na URSS de Soljenítsin, as pessoas eram presas no meio da noite, sem saber o motivo e sem ter o direito de questionar os oficiais que as detinham. Por não ter cometido qualquer crime, a maioria da população não sabia como se defender, não exercia resistência, nem fugia. A lógica do Estado era: se um indivíduo fosse levado ao encarceramento, o fato por si só comprovava culpa. A população não teria se rebelado pois não dava o devido valor à liberdade;
- 2) **História da nossa canalização:** Soljenítsin expõe lista de motivos pelos quais as pessoas eram presas. Desmente de que a única onda de prisão ocorreu nos anos 1937-38 (pessoas que ocupavam alta posição no partido) e apresenta outros dois períodos: 1929-30 (coletivização forçada e prisão dos camponeses) e 1944-1946 (nacionalidades e ex-prisioneiros de guerra). Fala sobre o artigo 58 do Código Penal de 1926, escrito de modo tão abrangente que poderia ser aplicado a qualquer crime. Defende que, ao contrário do que se pensa, já havia repressão nos anos 20;
- 3) **A instrução:** Soljenítsin argumenta que a instrução na URSS tinha como objetivo levar o preso ao esgotamento e não o de esclarecer a detenção. São listados métodos de tortura utilizados pelo regime bolchevique. A violência precisava ser feita de modo a não deixar marcas nos corpos dos detentos e, por isso, eram privilegiadas medidas que tivessem forte efeito psicológico (privação de sono, chantagens etc.). Os detentos não tinham direito a advogados e a confissão era a principal confirmação da culpa. A maioria dos presos confessava. Presos precisavam provar que eram inocentes;
- 4) **Os bonés azuis:** Soljenítsin defende que a ideologia é a fonte do mal. Argumenta que remexer no passado e punir os criminosos é essencial para combater o terror. O escritor admite que, quando servia o exército, ao alcançar posição de destaque, privilegiou a própria segurança e colocou soldados em risco; quando foi preso, não queria que os ex-subordinados o vissem, para não abalar sua vaidade. Defende que o livro não é uma denúncia política, mas uma autorreflexão sobre o carrasco potencial que existe dentro de todos os seres humanos;
- 5) **Primeira cela – Primeiro amor:** Soljenítsin defende que a primeira cela faz com que o preso reveja concepções sobre a humanidade e o tempo. Ao lembrá-la, o ex-presos o faz com doçura. Dormir era a atividade mais preciosa. Médicos da cadeia não curavam para não incentivar a visita de detentos;
- 6) **Aquela primavera:** Soljenítsin revela que os soldados soviéticos que haviam sido feitos prisioneiros de guerra pelos alemães foram levados para os campos de trabalho quando retornaram à pátria. Stálin se esforçava para prender todo cidadão soviético que tivesse morado no exterior;
- 7) **Na seção de máquinas:** Soljenítsin descreve como o sistema judiciário russo foi substituído pelo sistema soviético de *troikas* (julgamentos feitos por três pessoas que se reuniam na ausência do acusado), criado nos anos 20. Afirma que os tribunais existiam apenas para manter as aparências. Defende que as reformas de Khruschóv não provocaram mudanças estruturais;
- 8) **A lei-criança:** Soljenítsin apresenta estatísticas sobre a atuação da Tcheká. Informa que havia três tipos de tribunais: populares, regionais e revolucionários. Destaca que a condenação dos socialistas-

revolucionários instaurou sistema de partido único na URSS. Cita processos judiciais notáveis da URSS. Afirma que o regime condenava o acusado não só pelos atos passado, mas pelo que poderia cometer no futuro. Fala sobre a perseguição da igreja. Denuncia que Lenin considerava a *intelligentsia* o esgoto da nação. Diz que a corrupção era intrínseca aos tribunais soviéticos;

9) **A lei atinge a idade viril:** Soljenítsin dá continuidade à exposição dos processos judiciais mais notáveis da URSS, principalmente aqueles relacionados à perseguição religiosa. Cita processos em que advogados e testemunhas foram presos. Fala sobre a criação do Código Penal de 1922. Afirma que Lenin foi o responsável por aumentar, no dispositivo legal, o número de crimes passíveis de serem punidos por fuzilamento. Discute o processo dos socialistas-revolucionários;

10) **A lei torna-se adulta:** Soljenítsin trata dos engenheiros, que eram obrigados a agir segundo diretrizes políticas e não de acordo com parâmetros técnicos. Afirma que todos os problemas do país eram atribuídos aos engenheiros, que eram tidos como sabotadores. Soljenítsin fala sobre Bukhárin, que renunciou aos próprios pontos de vista para permanecer no Partido;

11) **A medida máxima:** Soljenítsin explica que a pena de morte foi restabelecida pelo Governo Provisório, em julho de 1917. A medida foi criticada pelos bolcheviques que, de forma hipócrita, aplicaram-na quando tomaram o poder. Para justificar o uso, a punição passou a ser chamada “medida máxima” de segurança social. Afirma que nunca haverá estatísticas corretas sobre os fuzilamentos. Reflete sobre o que pensa uma pessoa nos minutos antes da morte. Afirma que quase sempre o homem se deixa matar resignadamente. Revela que a vida no cárcere prossegue, independente dos vereditos;

12) **Tiuzark - A reclusão presidiária:** Soljenítsin defende que, no período tsarista, a vida dos presos políticos era infinitamente melhor. Explica que, como no Gulag não havia escrita, a memória oral interrompia-se com a morte das pessoas. Registra que na URSS, a greve de fome, por parte do detento, era vista como medida antissoviética;

## SEGUNDA PARTE – MOVIMENTO PERPÉTUO

13) **Os navios do arquipélago:** Descrição dos trens que levam os detentos para os campos. Eles estavam sempre superlotados e as condições de transporte eram as piores possíveis. Não havia água nem comida suficientes e muitos morriam congelados no caminho;

14) **Os portos do arquipélago:** Fala sobre as prisões de trânsito, que o autor enxerga como um período preparação para os campos de trabalho. Discorre sobre a importância dos baldes-latrina e sobre a prática da venda de sentenças;

15) **Caravanas de escravos:** Soljenítsin continua a tratar dos trens que levavam os detentos até o gulag. Também aborda a importância do segredo para a cultura soviética. Diz que não conseguirá escrever sobre todos os dramas da época.

16) **De ilha em ilha:** O autor descreve que muitos presos eram levados até os campos por meio de botes. Menciona que, ao chegar, o detento precisava informar a profissão. Soljenítsin diz que o segredo da vida é não se inquietar. Reflete sobre a distância metafórica que separa os homens livres dos detentos.

Destaca-se que o esquema acima pretende fornecer um panorama das informações descritas por Soljenítsin para contextualizar a análise, e não esgotá-las. *Arquipélago Gulag* tem dimensão enciclopédica, o que impossibilita a abordagem de todos os temas por este trabalho.

## INTRODUÇÃO

Em discurso preparado quando do recebimento do Prêmio Nobel de Literatura, no ano de 1970, Aleksandr Soljenítsin escreveu que “uma palavra de verdade tem mais peso que o mundo inteiro”. Na mesma ocasião, ele aponta a literatura como a “memória viva da nação”, motivo pelo qual ele solicita que sua obra seja lida como historiografia.<sup>1</sup> A julgar pelo modo que se deu a derrocada da União das Repúblicas Socialistas Soviética em 1991, a primeira declaração parece conter nuances premonitórias. Ao fim da era Leonid Brêjniev (1964 a 1982), o fluxo de informações disponível na sociedade tornou-se crescente e mais livre, realidade nova para o cidadão soviético. Mikhail Gorbachóv, líder da URSS entre 1985 e 1991, instaurou medidas que favoreceram a liberdade de expressão e de publicações. Acreditava que um contexto cultural mais aberto aumentaria o apoio ao Partido Comunista, mas o que ocorreu foi justamente o contrário. O processo de abertura político o qual o líder acreditava ser capaz de comandar engoliu tanto a ele como a estrutura política vigente. As fissuras causadas pelo desejo popular de conhecer a verdade sobre o passado, bem como o abalo sísmico geopolítico representado pela queda do muro de Berlim e o abandono do modelo comunista por inúmeros países do Leste Europeu a partir de 1989, derrubaram um gigante que se supunha inabalável.<sup>2</sup>

Em *O fim do homem soviético*, Svetlana Aleksiévitich conversa com pessoas que vivenciaram a surpreendente derrocada. O conjunto de testemunhos transcritos no livro deixa transparecer um clima de desilusão em relação ao regime. Havia uma sensação generalizada de que o Partido Comunista estava preso em uma espécie de limbo e que não tinha poderes nem para resgatar o socialismo, nem para fazer a nação avançar socialmente. Além disso, o novo contexto de abertura econômica e política trazido pela *perestroika* e pela *glasnost* (reestruturação e transparência, em tradução livre) trouxe novas complexidades para o cotidiano da população soviética. Uma delas dizia respeito ao forte poder de atração exercido pelo modelo de vida capitalista. Nos depoimentos das pessoas, é possível perceber que a questão soviética não era tão importante para os jovens quanto a possibilidade de vestirem jeans, de possuírem automóveis e de encontrarem produtos variados nos supermercados. Em um impactante testemunho que resume o sentimento, Ielena Iúrievna, que havia trabalhado como secretária do comitê distrital do Partido, lamenta: “As pessoas não vão dormir pensando em algo elevado,

---

<sup>1</sup> ROGGER, Hans. “Twentieth-Century Russia in the Mirror of Solzhenitsyn’s Fiction”. **Russian History**, vol. 3, nº 1, 1976, p. 33.

<sup>2</sup> GILLESPIE, David. “Russian Writers Confront the Past: History, Memory, and Literature, 1953-1991”. **World Literature Today**, vol. 67, nº 1, 1993.

mas pensando que não compraram nada no dia. Você acha que o país desmoronou porque todos descobriram a verdade sobre o gulag? Quem pensa assim são os que escrevem livros”.<sup>3</sup>

De todos os complexos aspectos da questão, são justamente os livros, aqueles que os escrevem, e como tais instâncias discursivas lidaram com a questão do gulag o objeto deste trabalho. O presente texto acena para os anos de 1988-1989 não apenas como o ponto de não-retorno de uma crise política no sentido restrito. Foi nesse período, também, que algumas das obras mais importantes da literatura soviética tornaram-se de fato acessíveis para a população nacional. Depois de décadas de banimento, textos de Vassili Grossman, Varlam Chalámov e Boris Pasternak começaram a ser publicados.<sup>4</sup> A maioria das narrativas já havia sido publicada no exterior, ou circulado clandestinamente em solo soviético, mas, pela primeira vez, puderam ser lidas abertamente. Em comum entre as narrativas, destaca-se o tom crítico em relação ao regime comunista, motivo pelo qual foram proibidas. O fim de década chegou para mostrar que o interesse por tais obras relevadoras estava cada vez mais forte.

Crítérios estéticos à parte, Aleksandr Soljenítsin foi o escritor que trouxe a “palavra de verdade” mais impactante ao mundo soviético. Enquanto *persona* pública, o escritor foi um incômodo constante para o Estado, tanto pelas declarações públicas nada elogiosas aos líderes da URSS, quanto pela atenção constante que passou a receber do Ocidente. Estudiosos especulam que, não fosse a fama vertiginosa alcançada pelo Prêmio Nobel de Literatura, o autor provavelmente não teria sobrevivido às perseguições oficiais.<sup>5</sup> Literariamente, Soljenítsin também foi implacável. Ele produziu várias narrativas que retrataram o regime soviético de forma negativa, tais como *O primeiro círculo* e *O pavilhão dos cancerosos*. Nos dois textos, a sociedade é pensada por meio de imagens terríveis: seja comparada ao inferno, seja a um tipo de aglomeração formada por pessoas tomadas por doenças terríveis e incuráveis.

Entre as narrativas publicadas nos meses finais da URSS, estava o *Arquipélago Gulag*, que há alguns anos havia causado um cataclismo político. O livro, concluído em 1968, havia sido editado pela primeira vez em 1973, na França. Trata-se de relato detalhista e contundente do sistema soviético de campos de trabalhos forçados. Foi o primeiro esforço do tipo a ser realizado por um ex-detento. Até a publicação, muitas notícias sobre o terror bolchevique haviam chegado ao Ocidente, mas nunca de forma tão sistematizada. Em solo soviético, mesmo em clima de crescente abertura política e cultural, a publicação do texto foi conturbada. Em outubro de 1988, a revista *Nóvi Mir* (Novo Mundo) divulgou que o imprimiria em páginas

---

<sup>3</sup> ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **O fim do homem soviético**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 73.

<sup>4</sup> GILLESPIE, “Russian Writers Confront the Past: History, Memory, and Literature, 1953-1991”, 1993, p. 77-78.

<sup>5</sup> GARRARD, J. G. “Things Left Unsaid: Solzhenitsyn’s ‘Gulag Archipelago’” **Books Abroad**, vol. 49, n° 2, 1975.

futuras. O anúncio fez com que cerca de um milhão de exemplares do periódico fossem confiscados, pois a publicação não havia sido autorizada pelo Partido Comunista. A ação gerou revolta no setor mais intelectualizado da sociedade. A União dos Escritores, que havia acabado de encerrar um embargo de 25 anos a Soljenítsin, em parceria com várias figuras públicas, protestou perante o governo e, em agosto de 1989, a publicação pôde finalmente acontecer.<sup>6</sup>

Segundo Edward E. Ericson Jr. e Alexis Klimoff, autores de *The Soul and Barbed Wire: An Introduction to Solzhenitsyn*, a relevância do *Arquipélago* como fato cultural soviético é incontestável. Primeiramente, deve-se destacar o sucesso internacional da narrativa. Até o presente, o livro foi traduzido para 35 idiomas e vendeu mais de 30 milhões de exemplares,<sup>7</sup> fato notável para um texto com mais de 1800 páginas no original. O livro não foi apenas sucesso de vendas, mas influência historiográfica, pois popularizou a palavra *gulag* que, assim como o termo “holocausto”, tornou-se emblemática para se pensar os momentos mais sombrios do século XX. Para os pesquisadores, esse foi o maior feito da obra: tornar o gulag<sup>8</sup> imaginável.

Segundo Anne Applebaum, a publicação de *Arquipélago Gulag* recebeu atenção particular por ter marcado um dos primeiros esforços, dentro da URSS, de escrever a história dos campos forçados soviéticos.<sup>9</sup> No prefácio da edição americana do livro, a pesquisadora defende: “[...] quase imediatamente após a Revolução Russa, ele assumiu sua forma moderna e mais familiar, tornando-se parte integral do sistema soviético”.<sup>10</sup> No livro *Sussurros: a vida privada na Rússia de Stálin*, o historiador Orlando Figes explica que a existência dos campos não era oficialmente reconhecida pelas autoridades soviéticas. No entanto, cada família possuía ou conhecia casos de perseguição política que havia culminado em prisão nos campos de trabalho. “Estimativas conservadoras mostram que cerca de 25 milhões de pessoas foram reprimidas pelo regime soviético entre 1928, quando Stálin assumiu o controle da liderança do partido, e 1953, quando o ditador morreu”.<sup>11</sup> O efeito da atmosfera de terror foi uma população que não discutia

---

<sup>6</sup> EMERSON, Caryl. “The Word of Aleksandr Solzhenitsyn”. *The Georgia Review*, vol. 49, n° 1, 1995.

<sup>7</sup> ERICSON JR, E. *et al.* **The Soul and Barbed Wire: An Introduction to Solzhenitsyn**. Wilmington: ISI Books, 2008.

<sup>8</sup> O termo foi utilizado de forma ampla, conforme explicação de Anne Applebaum: “Com o tempo, passou a indicar não só a administração dos campos de concentração, mas também o próprio sistema soviético de trabalho escravo, em todas as suas formas e variedades: campos de trabalhos forçados, campos punitivos, campos criminais e políticos, campos femininos, campos infantis, campos de trânsito. De modo ainda mais amplo, *Gulag* veio a significar todo o sistema repressivo soviético, o conjunto de procedimentos que os presos outrora denominaram “o moedor de carne”: as prisões, os interrogatórios, o traslado em vagões de gado sem aquecimento, o trabalho forçado, a destruição de famílias, os anos de degredo, as mortes prematuras e desnecessárias”. In: APPLEBAUM, Anne. **Gulag: uma história dos campos de prisioneiros soviéticos**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009, p. 13.

<sup>9</sup> APPLEBAUM, Anne. “Prefácio”. In: SOLZHENITSYN, A. I. **The Gulag Archipelago 1918-1956: An Experiment in Literary Investigation**, New York: Harper Perennial Modern Classics, 2007.

<sup>10</sup> APPLEBAUM, **Gulag**, 2009, pp. 13-14.

<sup>11</sup> FIGES, Orlando. **Sussurros: a vida privada na Rússia de Stálin**. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 25; 418.

o passado, nem expressava opiniões políticas. Até mesmo em casa, as pessoas tinham medo de conversar e falavam através de sussurros para não sofrerem denúncias às autoridades.<sup>12</sup> Ou seja, tratava-se de uma sociedade na qual o isolamento e o silenciamento exerciam um poder social muito forte, aspectos que serão desenvolvidos no primeiro capítulo deste trabalho.

Muitos estudiosos defendem que a proximidade entre o lançamento do livro e o fim da URSS não é coincidência. Segundo Ericson Jr. e Klimoff, poucas obras rivalizam com o *Arquipélago* no que diz respeito aos efeitos políticos causados. Para eles, o livro contribuiu para o fim do experimento soviético, pois antes do escritor russo, ninguém havia conseguido deslegitimar o regime de forma tão eficaz.<sup>13</sup> A denúncia diz respeito, principalmente, a eventos ocorridos durante as lideranças de Vladímir Lênin e Ióssif Stálin, ou seja, entre os anos 1917 e 1953. Há menções ao período Nikita Khruschóv, mas elas são encontradas em menor proporção. Uma das piores acusações feitas pelo autor é a de que o regime soviético foi pernicioso não apenas por ter submetido cidadãos ao terror, mas por ter proporcionado uma experiência política e existencial desumanizadora. O terror bolchevique é apresentado como fenômeno coletivo e social com amplas consequências na esfera individual. Porém, mais que incriminar as pessoas no poder, Soljenítsin discute o grau de responsabilidade e colaboração de cada cidadão soviético. Questão central na narrativa diz respeito à possibilidade de resistência das vítimas e sobre quão ativamente as pessoas interferiram, ou tentaram interferir, nos próprios destinos, o que aponta para um componente de fatalismo do pensamento do autor em relação ao caráter do povo russo.

A experiência soviética, conforme relatada por Aleksandr Soljenítsin, é sombria e brutal. Porém, filtrada pela escrita multifacetada e criativa do autor, o texto frequentemente ressalta os aspectos absurdos da realidade comunista. O foco no contrassenso e nas bizarrices do sistema resultante das revoluções de 1917 acaba por chacoalhar duplamente o leitor: não apenas com o horror do conteúdo narrado, mas também com a força do estilo. O narrador insere riso dolorido e ironias cortantes quando meras descrições dos eventos em questão seriam suficientemente impactantes.

*Arquipélago Gulag* foi uma das narrativas que impediram que a visão do partido, oficial, fosse a única disponível para as pessoas. Neste sentido, ajudou a formar uma memória

---

<sup>12</sup> “Mas durante o regime soviético a cultura da delação assumiu significado e intensidade novos. Cidadãos soviéticos eram encorajados a denunciar vizinhos, colegas, amigos e até parentes. A vigilância era o primeiro dever de todo bolchevique”. FIGES, *Sussurros*, 2010, p. 72.

<sup>13</sup> A afirmação dos autores funciona enquanto tese, mas não se deve perder de vista o impacto de outros esforços, tais como a atuação da dissidência trotskista, por exemplo, ou mesmo de outras publicações, tais como *O zero e o infinito*, de Arthur Koestler, publicado em 1941.

nacional.<sup>14</sup> Porém, como o texto foi escrito durante a existência da União Soviética, Soljenítsin não o escreveu a partir de uma posição de distanciamento temporal.<sup>15</sup> Em entrevista concedida à Maria Lúcia G. Pallares-Burke, o historiador Robert Darnton afirmou que, “retrospectivamente, o império soviético agora parece tão instável que ficamos assombrados que tenha se mantido coeso por mais de meio século; e estou certo de que futuros historiadores encontrarão mais argumentos para a superdeterminação quando analisarem sua queda”.<sup>16</sup> A palavra-chave da citação é *retrospectivamente*. Se hoje em dia o fracasso comunista parece um resultado inevitável, é importante destacar que tal impressão não era comum no passado, principalmente nas décadas de 1950 e 1960. Durante a escrita do livro, Soljenítsin tinha plena convicção de que o regime estava falido, o que aponta para a sua habilidade de leitor da sociedade.

A vasta investigação de Soljenítsin contém sete partes, divididas em três tomos.<sup>17</sup> A descrição mais específica do cotidiano nos campos de trabalho forçado é reservada para o último tomo. A presente pesquisa consiste em análise do primeiro volume do *Arquipélago Gulag*, onde encontram-se as duas primeiras partes da narrativa. O foco das referidas seções é a descrição do estado soviético como palco de um regime erguido sobre o medo, terror e a violação da dignidade humana. Ou seja, o estudo visa a explicitar o modo com que o narrador descreve as diversas nascentes que, juntas, deram origem ao regime soviético, tumultuoso e impetuoso como uma grande torrente. Outros aspectos a serem ressaltados são os antecedentes, os pilares sociais e políticos de sustentação dos campos de trabalho forçado a partir da representação textual dada por Soljenítsin. O texto é organizado em torno de um projeto de linearidade: o começo trata da captura do preso e posteriormente há descrição de vários aspectos do sistema judicial da URSS. Cada capítulo aborda um assunto específico.

A delimitação do escopo do primeiro dos três volumes de *Arquipélago Gulag* não implica em empobrecimento da pesquisa. Apesar de nunca perder de vista o fato de pertencer a um projeto maior, o primeiro volume de *Arquipélago Gulag* possui desfecho e faz sentido por

---

<sup>14</sup> GILLESPIE, “Russian Writers Confront the Past: History, Memory, and Literature, 1953-1991”, p. 78.

<sup>15</sup> Destaca-se que não é consensual, teoricamente, o fato de que a História lida com o passado. Neste sentido, vale citar a célebre frase de Marc Bloch, que defende que a História é a ciência “dos homens, no tempo”. O historiador defende que a abordagem do passado é tão complexa quanto a do presente. BLOCH, Marc. **Apologia da história**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 51.

<sup>16</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia G. **As muitas faces da história**: nove entrevistas. 2ª ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2000, pp. 233-267.

<sup>17</sup> Devido a restrições idiomáticas, a análise primária foi feita a partir da edição brasileira do livro: SOLJENÍTSIN, Aleksandr. **Arquipélago Gulag**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, vol. 1, 1976. A tradução inglesa também serviu como fonte de consulta: SOLZHENITSYN, Aleksandr. **The Gulag Archipelago 1918-1956: An Experiment in Literary Investigation**. Translated from the Russian by Thomas P. Whitney. New York: Harper Perennial Modern Classics, 2007. Subsidiariamente, o original em russo também foi consultado para o saneamento de algumas dúvidas: <<http://a-solzhenitsyn.narod.ru/index/0-2>>. Destaca-se que o fato de a análise ter sido realizada a partir do texto em português não impossibilita as discussões trazidas por este trabalho.

si só. É válido olhar para ele como uma grande introdução do projeto, no qual são ressaltados os aspectos estatais, judiciais e sociais, ou seja, o panorama da questão. Portanto, o primeiro volume não adentra, no sentido estrito, o gulag. Em muitos momentos remete mais a experiências prisionais que aos campos de trabalho forçado, porém, acena constantemente para eles. A prova disso é que, no fim da narrativa, é abordado o transporte físico dos presos até os campos de trabalho. Cada palavra, interpretação e descrição fornecidas por Soljenítsin no primeiro volume da série estão voltadas fixamente para o destino, físico e metafórico, em direção ao qual o livro culmina. O primeiro volume percorre da primeira à última estação que leva aos campos de trabalho. O foco, aqui, é o percurso, a trajetória.

Três dimensões do *Arquipélago Gulag* são destacadas por esta dissertação. A primeira diz respeito ao **conteúdo** narrativo, ou seja, as experiências do cotidiano soviético mencionadas no livro. Alguns dos temas desenvolvidos por Soljenítsin são: ondas de prisão em massa, crítica ao mito leninista, prisão e morte silenciosa dos camponeses, legislação que sustentava o terror, métodos de tortura utilizados pelo Estado, atuação fictícia dos tribunais, expurgos, perseguição religiosa e consequências da Segunda Guerra Mundial para a URSS. O primeiro e o segundo capítulo do trabalho identificam as principais questões políticas do texto e se debruça sobre elas, de modo a contextualizar a análise geral. Também há contextualização e descrição da tradição literária na qual o autor se insere.

A segunda dimensão a ser destacada é a **forma narrativa** do *Arquipélago*. O autor pretendia escrever a verdade sobre a URSS, mas não desenvolveu um texto historiográfico acadêmico, fez, antes, uma narrativa mista. O terceiro capítulo deve analisar o texto sobre o ponto de vista do distanciamento e da experiência vivida. A exposição teórica não deve perder de vista que o lugar de escrita de Soljenítsin é complexo, pois: 1) ele se propôs a escrever a narrativa para desmascarar a verdade sobre o regime soviético, que ele julgava escamoteada; 2) ele tinha posicionamento negativo modo de condução social e político soviético, tema do livro; 3) Soljenítsin era movido por uma proposta moral: honrar as vítimas do terror; 4) o autor participou dos eventos narrados.

O terceiro aspecto a ser destacado tem a ver com o **estilo**, o uso da linguagem e a postura do **narrador**. Ao utilizar de ironia, sarcasmo, alegorias, anedotas e de reflexões de cunho filosófico-existencial, ele pretendia se aproximar do leitor e tornar mais forte o apelo do livro. A partir da tese de que o regime bolchevique desumanizou os cidadãos, o autor refletiu sobre valores e conceitos que perpassam, essencialmente, a condição humana: liberdade, dignidade, mortalidade etc. O quarto capítulo da dissertação deve responder as perguntas: De que forma

as passagens mais romaneadas lançam luz sobre o regime? Mesmo que não haja resposta certa, ao fim do quarto capítulo o trabalho deverá responder à questão: **como o *Arquipélago* se comporta como narrativa entre as ilhas do romance, da memória e da história?**

Por fim, faz-se necessário ressaltar alguns aspectos extratextuais do trabalho a ser desenvolvido. A presente dissertação está inserida em uma trajetória intelectual iniciada em 2013, quando a autora ingressou no mestrado em literatura da Universidade de Brasília (UnB). À ocasião, desenvolveu a pesquisa “Tanatografia n’*Os Demônios* de Dostoiévski: arena discursiva e suicídio literário de Stavróguin” (2015), na qual se debruçou sobre os aspectos da escrita sobre morte no romance do escritor russo a partir dos preceitos de Mikhail Bakhtin. A conclusão do texto deixou inúmeras dúvidas e inquietações, inclusive sobre até que ponto o livro, escrito em 1871, poderia ser encarado como profecia dos acontecimentos políticos vividos pela União Soviética no século XX. Até que ponto a leitura dostoiévskiana de que as “esperanças luminosas”<sup>18</sup> dos revolucionários tinha tudo para desembocar não no paraíso terrestre, mas em verdadeira arena infernal, se concretizou? Nesse sentido, a autora buscou possíveis respostas em Aleksandr Soljenítsin, autor russo que produziu toda uma obra literária a partir do sentimento de descrença em relação às revoluções. *Arquipélago Gulag* (1973) foi publicado quase exatamente um século após *Os demônios* e, em muitos momentos, parece dialogar e responder diretamente ao cenário catastrófico anunciado pela narrativa de *Os Demônios*. O intervalo temporal é bastante significativo e a aproximação entre os dois textos é fecunda, tema que provavelmente será abordado, de alguma maneira, em futura tese de doutorado. Neste contexto, a presente dissertação a seguir visa a solidificar e explorar bases teóricas que permitirão a realização deste grande projeto acadêmico e pessoal.

---

<sup>18</sup> DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Os demônios**. São Paulo: editora 34, 2004, p. 40.

## CAPÍTULO 1: RUMO AO ARQUIPÉLAGO

*Quem de nós não quis se arrancar para sempre dessa prisão que ocupa a quarta parte do globo terrestre, desse império monstruoso, em que todo inspetor de polícia é um tsar e o tsar é um inspetor de polícia coroado?*

Aleksandr Herzen, *Literatura e pensamento social*

Em *Uma história cultural da Rússia*, Orlando Figes defende que “em lugar nenhum o artista foi mais sobrecarregado com a tarefa da liderança moral e da profecia nacional, nem mais temido e perseguido pelo Estado”.<sup>19</sup> Desde a era pré-revolucionária, a literatura nunca perdeu de vista as questões relacionadas ao cotidiano e à organização da sociedade. Escritores sempre estiveram na vanguarda do esforço de tentar compreender o presente e o passado: frequentemente lideravam o debate sobre questões coletivas. Os literatos eram vistos pelo povo como bússolas morais<sup>20</sup> e como intermediários na busca pelas verdades do universo.<sup>21</sup> Críticos literários, tais como Vissarion Bielínski (1811-1848) e Nikolai Tchernichévski (1828-1889), lideravam o debate intelectual e exerciam influência nas polêmicas e temas do dia-a-dia.

Especificamente sobre o século XIX, Bruno Gomide, estudioso da cultura russa, explica que os textos literários eram a principal arena de reflexão sobre o contexto social da época. Na apresentação do livro *Antologia do pensamento crítico russo (1802-1901)*, o pesquisador explica que, à época, a figura do escritor era o principal centro de atenção no que dizia respeito às representações do sentimento nacional: “[...] A arte de Dostoiévski e Tolstói tinha o papel crítico de informar, admoestar, intervir e profetizar, mesclando radicalmente áreas de atuação que em outros países, *grosso modo*, encontravam-se mais autonomizadas”.<sup>22</sup>

Sobre a questão, em 1840, o filósofo russo Aleksandr Herzen defendeu que em um país sem liberdade de expressão, a literatura se torna arena de discussão social. A informação consta do estudo “A War on Two Fronts: Solzhenitsyn and The Gulag Archipelago”, do pesquisador Martin Malia. O mesmo artigo explica que, até 1917, a literatura não apenas era a principal forma de expressão da consciência russa, mas também era importante voz de resistência política, pois era essencialmente contra o poder vigente.<sup>23</sup> Com a virada do século, a expressão intelectual passou a se dar de forma diferenciada, aspecto que o filósofo Marshall Berman

---

<sup>19</sup> FIGES, Orlando. **Uma história cultural da Rússia**. Rio de Janeiro: Record, 2017, p. 21.

<sup>20</sup> GILLESPIE, “Russian Writers Confront the Past: History, Memory, and Literature, 1953-1991”, 1993, p. 75.

<sup>21</sup> EMERSON, “The Word of Aleksandr Solzhenitsyn”, 1995, p. 64-66.

<sup>22</sup> GOMIDE, Bruno. “Apresentação”. In: GOMIDE, B. **Antologia do pensamento crítico russo (1802-1901)**. São Paulo: editora 34, 2013, p. 7-8.

<sup>23</sup> MALIA, Martin. “A War on Two Fronts: Solzhenitsyn and the Gulag Archipelago”. **The Russian Review**, vol. 36, n° 1, 1977, p. 51.

atribui ao fato de a imaginação e as perspectivas terem se tornando mais restritas. “Nossos pensadores do século XIX eram simultaneamente entusiastas e inimigos da vida moderna, lutando desesperados contra suas ambiguidades e contradições; sua autoironia e suas tensões íntimas constituíam as fontes primárias de seu poder criativo”. Ainda segundo o mesmo autor, os pensadores do século XX marcharam em sentido contrário, pois muitas vezes difundiam posicionamentos bem definidos e maniqueístas.<sup>24</sup> No contexto deste trabalho, a citação acena para o aspecto polarizado e acusatório da escrita de Soljenítsin, que atuava a partir de concepções pessoais e espirituais a respeito do bem e do mal.

No período que se seguiu a 1917, textos literários foram utilizados como instrumentos de intervenção social. Em *Russian Literature Since the Revolution*, Edward J. Brown defende que nenhum outro Estado exerceu tamanho controle sobre a produção ficcional de uma época como o soviético:<sup>25</sup> escritores eram compelidos a adotar posturas específicas perante a literatura. Produções que não fossem guiadas por princípios ideológicos não eram aceitas oficialmente; manifestações literárias eram usadas pelo Estado visando alcançar efeitos políticos. Diante desse quadro, Brown defende que o governo soviético atuou como “editor, tutor e censor literário”.<sup>26</sup>

A literatura continuou a exercer papel ambíguo e ambivalente na época em que Soljenítsin escreveu *Arquipélago Gulag*. Neste contexto, vale citar frase de Viatchesláv Ivanov, proferida em um evento sobre Fiódor Dostoiévski. Para o filólogo, “a literatura russa sempre carregou obrigações alheias [...] Hoje em dia, Aleksandr Isaevich [Soljenítsin] não está realmente fazendo o próprio trabalho, mas realizando o trabalho dos historiadores que não existem na Rússia atual”.<sup>27</sup> A declaração, feita no ano de 1990, insere o presente autor na tradição literária russa que nunca perde de vista os temas políticos. Ela também revela que, às vésperas da derrocada da URSS, a reflexão sobre o passado ainda era uma tarefa penosa e complicada e que a arte carregava grande responsabilidade social.

Estivesse ou não realizando tarefas alheias, a questão inicial a ser abordada por este trabalho é o fato de que Soljenítsin escreveu o texto de *Arquipélago Gulag* a partir de um impulso historiográfico. Porém, antes de analisar se o texto pode ou não ser lido desta maneira, é preciso pensar sobre o que diz a “história” de Soljenítsin.

---

<sup>24</sup> BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1982, p. 22-23.

<sup>25</sup> A separação entre Estado e literatura ocorreu apenas em 1989. A partir de 1986, durante o governo Gorbachóv, a URSS passou por momento de florescimento cultural. O campo literário foi um dos primeiros a se flexibilizarem. GILLESPIE, “Russian Writers Confront the Past: History, Memory, and Literature, 1953-1991”, 1993, p. 78-9.

<sup>26</sup> BROWN, E. J. **Russian Literature Since the Revolution**. Cambridge: Harvard University Press, 1982, p. 3; 6; 176.

<sup>27</sup> EMERSON, “The Word of Aleksandr Solzhenitsyn”, 1995, p. 67.

## 1.1. DADOS INICIAIS

Para entender alguns dos temas abordados pelo *Arquipélago Gulag*, é preciso lembrar que a escrita do texto ocorreu em um contexto político mundial específico e que ele não foi nem pacífico, nem neutro. Primeiramente, vale destacar a narrativa como fruto do século XX, período que apresentou grandes desafios para a História. Experiências extremas tais como as guerras mundiais, a bomba atômica e o genocídio nazista nos campos de concentração colocaram em xeque os limites da capacidade do homem. As certezas sobre a experiência humana e sobre as possibilidades de representá-la foram abaladas. Segundo o historiador italiano Enzo Traverso, em *La historia como campo de batalla*, uma das consequências do século XX foi o enfraquecimento da ideia de progresso e o fim das quimeras políticas relacionadas a sociedades utópicas.<sup>28</sup> Sobre o contexto de desilusão da época, Traverso defende que a queda do socialismo não foi o único fator que a engendrou. Outras causas listadas são: a crise do fordismo, fragmentação do processo de trabalho, penetração de modelos individualistas e competitivos entre os assalariados. Nesse contexto, explica que nem sempre o comunismo foi percebido como regime violento e ditatorial, pois havia levado a esperança para muitas pessoas, despertado a consciência, o sentimento de dignidade e de emancipação nas classes sociais mais baixas. De toda forma, o clima de desilusão generalizado fez com que as sociedades se preocupassem mais com o tempo passado.<sup>29</sup>

Outro aspecto a ser considerado a respeito da publicação do *Arquipélago* e que explica em parte a estrondosa recepção do livro no Ocidente diz respeito ao que se convencionou chamar de Guerra Fria. No livro *Dreamworld and Catastrophe*, Susan Buck-Morss explica que a historiografia tende a localizar o início da tensão política em 1947, quando da instauração da Doutrina Truman, pelos Estados Unidos, como medida para frear o comunismo. Segundo a autora, porém, não se deve perder de vista que a lógica anticomunista já existia na Segunda Guerra Mundial e a Revolução Bolchevique de 1917 foi vista com maus olhos desde o começo, principalmente pela ameaça que ela representava à separação entre economia e política.

Ainda no contexto das catástrofes do século XX, ressalta-se que importantes conceitos culturais como *revolução* e *comunismo*, por exemplo, passaram a ser associados ao contexto totalitário, em vez de apontar para transformações políticas emancipadoras. Segundo Enzo Traverso,

---

<sup>28</sup> Sobre a questão, Susan Buck-Morss afirma que o grande sonho do século XX, tanto no capitalismo como no socialismo, foi a construção de utopias de massa. Os esforços se mostraram ilusórios e foram abandonados ao fim do período. BUCK-MORSS, **Dreamworld and Catastrophe**, 2002, p. 9.

<sup>29</sup> TRAVERSO, Enzo. **La historia como campo de batalla**: Interpretar las violencias del siglo XX. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2012, p. 292; 295.

alguns atributos desses regimes foram: censura, monopólio estatal sobre os meios de comunicação, imposição de uma ideologia central e instauração do sistema de partido único conduzido por um líder carismático e forte controle estatal na economia. Particularidades adicionais destacadas são: “A violência como forma de governo, graças à implementação de um sistema de campos de concentração tendente a exclusão e eliminação dos adversários políticos ou de grupos considerados alheios a uma comunidade homogênea nos planos político, nacional ou racial”.<sup>30</sup> A citação é importante pois se aproxima bastante do conteúdo das denúncias feitas por Soljenítsin no *Arquipélago*.

O conceito de totalitarismo é fecundo para iluminar características da sociedade soviética apontadas por Soljenítsin, mas deve ser utilizado com ressalvas. Segundo o historiador Daniel Aarão Reis,<sup>31</sup> a noção foi usada como arma política na Guerra Fria. Este trabalho o utiliza a partir das considerações de Hannah Arendt. Para a filósofa, as ditaduras recentes se diferenciam de antigas tiranias pelo uso cotidiano do terror como forma de dominar as massas. Para ela, a violência política do século XX atingiu vítimas inocentes e, quando utilizada em prol de ideologias, desembocou no totalitarismo. “Até hoje conhecemos apenas duas formas autênticas de domínio totalitário: a ditadura do nacional-socialismo, a partir de 1938, e a ditadura bolchevista, a partir de 1930”.<sup>32</sup> Arendt identificou diferença<sup>33</sup> entre os regimes de Adolf Hitler e Stálin, como a utilização da guerra com fins políticos. No primeiro caso, o conflito bélico levou à consolidação do totalitarismo, enquanto no segundo, provocou a suspensão temporária da ingerência absoluta.<sup>34</sup> Para a filósofa, o acontecimento decisivo para o fim da experiência totalitária na URSS foi a morte de Stálin, em 1953, ao contrário do que ocorreu na Alemanha, cujo fator determinante foi o fim da Segunda Guerra Mundial.

Sobre as especificidades dos dois regimes, Traverso explica que o nazismo se tornou mais extremado ao longo dos doze anos que permaneceu vigente. O processo vivido pela URSS foi diverso e se constituiu em “uma sucessão de etapas (revolucionária, autoritária, totalitária e pós-totalitária) que se estendeu por 70 anos”.<sup>35</sup> Ele explica ainda que o comunismo realizou expropriações de bens e terras da elite e imbricou a economia com atividade estatal, enquanto o nazismo manteve-se no regime capitalista. O pesquisador também cita diferenciação apontada por Raymond Aron entre os sistemas soviético e alemão: “O primeiro conduziu ao *campo de trabalho*, ou seja, a uma forma de violência

---

<sup>30</sup> TRAVERSO, *La historia como campo de batalla*, 2012, p. 202.

<sup>31</sup> REIS, Daniel Aarão. “As revoluções que mudaram a história”. In: REIS, D. A. (Org.). *Manifestos vermelhos e outros textos históricos da Revolução Russa*. São Paulo: Penguin Classic Companhia das Letras, 2017, p. 19-21.

<sup>32</sup> ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 30.

<sup>33</sup> ARENDT, *Origens do totalitarismo*, 2012, p. 417.

<sup>34</sup> A ideologia, a propaganda e os slogans que enalteciam a figura de Stálin perderam força durante a guerra. Certa liberdade de expressão foi restabelecida. FIGES, *Sussurros*, 2010, p. 499; 503.

<sup>35</sup> TRAVERSO, *La historia como campo de batalla*, 2012, p. 202.

vinculada com um projeto de transformação autoritária da sociedade; o segundo, à câmara de gás, ou seja, ao extermínio como finalidade em si mesmo, inscrito em um propósito de purificação racial”.<sup>36</sup> O historiador italiano discorre sobre o fato de que, nos campos da URSS, exigia-se bastante esforço físico dos *zeks* (detentos) nas seguintes atividades: limpeza de terrenos, trabalho nas minas, construção de ferrovias e de cidades. Os homens eram utilizados como mão de obra em prol do avanço socialista. Na Alemanha nazista, a tecnologia e indústria eram aplicadas no aniquilamento puro e simples de seres humanos, que não eram utilizados com fins econômicos. Por fim, as taxas de mortalidade nos campos de cada sistema apresentam estatísticas diversas. No gulag, as baixas ocorriam devido às péssimas condições de trabalho, e a quantidade de mortos “[...] nunca superou 20%, apesar do caráter massivo da deportação (18 milhões de cidadãos soviéticos entre 1929 e 1953), enquanto nos campos de concentração nazistas foi de 60% e nos campos de extermínio foi superior a 90%”.<sup>37</sup>

Ao elencar as particularidades entre nazismo e comunismo, Traverso aponta para aspecto central na denúncia de Soljenítsin: segundo o pesquisador italiano, o terror soviético apresentou a especificidade de estar voltado para dentro, enquanto a vertente nazista aterrorizava grupos externos. A violência bolchevique buscava não apenas disciplinar, “[...] mas também transformar e modernizar através de métodos autoritários, coercitivos e criminais. As vítimas do stalinismo quase sempre foram os cidadãos soviéticos”.<sup>38</sup> Sobre o stalinismo, é válida a indicação de Hannah Arendt, para quem os anos mais cruciais do período, que ultrapassou as duas décadas de duração, teriam sido de 1929 a 1941 e de 1949 a 1953. Para a filósofa, o regime político promoveu abordagem quase fictícia da realidade, além de ter enfraquecido laços sociais para destruir a liberdade individual.

Destaca-se que a aproximação entre os dois regimes é realizada feita por Soljenítsin ao longo do texto e que, na maioria das vezes, o autor insinua que o regime soviético foi mais cruel que o nazismo. Um dos momentos em que a comparação é feita é quando o autor defende que Alemanha lidou de forma mais justa e branda com os inimigos político internos. No segundo capítulo, cita o caso de um contemporâneo de Hitler que foi condenado a dois anos de prisão por ter pertencido ao Partido Comunista. O autor também cita, com surpresa, o fato de o homem ter sido colocado em liberdade ao fim da pena. Destaca-se que a informação é oferecida em uma nota de rodapé, logo após o autor ter dedicado algumas páginas do *Arquipélago* a defender que os bolcheviques haviam aniquilado e fuzilado todos os seus adversários políticos. Em outro momento, critica oficiais que justificaram atos cruéis com o argumento de que estavam

---

<sup>36</sup> ARON, Raymond. **Démocratie et Totalitarisme**, Paris: Galimard, 1965, pp. 298-299. Citado em TRAVERSO, **La historia como campo de batalla**, 2012, p. 203.

<sup>37</sup> TRAVERSO, **La historia como campo de batalla**, 2012, p. 205.

<sup>38</sup> TRAVERSO, **La historia como campo de batalla**, 2012, p. 203.

cumprindo ordens e acena ao fato de que os nazistas haviam apresentado o mesmo argumento, numa crítica que aponta para a tese da banalidade do mal, defendida por Hannah Arendt.<sup>39</sup>

Por fim, ainda no contexto de breve comparação entre os dois regimes, ressalta-se que, para Hannah Arendt, a experiência totalitária soviética ultrapassou aquela da Alemanha nazista em um aspecto: a aplicação do terror tornou-se, ao longo do tempo, aleatória e passou a atingir amplamente pessoas inocentes (no sentido de que não haviam cometido crimes que motivassem a prisão). Se a princípio a perseguição policial e a violência estatal pareciam movidas por diferenças ideológicas ou de classe, posteriormente a motivação se perdeu. A filósofa ressalta a importância de se refletir sobre a identidade das vítimas pois, para ela, o componente de indeterminação é significativo. Ao pensar sobre o terror, defende que ele geralmente se estabelece como forma de governo para consolidar uma forma particular de ver o mundo e que só é possível pensar tal estrutura a partir do apoio geral. Portanto, qualquer pessoa que se proponha a pensar o terror deve questionar os sujeitos envolvidos no processo, ou seja, não apenas em quem o comete e em quem o sofre, mas naqueles que permitem que a prática continue vigente. Nesse sentido, a aparente casualidade nas vítimas do terror soviético parece dizer muito sobre uma sociedade movida pelos ideais de coletivização e homogeneização social.<sup>40</sup> Sobre a questão, destaca-se que o *Arquipélago Gulag* também apresenta uma tese da responsabilidade social diante do terror estatal, que será analisada no terceiro capítulo desta dissertação.

Outro aspecto essencial da narrativa de *Arquipélago Gulag*, sem o qual a narrativa perderia o propósito, é o fato de que ela diz respeito a um Estado resultante de uma revolução,<sup>41</sup> ou pelo menos da atuação direta de um grupo revolucionário. Como panorama da questão, vale citar as considerações de Daniel Aarão Reis. Para ele, o que se conhece como Revolução Russa<sup>42</sup> não foi evento isolado, mas um conjunto de situações. Para o pesquisador, o processo revolucionário popular começou em 1905 e contou com dois momentos principais no ano de 1917: fevereiro e em outubro. Teve continuidade durante as guerras civis (ele propõe a denominação no plural, abrangendo incidentes ocorridos entre 1918 e 1921), período decisivo

---

<sup>39</sup> ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

<sup>40</sup> ARENDT, **Origens do totalitarismo**, 2012, p. 29-30.

<sup>41</sup> Em *La historia como campo de batalla*, Traverso explica que os eventos de Outubro de 1917 possuem características de revolução e golpe de Estado: foi ato de força conduzido pelos bolcheviques, mas também se inseriu em um contexto revolucionário que vinha se desenvolvendo desde a queda do tsarismo. Traverso destaca que a transferência de poder não foi fruto de levante popular: soldados tomaram o Palácio e detiveram membros do governo provisório. O pesquisador ressalta que a troca de poder foi aprovada pelo congresso dos soviets.

<sup>42</sup> “Como as revoluções são sublevações sociais e políticas complexas, os historiadores que escrevem sobre elas tendem a divergir quanto às questões mais básicas — suas causas, os objetivos revolucionários, o impacto na sociedade, o resultado político e até mesmo a extensão temporal da revolução em si. No caso da Revolução Russa, o ponto inicial não apresenta problema: quase todo mundo considera que ele seja a “Revolução de Fevereiro de 1917” [...] FITZPATRICK, Sheila. **A revolução russa**. São Paulo: Todavia, 2017.

na consolidação da ditadura política. A Revolução se desdobrou ainda na suprimida revolta dos marinheiros de Kronstadt, em março de 1921. Na ocasião, marinheiros se rebelaram e exigiram o restabelecimento da democracia revolucionária, bem como a libertação dos presos políticos, sem sucesso. Depois do incidente, o modelo político soviético se consolidou. Para Reis, o movimento revolucionário se encerrou durante os anos de 1928 e 1932, marcados por transformações conduzidas pelo Estado, como por exemplo, a coletivização forçada.<sup>43</sup>

Por fim, ainda em esforço de contextualizar elementos destacados por Soljenítsin no *Arquipélago*, destaca-se que, quando chegaram ao poder, os bolcheviques atribuíram as questões de segurança à Tcheká.<sup>44</sup> Criada em 1917 para reduzir casos de roubos e saques, ao longo do tempo se tornou uma polícia política, atenta a atividades contrarrevolucionárias. Durante a Guerra Civil, a comissão exerceu abertamente o terror: ordenava execuções e prendia os supostos inimigos do regime.<sup>45</sup> “De acordo com dados bolcheviques relativos a vinte províncias da Rússia europeia em 1918 e na primeira metade de 1919, pelo menos 8389 pessoas foram fuziladas sem julgamento pela Tcheká, e 87 mil foram presas”.<sup>46</sup> O aparato estava à margem da administração soviética. “Não tinha nenhuma tradição de legalidade, nenhuma obrigação de respeitar o Estado de direito, nenhuma necessidade de consultar a polícia, os tribunais ou o comissário da justiça”.<sup>47</sup> O instrumento recebeu várias alcunhas com o passar dos anos: GPU, OGPU, NKVD, MGB e, finalmente, KGB.<sup>48</sup> Os dados são importantes, pois dialogam com a tese de Soljenítsin de que o Estado soviético foi repressivo desde o nascimento.

Ainda sobre a Revolução Russa, outro aspecto com incidência direta nos assuntos abordados pelo *Arquipélago* diz respeito ao fato de que os acontecimentos de Outubro nasceram no seio do turbilhão político causado pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918). O aspecto é ressaltado pelo historiador Enzo Traverso, que destaca o fato de a tomada de poder não ter se repetido em outros países. Apesar da expectativa de que a insurreição fosse o prólogo de uma revolução mundial, as previsões não se concretizaram: ao fim do período de Guerra Civil na Rússia, também acabaram as tentativas revolucionárias no continente europeu.<sup>49</sup> Ressalta-se o caráter “local” da Revolução, pois ele permitiu que, a partir de 1925, Stálin instaurasse o

---

<sup>43</sup> Dados da palestra “O ciclo das revoluções russas - da democracia à ditadura política”, proferida por Daniel Reis (UFF), em 6/6/2017, na Universidade de São Paulo, no “Seminário Internacional 100 anos da Revolução Russa em debate”.

<sup>44</sup> Comissão Extraordinária de Toda a Rússia para o Combate à Contrarrevolução, à Sabotagem e à Especulação. FITZPATRICK, **A revolução russa**, 2017, p. 114.

<sup>45</sup> FITZPATRICK, **A revolução russa**, 2017, p. 114-115.

<sup>46</sup> FITZPATRICK, **A revolução russa**, 2017, p. 115.

<sup>47</sup> APPLEBAUM, **Gulag**, 2009, p. 49.

<sup>48</sup> APPLEBAUM, **Gulag**, 2009, p. 53.

<sup>49</sup> TRAVERSO, **La historia como campo de batalla**, 2012, p. 95.

programa de “socialismo em um só país”, que priorizava o fortalecimento industrial soviético.<sup>50</sup> A política, somada ao esvaziamento do poder ocasionado pela morte de Lênin, primeiro líder da União Soviética, permitiu que Stálin orquestrasse todo um plano de enfraquecimento dos rivais e que sua posição política saísse fortalecida.<sup>51</sup>

Stálin permaneceu no poder até a morte, em 1953. Um marco de seu governo foi o Primeiro Plano Quinquenal (1929-1932),<sup>52</sup> que teve foco na industrialização e na coletivização coercitiva. À época, o cotidiano soviético se tornou mais sombrio: “A oposição política e a resistência aos programas de governo eram denunciadas como traições e frequentemente punidas com uma severidade quase de tempos de guerra”.<sup>53</sup> A GPU passou a perseguir supostos inimigos do governo e, em 1928, engenheiros da região de Donbás (região no leste da Ucrânia) foram julgados por sabotagem. Outro processo famoso foi o do “Partido Industrial”, no qual pessoas foram acusadas de planejar um golpe antissoviético com o apoio de potências internacionais, caso mencionado por Soljenítsin no *Arquipélago*. Na mesma época, começou a perseguição contra os *kulaks*, categoria que, na teoria, englobava camponeses abastados mas que, na prática, era aleatória. A questão tornou-se central, pois Stálin os julgava responsáveis pela escassez de grãos. Para o líder, apenas uma agricultura totalmente coletivizada resolveria o problema do abastecimento na URSS e medidas drásticas foram adotadas para que o ideal se concretizasse.<sup>54</sup> Soljenítsin aponta o período como a primeira onda de prisão em massa soviética, na qual cerca de 15 milhões de mujiques teriam sido arrastados de suas casas. Afirma, categoricamente, que este foi o pior crime cometido por Stálin.

Em 1936, Stálin declarou que o socialismo estava estabelecido. O ano também foi palco do processo que iniciou a era dos grandes expurgos, protagonizado por Liev Kamenev e Grigori Zinóviev. Acusados de terem participado do assassinado de Kírov (chefe do Partido em Leningrado), foram condenados à morte.<sup>55</sup> O clima de perseguição consolidou-se no ano seguinte: “[...] foi na plenária de fevereiro-março do Comitê Central, em 1937 que Stálin, Mólotov e Nikolai Iejóv (novo chefe da NKVD, como a polícia secreta foi rebatizada em 1934)

---

<sup>50</sup> Sobre a questão e sobre Stálin, Fitzpatrick afirma: “Fortalecera amplamente o braço policial do Estado e criara o gulag, o império de campos de trabalho forçado que se tornou intimamente conectados com o impulso de industrialização (como fornecedor de mão de obra prisioneira em áreas em que havia carência de trabalhadores livres) [...]”. FITZPATRICK, **A revolução russa**, 2017, p. 216.

<sup>51</sup> FITZPATRICK, **A revolução russa**, 2017, p. 158; 160-3; 170-1.

<sup>52</sup> “[...] na verdade, era um híbrido de genuíno planejamento econômico e exortação política”. FITZPATRICK, **A revolução russa**, 2017, p. 194.

<sup>53</sup> FITZPATRICK, **A revolução russa**, 2017, p. 178.

<sup>54</sup> “Em 1932, de acordo com dados oficiais soviéticos, 62% das propriedades familiares camponesas tinham sido coletivizadas. Em 1937, essa proporção tinha subido para 93%”. FITZPATRICK, **A revolução russa**, 2017, p. 198-203.

<sup>55</sup> FITZPATRICK, **A revolução russa**, 2017, p. 221; 227-229; 239-240.

deram o sinal que desencadeou a caça às bruxas”.<sup>56</sup> A atuação da polícia tornou-se tão frequente que as detenções pareciam fortuitas. Poucos sabiam por que haviam sido detidos e praticamente todas as pessoas conheciam alguém que havia sido capturado. Nas grandes cidades, a reação mais comum era a conformidade. Muitos davam como certo que seriam presos e deixavam uma mala pronta em casa para o dia em que a detenção ocorresse. Acreditava-se que o poder soviético era onipotente e onipresente e, por isso, a maioria julgava inútil planejar uma fuga.<sup>57</sup>

Figes destaca que o modo mais eficaz de desempenhar resistência só era acessível para quem fazia parte do aparelho de repressão: muitos juízes de tribunais locais se esforçavam para agir dentro da lei: diminuía sentenças e arquivavam acusações sem provas. Em 1937, tal atuação foi impossibilitada, pois alvos de prisões políticas passaram a ser julgados pelas troikas, estruturas formadas por um membro do NKVD, um da procuradoria e outro do partido. O modelo se constituiu para enfraquecer os tribunais.<sup>58</sup> No *Arquipélago*, Soljenítsin critica duramente o organismo e ressalta seu caráter extra-legal: “O que há de mais misterioso nela é que se resume na ausência do acusado... Nós não estivemos lá, nada vimos, só nos estenderam um papelzinho: e assine! A troika tornou-se mais terrível do que os tribunais revolucionários”.<sup>59</sup>

O período iniciado em 1937 é conhecido como Grande Terror, pois as prisões em massa foram acompanhadas de muitas execuções. Sobre a época, Fitzpatrick escreve: “De acordo com os arquivos da NKVD, o número de condenados em campos de trabalho do Gulag foi de meio milhão em dois anos a partir de 1º de janeiro de 1937, atingindo 1,3 milhão em 1º de janeiro em 1939”.<sup>60</sup> Para a historiadora, os números alcançaram patamares elevados pois houve colaboração da população. “Denúncias interesseiras desempenharam um papel, assim como queixas contra chefes baseadas em injustiças reais. A obsessão por espionagem se alastrou [...]”.<sup>61</sup> Quando discute o ápice do terror, Soljenítsin vai além de 1937. Aponta o ano como apenas uma das ondas prisionais soviética. Defende ter havido movimentos semelhantes nos anos 1929-30 e em 1944-46 e que eles atingiram camponeses e nacionalidades não-russas.

Ainda sobre a questão da responsabilidade social no período, ressalta-se que o tema é discutido por Claude Lefort. No livro *A invenção democrática*, o filósofo explica que a consolidação de Stálin no poder soviético se deu por causa de fatores variados:

---

<sup>56</sup> FITZPATRICK, *A revolução russa*, 2017, p. 242.

<sup>57</sup> FIGES, *Sussurros*, 2010, p. 291-292.

<sup>58</sup> FIGES, *Sussurros*, 2010, p. 339.

<sup>59</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 276.

<sup>60</sup> FITZPATRICK, *A revolução russa*, 2017, p. 243.

<sup>61</sup> FITZPATRICK, *A revolução russa*, 2017, p. 247.

A guerra civil, a intervenção estrangeira, o refluxo das forças revolucionárias na Europa, o isolamento da URSS e suas consequências – o desmoronamento da produção, a desorganização da economia, o antagonismo cidade-campo, a diminuição do proletariado industrial e seu desencorajamento, a entrada em massa no Partido de elementos que lhe são estranhos e que procuram apenas segurança e promoção social: eis o cenário histórico.<sup>62</sup>

Para Lefort, o stalinismo se refere menos à permanência de certo homem no poder, mas a um modelo que englobava modos específicos de conduta e que acabou por dar forma ao sistema soviético. Para o filósofo, o stalinismo foi sistema dotado de propriedades totalizantes que, fingindo atuar em nome de um propósito revolucionário, promoveu a alienação do indivíduo.<sup>63</sup>

Os temas mencionados acima, ou seja, a perseguição aos supostos sabotadores, a coletivização forçada, a perseguição aos kulaks, os famosos processos, as prisões em massa, a passividade dos cidadãos, a atuação das troikas e a homogeneização social, são abordados no *Arquipélago*. A apresentação do panorama das questões relacionadas ao terror, à revolução e a perseguição também se faz relevante pois um dos argumentos centrais da narrativa de Soljenítsin é que o caráter repressivo do regime soviético surgiu em outubro de 1917. Ou seja, para Soljenítsin, a revolução foi a causa direta do terror, o “pecado original” que enviou milhões de pessoas ao gulag. O motivo para o desastre, segundo ele, está explicitado já no primeiro capítulo: A Rússia nunca esteve preparada para nenhum tipo de socialismo.<sup>64</sup>

## 1.2. O GULAG

Na prática, o texto do *Arquipélago* consiste em reflexão mais ampla sobre a sociedade soviética e não se restringe à questão dos campos de trabalhos forçados. Ainda assim, não é fortuito o fato de o termo *Gulag* ter recebido destaque, ao ponto de constar no título do relato. Os campos aparecem como o desenvolvimento natural de uma sociedade pautada não apenas no terror político, mas no vácuo espiritual.

A palavra Gulag é acrônimo<sup>65</sup> de *Glavnoe Upravlenie Lagerei* (Administração Geral dos Campos). No livro *Gulag: uma história dos campos de prisioneiros soviéticos*,<sup>66</sup> Anne Applebaum, diferencia os sítios laborais daqueles cujo razão de encarceramento era a

---

<sup>62</sup> LEFORT, Claude. **A invenção democrática**. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 92.

<sup>63</sup> LEFORT, **A invenção democrática**, 1981, p. 112-113; 118; 191.

<sup>64</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 37.

<sup>65</sup> A pesquisadora Muireann Maguire aponta que esta forma de criar palavras era comum no período soviético. MAGUIRE, M. “Posfácio”. In: OGNIÓV, Nikolai. **Diário de Kóstia Riábtsev**. São Paulo: editora 34, 2017, p. 317.

<sup>66</sup> O livro apresenta anatomia completa dos campos, desde o surgimento até a derrocada do aparato correcional. O livro merece destaque, pois a presente seção não pretende esgotar a historiografia sobre o gulag, mas oferecer contexto para a análise. As informações apresentadas se baseiam amplamente no estudo de Applebaum.

identidade da pessoa, os campos de concentração. Ao diferenciar campos soviéticos e nazistas, a pesquisadora discorre: “O Gulag durou muitíssimo mais e passou por ciclos de relativa crueldade e relativa humanidade. A história dos campos nazistas é mais curta e apresenta menos variações: eles se tornaram cada vez mais cruéis, até serem destruídos pelos alemães em retirada ou libertados pelos aliados”. Os detentos da URSS geralmente não possuíam identidade específica, enquanto na Alemanha nazista a questão era clara: deveriam ir para os campos os judeus e eles deveriam ser aniquilados. Outra diferença é que o Gulag funcionava a partir de propósitos econômicos: os detentos eram obrigados a produzir. Nos campos nazistas, parcela irrisória de prisioneiros realizava tarefas: a maioria era imediatamente encerrada nas câmaras de gás. Por fim, na URSS, as mortes ocorriam devido à fome, frio ou pela realização de trabalhos extenuantes. “Entretanto, o sistema soviético de campos como um todo não era propositalmente organizado para produzir cadáveres em escala industrial – mesmo que às vezes o resultado fosse esse”. Para Applebaum, um dos motivos pelos quais os campos soviéticos causaram menos comoção do que os nazistas é o fato deles não terem sido filmados.<sup>67</sup> A falta de apelo imagético diminuiu a reflexão sobre o tema. Outra razão é o fato de que os ideais que supostamente conduziam o comunismo eram mais palatáveis para o Ocidente que a política racial agressiva dos nazistas.

Na Rússia, o costume de deslocar cidadãos transgressores já existia no século XVII. Em 1825, uma condenação aos trabalhos forçados se tornou ilustre. Trata-se do caso dos dezembristas, grupo que exerceu oposição política ao tsar Nicolau I (1796-1855). O caso culminou com o envio de várias pessoas para a Sibéria, onde cumpriram pena, e com a morte de outras cinco.<sup>68</sup> Outro detento notável foi o escritor Fiódor Dostoiévski (1821-1881), preso em 1849 por ter participado do círculo de Pietrachévski, célula política com inclinações socialistas. Foi condenado ao fuzilamento, mas teve a sentença comutada em pena de trabalhos forçados e exílio. A experiência forneceu substratos para o livro *Recordações da casa dos mortos*, o relato escrito mais importante sobre as prisões tsaristas.

Os primeiros campos soviéticos surgiram durante a Guerra Civil: Em 1919, havia 21 colônias registradas na Rússia. No ano seguinte, eram 107 unidades. “Na URSS, as vítimas foram primeiro a ‘gente de antes’ (supostos partidários do antigo regime) e depois os ‘inimigos do povo’, termo vago que viria a abranger não apenas os pretensos opositores políticos do regime, mas também certos grupos nacionais e étnicos [...]”.<sup>69</sup> Em 1929, Stálin decidiu explorar os detentos na campanha de industrialização e despachou milhares de homens para o norte do

---

<sup>67</sup> APPLEBAUM, *Gulag*, 2009, p. 33; 37; 39; 18.

<sup>68</sup> APPLEBAUM, *Gulag*, 2009, p. 28-30.

<sup>69</sup> APPLEBAUM, *Gulag*, 2009, p. 45-50; 35.

país, praticamente despovoado. Na mesma época, a polícia política passou a gerenciar o sistema penal, o que enfraqueceu o poder de atuação do judiciário nesta esfera.

Em 1923, os mosteiros de Soloviétski<sup>70</sup> foram transferidos para a GPU. Segundo Applebaum, a escolha, por Soljenítsin, do título e da metáfora do arquipélago como imagem-guia para tratar dos campos soviéticos remete a esses mosteiros: “Soloviétski, o primeiro a ter sido planejado e construído para durar, desenvolveu um verdadeiro arquipélago, expandindo-se de ilha a ilha, ocupando à medida que crescia as velhas igrejas e construções monásticas da antiga comunidade de monges”.<sup>71</sup> Notáveis são, também, os campos: Kolimá, eternizados nos contos do escritor Varlam Chalámov, região rica em ouro, e Vishlag. O sítio foi modelo de uma das aplicações iniciais do Gulag: dar vida ao princípio de *perekovka* (remodelação) do homem soviético.<sup>72</sup>

Em 1930, consolidou-se a perspectiva de que presos políticos eram mais danosos para a sociedade que os comuns.<sup>73</sup> Soljenítsin acena para a questão no *Arquipélago*. No primeiro capítulo da segunda parte, menciona que, na década de 20, os delinquentes passaram a ser considerados categoria socialmente próxima e que matar e roubar era mais aceitável que ser contra o poder soviético. “Concorde-se que, numa luta entre os socialmente-próximos e os socialmente-alheios, o Estado não pode estar do lado destes últimos”.<sup>74</sup> O autor também revela que, nos campos, os gatunos muitas vezes estavam mancomunados com a administração e frequentemente vigiavam e exploravam os detentos considerados “inimigos do povo”.

Segundo Figes, entre 1941 e 1943, cerca de 500 mil colonos do gulag foram enviados para lutar na guerra. Posteriormente, o número de detentos voltou a crescer: milhares foram presos acusados de terem colaborado com os alemães durante o período em que ocuparam o território soviético. Houve anistia e libertação de cerca de um milhão de detentos em 1945. Nos cinco anos seguintes, os campos receberam cerca de 500 mil colonos, oriundos da Bielorrússia, Lituânia, Estônia, Letônia, Polônia e Ucrânia.<sup>75</sup> Conforme mencionado anteriormente, o movimento é considerado por Soljenítsin a terceira onda de prisão em massa da URSS. No Pós-Guerra, o sistema de campos se expandiu e passou a contar com “[...] 67 complexos de campos, 10 mil campos individuais e 1.700 colônias, empregando uma força de trabalho escravo de 2,4

---

<sup>70</sup> “[...] o mosteiro foi transformado pelos bolcheviques em uma prisão geral para todos os adversários — membros dos partidos de oposição tornados ilegais, intelectuais, ex-soldados brancos — assim, como para “especuladores” e criminosos comuns”. FIGES, **Sussurros**, 2010, p. 154.

<sup>71</sup> APPLEBAUM, **Gulag**, 2009, p. 60.

<sup>72</sup> Ironicamente, segundo o historiador Orlando Figes, tratava-se de um dos piores campos de trabalho do sistema stalinista. FIGES, **Sussurros**, 2010, p. 159; 271.

<sup>73</sup> APPLEBAUM, **Gulag**, 2009, p. 82.

<sup>74</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 501.

<sup>75</sup> FIGES, **Sussurros**, 2010, p. 490; 536; 537.

milhões de pessoas em 1949 (comparada a 1,7 milhão antes da guerra)".<sup>76</sup> No período de 1945 a 1948, a mão de obra industrial do gulag correspondia a cerca de 18% de toda a União.

Figes descreve que apenas nos campos se comemorou abertamente a morte de Stálin. Após março de 1953, vários protestos ocorreram nas colônias, o que representou a primeira onda de manifestações de repúdio ao terror stalinista. As reivindicações dos presos diziam respeito a condições de habitação e trabalho mais dignas. Destaca-se ainda que, no mesmo ano, em 27 de março, houve anistia que libertou cerca de 40% por presos do Gulag. Até 1957, cerca de 612 mil ex-prisioneiros foram reabilitados, muitos de forma póstuma. Destaca-se que o sistema atingiu o ápice do funcionamento no começo da década de 50 e que os campos de natureza política só começaram a ser desativados em 1987, na era Gorbachov.<sup>77</sup>

Por fim, destaca-se que o tratamento da historiografia ao tema do gulag não é unânime. Applebaum revela que parte dos estudiosos defende que as prisões em massa no período stalinista ocorreram para garantir mão de obra para o regime, mais que para punir os opositores de Stálin. Outra parte discorda diametralmente desta tese, pois o modo aleatório de condução da maioria das prisões leva a crer que Stálin queria juntar uma reserva de trabalhadores a serem explorados. Para a pesquisadora, uma possibilidade não significa a exclusão da outra, pois Stálin certamente percebeu tanto os potenciais silenciadores quanto econômicos do envio massivo de pessoas aos campos de trabalho. Sobre a controvérsia, destaca-se que, no *Arquipélago*, Soljenítsin não defende que o objetivo maior do gulag era impulsionar a indústria soviética, muito pelo contrário. O autor menciona que a mão de obra prisional foi explorada em muitos setores (“[...] nas longínquas obras de construção não se assentava um tijolo sem nós”), mas a história que o autor produz dos campos é construída sobre o ponto de vista da repressão, da ética e da espiritualidade, o foco principal não gira em torno do ponto de vista econômico. Ainda assim, a questão não é ignorada, e é mencionada no décimo primeiro capítulo, relacionado à hesitação em fuzilar certos condenados: “O departamento de prisões, ligado ao Gulag, olhava já os presos do ponto de vista econômico: os seus *cálculos* eram não o de fuzilar o maior número possível, mas sim os de enviar mais força de trabalho para o arquipélago”.<sup>78</sup>

---

<sup>76</sup> FIGES, *Sussurros*, 2010, p. 536.

<sup>77</sup> FIGES, *Sussurros*, 2010, p. 593; 600-601; 604; 608; 649; 587.

<sup>78</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 429.

### 1.3. KHRUSCHÓV CHEGA AO PODER

Antes de descrever o panorama artístico do *Arquipélago Gulag*, é preciso acenar para o contexto político no qual o livro foi produzido. Após a morte de Stálin, a liderança soviética foi ocupada por Nikita Khruschóv (1894-1971) até o ano de 1964. Uma das táticas utilizadas pelo político para chegar e manter-se no cargo foi a denúncia dos crimes stalinistas. “Era um jogo perigoso. Porque o próprio Khruschóv estivera profundamente implicado nas repressões em massa da década de 1930, primeiro como chefe do Partido em Moscou, em 1935-38, e depois como líder do Partido na Ucrânia, quando superintendeu a prisão de 250 mil pessoas”.<sup>79</sup>

No começo da liderança Khruschóv, o stalinismo passou a ser discutido na imprensa. Porém, a discussão pública não foi estrutural, relativa ao sistema soviético como um todo. Falou-se apenas em superar o mito de Stálin e em resgatar uma ideia de leninismo. “Ao dar a impressão de que os líderes do Partido haviam descoberto a verdade sobre o Terror havia pouco, em consequência da comissão que apresentou o relatório de 9 de fevereiro, Khruschóv conseguiu jogar a culpa sobre Stálin e inocentar os outros líderes de qualquer suspeita, argumentando que eles ‘não sabiam’. A pequena mudança de orientação política, porém, foi suficiente para que muitas pessoas superassem o medo e começassem a falar sobre o passado”.<sup>80</sup>

A chegada de Khruschóv trouxe prosperidade econômica, ampliação na oferta de bens de consumo e maior contato com o Ocidente. O líder também se aproximou do mundo cultural: adotou medidas que favoreciam a liberdade intelectual e que restringiam a censura. Khruschóv chegou a defender pessoalmente a publicação de textos na imprensa soviética. Não fosse a anuência pessoal do dirigente máximo, talvez *Um dia na vida de Ivan Denissovich*, primeiro texto de Aleksandr Soljenítsin sobre o cotidiano dos campos soviéticos, não teria chegado aos leitores ainda em 1962. Dado o impacto causado pela publicação, a história (literária) soviética teria sido outra, bem diferente, se a narrativa tivesse vindo à tona em outro contexto.

---

<sup>79</sup> FIGES, *Sussurros*, 2010, p. 610.

<sup>80</sup> FIGES, *Sussurros*, 2010, p. 633; 669; 672.

## CAPÍTULO 2: LITERATURA E MEMÓRIA NA UNIÃO SOVIÉTICA

*E o destino fez todos iguais  
Fora dos limites da lei,  
Filho de kulak ou comandante vermelho,  
Filho de sacerdote ou comissário...  
Aqui as classes eram todas igualadas,  
Todos os homens eram irmãos, todos companheiros de campo,  
Todos tachados de traidor...*  
Aleksandr Tvardóvski, *Segundo o direito à memória*

Definir literatura é uma tarefa impossível e talvez pouco frutífera. De toda forma, algumas características devem ser delineadas. Para o historiador Ivan Jablonka, literatura tem a ver com forma, com imaginação e com polissemia. O que é considerado literário em determinada época é bastante influenciado pelas tradições culturais, pelos cânones e pelo reconhecimento social (ou seja, das editoras, dos leitores e das instituições de legitimação).<sup>81</sup>

Segundo Tzvetan Todorov, o que hoje é concebido como literatura é uma categoria recente. Até o século XVIII, eram levados em conta os grandes gêneros, como a poesia e a epopeia, por exemplo. Não havia a pretensão de englobá-los em uma classe maior. Sobre as mudanças sofridas pela literatura no século XX, Todorov menciona o uso de elementos autobiográficos e destaca a homogeneidade dos textos produzidos: misturam temas filosóficos, criação ficcional, ideias panfletárias e científicas. Especificamente sobre os escritos de Soljenítsin, Milan Kundera e Günter Grass, o crítico afirma que: “Não se deixam limitar às concepções anteriores da literatura; eles não são nem ‘arte pela arte’ nem literatura engajada [...] são obras que se querem, ao mesmo tempo, construção literária e busca da verdade”.<sup>82</sup>

Especificamente sobre a literatura soviética, é preciso reconhecer a dificuldade em defini-la. No artigo “Solzhenitsyn in the Context of Soviet Literature”, os pesquisadores Elizabeth Mark e Kurt Res fornecem o seguinte conceito: “A literatura soviética é a literatura que teve começo na realidade criada pela Revolução de Outubro; que reflete os problemas e desenvolvimentos dessa realidade”.<sup>83</sup> Ressalta-se que a definição é incompleta, pois não remete aos emigrados russos que produziam literatura no exterior, nem aos inúmeros países que faziam parte da União das

---

<sup>81</sup> JABLONKA, Ivan. **La historia es una literatura contemporánea**: manifiesto por las ciencias sociales. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2016, p. 253-255.

<sup>82</sup> TODOROV, Tzvetan. **Crítica da crítica**: um romance de aprendizagem. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 253.

<sup>83</sup> MARK, Elizabeth. *et al.* “Solzhenitsyn in the Context of Soviet Literature”, **Mosaic**: A Journal for the Interdisciplinary Study of Literature, vol. 5, n° 4, 1972, p. 136.

Repúblicas Socialistas Soviéticas. Porém, ela é válida para este trabalho, pois o escopo está delimitado aos aspectos nacionais da questão, ou seja, aos textos produzidos em solo russo.

## 2.1. LITERATURA SOVIÉTICA: PANORAMA

*Quero / que à baioneta / a pena se iguale*

Vladímir Maiakóvski, *Para casa*

Brown explica que a expressão “literatura soviética” sugere que houve ruptura cultural em 1917. Segundo ele, tal quebra existiu, mas ela ocorreu de forma incompleta e gradual. Conforme panorama traçado pelo pesquisador, às vésperas da revolução, houve intensa experimentação nas artes. Um pouco mais tarde, ao fim da Primeira Guerra Mundial, quando a Rússia começava a se reorganizar, o meio literário gozou de relativa liberdade.<sup>84</sup> O pesquisador explica que, em geral, a literatura dos anos 20 ainda estava assentada no realismo do século passado, mas demonstrava sofisticação maior na forma e na realização; ele também explica que o tema de maior força após 1917 foi a posição do indivíduo em relação ao mundo coletivo.<sup>85</sup> Sobre os anos 20, a pesquisadora Ludmila Koehler explica, no artigo “Alexander Solzhenitsyn and Russian Literary Tradition”, que eles foram os mais criativos da era pós-revolucionária.<sup>86</sup>

Sobre o panorama literário que se sucedeu à Guerra Civil, no artigo “Algumas reflexões sobre a prosa russa e a ocidental”, Rufus Mathewson explica que a vitória bolchevique consolidou o imaginário de infalibilidade do Partido: “O mito impõe resultados predeterminados, rouba do romance a surpresa, impossibilita a inquirição ou a crítica, restringe a experiência humana a situações de guerra perpétua, ao vocabulário neomilitar da retórica soviética”.<sup>87</sup> Consequência direta deste quadro foi que o romance de costumes europeu, os avanços da psicologia e da pintura moderna não tiveram quase nenhum poder de permeabilidade na literatura soviética da época. Escritores do pós-revolução permaneceram alheios, em maior ou menor grau, às evoluções literárias ocorridas na Europa.

---

<sup>84</sup> KOEHLER, Ludmila. “Alexander Solzhenitsyn and Russian Literary Tradition”. **The Russian Review**, vol. 26, nº 2, 1967, p. 176.

<sup>85</sup> BROWN, **Russian Literature Since the Revolution**, 1982, p. 1; 6-10.

<sup>86</sup> Destaca-se que à vivacidade dos primeiros anos da Revolução, seguiu-se um clima de desencanto: “O fuzilamento de Gumiliov (1886-1921); a longa agonia espiritual e as insuportáveis torturas que levaram Blok (1880-1921) à morte, as privações cruéis e a morte desumana de Khlebnikov (1885-1922); os suicídios anunciados de Iéssienin (1895-1922) e Maiakóvski (1893-1930). Assim pereceram, no curso dos anos 20 deste século, na idade de 30 a 40 anos de idade, os inspiradores de toda uma geração”. JAKOBSON, Roman. **A geração que esbanjou seus poetas**. São Paulo: Cosac Naify, 2006, p. 39.

<sup>87</sup> MATHEWSON, Rufus. “Algumas reflexões sobre a prosa russa e a ocidental”, In: MATHEWSON, R. *et al.* **Conflito e controle na literatura soviética**. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1965, p. 14.

Apesar do isolamento em relação ao Ocidente, deve-se manter em mente que os escritores russos do século XIX haviam consolidado uma rica tradição romanesca, fato que ofereceu inspiração para o século seguinte. Esta análise parte da hipótese de que *Arquipélago Gulag*, além de aspectos testemunhais e historiográficos, também apresenta características de romance. Devido ao contexto de isolamento cultural em que o livro foi escrito, o argumento será construído a partir das considerações de Mikhail Bakhtin (1895-1975), teórico russo e contemporâneo de Soljenítsin, que sentiu na pele a repressão soviética. Em 1929, foi preso, acusado de atuar em segredo em prol da Igreja Ortodoxa Russa. Deveria ter cumprido pena de dez anos de trabalhos forçados nas ilhas Soloviétski, mas, devido a uma enfermidade nos ossos (e intensa campanha de pessoas influentes), a sentença foi comutada para seis anos de exílio no Cazaquistão, onde produziu suas notórias teorias sobre o romance.<sup>88</sup> Outra semelhança entre os dois intelectuais é o fato de que ambos pensaram o mundo de forma humanista<sup>89</sup> e filosófica.

No estudo *Epos e romance*, Bakhtin<sup>90</sup> descreve o gênero romanesco como mutável, plástico, sempre em desenvolvimento e aberto a novidades. Em contraposição aos gêneros clássicos, que mantêm regras internas definidas e estão constantemente imersos na luta pela sobrevivência, o romance retira força de permanência do poder de renovação. Para o teórico, o romance é um gênero em construção, não-estagnado e, por isso, consegue refletir melhor a respeito da realidade e de si mesmo. Sobre as principais características romanescas, Bakhtin discorre: “Trata-se da sua plasticidade, um gênero que eternamente se procura, se analisa e que reconsidera todas as suas formas adquiridas. Tal coisa só é possível ao gênero que é construído numa zona de contato direto com o presente em devir”.<sup>91</sup> Em outras palavras, por estar em constante movimento, o romance possui fortes ligações com a atualidade. Sobre a questão, o teórico russo discorre:

No seu “conjunto” (ainda que não seja exatamente um conjunto), o presente é, por assim dizer, em princípio e em essência, algo não acabado: ele exige uma continuidade com todo o seu ser. Ele marcha para o futuro e, quanto mais ativa e conscientemente ele vai adiante, para este futuro, tanto mais sensível e mais notável é o seu caráter de inacabado. Por isso, quando o presente se torna o centro da orientação humana no tempo e no mundo, o tempo perde o seu caráter acabado, tanto no seu todo, como também em cada parte. O modelo temporal do mundo modifica-se radicalmente: este se torna um mundo onde não existe a palavra primordial (a origem perfeita), e onde a última ainda não foi dita.<sup>92</sup>

---

<sup>88</sup> MORSON, Gary Saul. *et al. Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. São Paulo: Edusp, 2008, p. 14.

<sup>89</sup> O pensamento e as opiniões políticas de Soljenítsin nem sempre podem ser consideradas humanistas, mas o adjetivo faz sentido quando pensado nas considerações do autor sobre o Gulag.

<sup>90</sup> Para Edward J. Brown, as considerações do teórico Mikhail Bakhtin fornecem ótimas ferramentas para a análise da literatura do século XX, principalmente no que diz respeito aos trabalhos de Isaac Bábel, Mikhail Zóschenko, Boris Pilniák e Aleksandr Soljenítsin. BROWN, **Russian Literature Since the Revolution**, 1982, p. 154.

<sup>91</sup> BAKHTIN, Mikhail. “Epos e romance”. In: BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética: A teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 2010, p. 427.

<sup>92</sup> BAKHTIN, “Epos e romance”, 2010, p. 123.

As considerações de Bakhtin sobre o romance são importantes, pois o teórico defende que, nas épocas em que o romance se torna a principal forma literária em circulação, este gênero literário acaba por contaminar e influenciar outras formas de expressão, que se tornam romancizadas e mais prosaicas. Outro aspecto importante defendido pelo autor no mesmo estudo é que o gênero é marcado pelo inacabamento, onde a palavra é viva e possui poder de interação com o mundo. Dessa forma, a alta incidência de elementos romanescos no texto de Soljenítsin promove diálogo maior entre o texto e a contemporaneidade. Nesse sentido, a hipótese inicial é a de que o *Arquipélago Gulag* tentou atualizar o passado através da escrita para impedir que ele tivesse qualquer prolongamento no futuro russo e soviético. O livro também pode ser visto como uma espécie de memorial do horror para a história da humanidade.

Rufus Mathewson explicita que o romance frequentemente apresenta faceta provocadora e desestabilizadora em relação ao *status quo*. “O romance tem-se encaminhado resolutamente para áreas novas ou proibidas de experiência, convenções desafiantes, decoro, dogma, ideologia — chocando o respeitável, expondo falsas concepções, ridicularizando o sacrossanto”.<sup>93</sup> Para o pesquisador, a forma narrativa possui forte capacidade crítica. “[...] Seu trabalho tem sido a solapação constante de falsas concepções, a penetração de superfície, a busca do humano em meio à descrição auto justificadora que a sociedade faz de si mesma (e, por vezes, em contraste a ela) [...]”.<sup>94</sup> Por fim, o romancista é localizado como um explorador de experiências. Destaca-se que tal abordagem é buscada por Soljenítsin no *Arquipélago*. Como ex-detento dos campos de trabalhos forçados, Soljenítsin acreditava ter mais autoridade para tratar do assunto que aqueles que não estiveram lá. Afinal, não havia adquirido o conhecimento histórico através dos livros ou de abstrações teóricas: as informações constantes na narrativa foram vivadas, sentidas e sofridas por ele.

Ainda sobre a contextualização da literatura soviética, especificamente sobre a era Stálin, no artigo “On Reading Soviet Memoirs: A History of the ‘Contemporaries’ Genre as an Institution of Russian Intelligentsia Culture From the 1790s to the 1970s”, a pesquisadora Barbara Walker explica que ele interferiu diretamente no mundo da arte. Uma das medidas mais significativas do ditador foi o fechamento dos círculos culturais independentes e a criação de organizações oficiais, as uniões (de escritores, músicos etc.), o que fortaleceu a ingerência do Estado nas produções artísticas.<sup>95</sup> Sobre a era Stálin, Mathewson explica que a propaganda oficial

---

<sup>93</sup> MATHEWSON, “Algumas reflexões sobre a prosa russa e a ocidental”, 1965, p. 15.

<sup>94</sup> MATHEWSON, “Algumas reflexões sobre a prosa russa e a ocidental”, 1965, p. 15.

<sup>95</sup> WALKER, Barbara. “On Reading Soviet Memoirs: A History of the ‘Contemporaries’ Genre as an Institution of Russian Intelligentsia Culture From the 1790s to the 1970s”. *The Russian Review*, vol. 59, n° 3, 2000, p. 346.

defendia que a revolução e o novo modelo social gerariam uma cultura completamente nova. “Stálin substituiu ‘proletariado’ por ‘socialismo’ e ‘cultura’ por ‘realismo’ e insistiu em que a nova e autossuficiente sociedade fizesse o mesmo”.<sup>96</sup>

Em 1932, o “realismo socialista” se tornou estilo obrigatório para os escritores. Brown explica que, apesar de a expressão destacada ter surgido apenas nesta época, a técnica existia há quatro anos. O modelo determinava que a literatura tinha missão de projetar um futuro belo e promissor à URSS; que ela tinha de tratar da construção socialista e do desenvolvimento revolucionário da sociedade. Os textos deveriam ser escritos em tom de didatismo e propaganda e protagonizados por heróis positivos. O trabalho e a coletivização precisavam ser enaltecidos. No mesmo ano, o Partido Bolchevique passou a condenar a autonomia do trabalho literário e tornou obrigatória a filiação à União dos Escritores Soviéticos. A organização realizou o primeiro congresso em 1934 e o controle dos escritores se tornou ainda mais rígido.<sup>97</sup>

Sobre o realismo socialista, no artigo “Solzhenitsyn’s Rhetorical Revolution”, a pesquisadora Luellen Lucid ressalta que ele atribuía importância à literatura do fato, ou seja, o movimento valorizava as formas de expressão que remetiam de forma mais objetiva a um referente, tais como o diário e os relatos jornalísticos. Essas narrativas tinham o propósito de documentar o processo de consolidação da revolução e o amadurecimento do socialismo. Porém, tais registros não podiam ser totalmente inclusivos na utilização de detalhes e fatos históricos. Deveriam ser ressaltados os aspectos representativos que advogassem em prol da causa revolucionária e contra os grupos e indivíduos considerados reacionários ou inimigos.<sup>98</sup>

Imediatamente após a morte de Stálin, o mundo literário viveu fase de otimismo, iniciada pelo discurso de Khruschóv no XX Congresso do Partido Comunista, em 1956. O novo líder da URSS acusou o antecessor de ter se desviado dos planos de Lênin e de ter promovido um culto à personalidade. Segundo Brown, a denúncia trouxe à tona o tema da responsabilidade pessoal diante das crueldades cometidas em nome do coletivo. “O fato de que, durante o período stalinista, homens de talento e reputação haviam apoiado políticas opressivas que causaram danos à literatura e aos seres humanos podia ser explicado apenas pela ausência de um senso de responsabilidade individual na vida soviética”.<sup>99</sup> Khruschóv não se limitou a denunciar os crimes stalinistas. Sob esta liderança, a literatura assumiu posição de destaque na vida social. O governante também incentivou um movimento de relativa liberdade cultural que ficou conhecido como ‘Degelo’,

---

<sup>96</sup> MATHEWSON, “Algumas reflexões sobre a prosa russa e a ocidental”, 1965, p. 22.

<sup>97</sup> BROWN, **Russian Literature Since the Revolution**, p. 13; 163; 167-8.

<sup>98</sup> LUCID, Luellen. “Solzhenitsyn’s Rhetorical Revolution”. **Twentieth Century Literature**, vol. 23, n° 4, 1977, p. 511.

<sup>99</sup> BROWN, **Russian Literature Since the Revolution**, 1982, p. 22.

em referência ao título do romance do escritor russo Iliá Erenburg (1891-1967), publicado em 1956.<sup>100</sup> É importante destacar que este não foi o único trabalho emblemático do autor: *A tempestade*, narrativa de 1954, é considerada símbolo do período pelo historiador Orlando Figes no livro *Sussurros*. Trata-se de ficção sobre um diretor de fábrica autoritário que, ao se esforçar para alcançar as metas do plano quinquenal, se revela uma pessoa extremamente corrupta.<sup>101</sup>

A trama de *A tempestade* aponta para a tendência da nova era. Sobre a literatura no período Khruschóv, Figes discorre: “Os escritores soviéticos se deslocaram dos temas públicos, dos heróis do socialismo socialista, e se empenharam em retratar as pessoas reais em seu contexto doméstico e social”.<sup>102</sup> Outra mudança literária importante do degelo, apontada por David Gillespie, foi que alguns autores começaram a lidar narrativamente com o Terror e com o stalinismo. Os nomes apresentados pelo pesquisador são: Vera Panova, em *Vremena Goda*, Leonid Zorin, em *Gosti* e Vladímír Dudintsev, em *Ne khlebom edinyim*, todos publicados entre os anos 1954 e 1956.<sup>103</sup>

Ainda no período do degelo, o comando da importante revista *Nóvi Mir* sofreu um revezamento, fato que promoveu consequências diretas no panorama literário soviético. Em 1954, Konstantin Simonov substituiu Aleksandr Tvardóvski como chefe do periódico; defendeu um realismo mais amplo, lutou contra revisões e alterações de obras literárias para acomodar a decisões oficiais e se esforçou para publicar textos satíricos dos anos 20.<sup>104</sup> Em 1958, o anterior ocupante retornou ao cargo de editor, o que constitui um marco na história literária soviética, pois na segunda gestão de Tvardóvski, a *Nóvi Mir* se tornou símbolo do pensamento democratizante e liberal na URSS.<sup>105</sup> O fato é particularmente importante para este trabalho, pois o veículo foi o responsável por consagrar a fama literária de Aleksandr Soljenítsin.

---

<sup>100</sup> MARK, “Solzhenitsyn in the Context of Soviet Literature”, 1972, pp. 135-148.

<sup>101</sup> Ao fim do capítulo anterior, este trabalho acena para o fato de que a responsabilização de Stálin pelos crimes soviéticos foi estratégia para diminuir o peso da culpa do Partido. Destaca-se que Khruschóv era homem do Partido e que se não esteve diretamente envolvido na violência estatal, certamente pode ser acusado de omissão. Houve, sim, abertura cultural, mas a URSS continuava sob uma liderança despótica. Nesse sentido, destacam-se os protestos por democracia na Hungria, em 1956, que foram silenciados de forma repressiva pela URSS.

<sup>102</sup> FIGES, *Sussurros*, 2010, p. 663-4.

<sup>103</sup> *Spans of the years, The Guests e Not by bread alone*, em tradução inglesa, conforme consta no artigo que serviu como base para o trecho; em português, uma tradução livre aproximada para os títulos seria: *Épocas do ano, Nem só de pão e Convidados*. Não foram encontradas edições em português das referidas narrativas. GILLESPIE, “Russian Writers Confront the Past: History, Memory, and Literature, 1953-1991”, 1993, p. 75.

<sup>104</sup> BROWN, *Russian Literature Since the Revolution*, 1982, p. 206-8.

<sup>105</sup> GILLESPIE, “Russian Writers Confront the Past: History, Memory, and Literature, 1953-1991”, 1993, p. 75.

## 2.2. NARRATIVAS DO GULAG

Em novembro de 1962, *Um dia na vida de Ivan Denisovich*, primeiro romance de Aleksandr Soljenítsin, foi publicado na revista *Nóvi Mir*. A publicação ocorreu graças aos esforços de Tvardóvski e da anuência pessoal de Khruschóv, que o utilizou como arma na campanha contra o stalinismo. A narrativa causou comoção nacional. O retrato do cotidiano de um camponês aprisionado em campo de trabalho destruiu muitas ilusões sobre o regime. A publicação foi particularmente relevante do ponto de vista político pois, segundo Edward J. Brown, nas críticas a Stálin, Khruschóv havia denunciado os expurgos do Partido realizados entre 1936-38, mas ignorou a tragédia dos camponeses que pereceram na coletivização forçada (começo dos anos 30), bem como a eliminação dos membros de outros partidos e as mortes ocorridas durante a Era Lênin (período no qual os campos foram inaugurados). Para o estudioso, Soljenítsin se propôs a preencher essas lacunas e revelar quais vítimas haviam passado despercebidas pela História.<sup>106</sup> O sucesso da narrativa apresentou o escritor como importante voz de oposição ao regime soviético e marcou o início de intensa atividade intelectual e política por parte de Soljenítsin.

Brown destaca que já está presente em *Um dia na vida de Ivan Denisovich* uma característica encontrada em toda obra de Soljenítsin: a tendência do escritor a escrever sobre a miséria humana. O pesquisador também explica que a narrativa descreve um mundo grotesco. Há retrato geral dos sítios correcionais: nele constam guardas brutalizados pelo terror que eles mesmo aplicam, e prisioneiros, muitos dos quais não haviam cometido os crimes pelos quais cumpriam pena. Os campos são descritos como lugares nos quais não há dignidade e onde seres humanos são bestializados. Para o pesquisador, Soljenítsin escreveu sobre os campos de trabalho para tentar combater o mal que emanava deles.<sup>107</sup> *Um dia* também trata da humanidade que resiste mesmo em condições extremas. Na narrativa, o personagem-título chega ao fim do dia satisfeito com as pequenas realizações: ao erguer uma parede, se orgulha por ela ter ficado reta e por não ter desperdiçado argamassa. Segundo Brown, o episódio faz do livro “uma espécie de hino ao trabalho produtivo como uma atividade quintessencialmente humana, uma fonte de satisfação em si, mesmo quando realizado por uma causa pernicioso”.<sup>108</sup>

Brown explica que o estilo de *Um dia* influenciou a literatura soviética dos anos 60 e 70. Depois da rigidez pregada pelo realismo socialista, o livro de Soljenítsin tornou-se exemplo

---

<sup>106</sup> BROWN, *Russian Literature Since the Revolution*, 1982, p. 269.

<sup>107</sup> BROWN, *Russian Literature Since the Revolution*, 1982, p. 252.

<sup>108</sup> BROWN, *Russian Literature Since the Revolution*, 1982, p. 254.

de fluidez.<sup>109</sup> Sobre a questão, a pesquisadora Luellen Lucid diz que o texto se diferencia dos outros de Soljenítsin, pois o impulso historiográfico é mais fraco. O narrador do romance se destaca pelo uso de expressões típicas, muitas vezes vulgares, dos campos de trabalho; há tentativa de imitar a linguagem falada. Ao optar por contar a história a partir do léxico dos prisioneiros, Soljenítsin forçou o leitor a pensar de forma diferente daquela estabelecida no mundo social, no cotidiano soviético das pessoas que não estavam nos campos.<sup>110</sup> Outra consideração sobre a dicção da narrativa foi feita pela pesquisadora Ludmila Koehler, que destaca o emprego de frases concisas e curtas, além do uso constante de diminutivos e de doses de lirismo.<sup>111</sup> Por fim, sobre a questão do estilo, é importante destacar que ele subverte as expectativas do leitor no que dizia às exigências da literatura soviética. Segundo Lucid, “Soljenítsin parte da mitologia socialista do trabalhador típico e desloca para o prisioneiro típico Ivan Denisovich, que, de uma vez, tipifica e exemplifica as características do povo russo”.<sup>112</sup>

*Um dia na vida de Ivan Denisovich* faz parte de uma antiga tradição literária. No artigo “From Avvakum to Dostoevsky: Varlam Shalamov and Russian Narratives of Political Imprisonment”, o pesquisador Yasha Klots explica que a literatura russa é uma das mais profícuas no que diz respeito às narrativas prisionais. O texto fundador da corrente foi escrito no século XVII por Avvakum (1620-82), um velho crente condenado à morte por nutrir opiniões controversas sobre a Igreja Ortodoxa. O texto narrava a rotina do preso em linguagem simples e acessível. A narrativa é um marco, pois catalisou uma transição importante: a partir da tradição da hagiografia (textos sobre a vida dos santos), aos poucos foram surgindo autobiografias e, conseqüente, textos literários independentes da religião.<sup>113</sup>

Klots descreve que o escritor russo Fiódor Dostoiévski (1821-1881) foi pioneiro ao dar roupagem ficcional para experiências vividas na prisão. *Recordações da casa dos mortos* virou referência tanto para as pessoas que saíam do gulag em busca de compreensão do que viveram, como para os acadêmicos que se interessam por narrativas carcerárias modernas.<sup>114</sup> Trata-se de um dos textos mais importantes da tradição e Soljenítsin se refere com frequência a ele, geralmente de forma jocosa, para ressaltar o quanto a vida nos campos de trabalho à época de Nicolau I (1825-

---

<sup>109</sup> BROWN, **Russian Literature Since the Revolution**, 1982, p. 251; 256.

<sup>110</sup> LUCID, “Solzhenitsyn’s Rhetorical Revolution”, 1977, p. 504.

<sup>111</sup> KOEHLER, “Alexander Solzhenitsyn and Russian Literary Tradition”, 1967, p. 181.

<sup>112</sup> LUCID, “Solzhenitsyn’s Rhetorical Revolution”, 1977, p. 504.

<sup>113</sup> KLOTS, Y. “From Avvakum to Dostoevsky: Varlam Shalamov and Russian Narratives of Political Imprisonment”, **Russian Review**, nº 1, 2016, p. 7-25.

<sup>114</sup> KLOTS, “From Avvakum to Dostoevsky”, 2016, p. 8.

1855) era mais leve que no século XX.<sup>115</sup> Outra narrativa importante nessa linhagem de relatos foi escrita por Nikolai Nekrássov, publicada em 1872. Em *Mulheres russas*, o autor discorre sobre a vida das esposas dos decembristas, que largaram tudo e se mudaram para a Sibéria para acompanhar os maridos presos.<sup>116</sup>

Apesar dos antecedentes, foi apenas no século XX que a narrativa prisional se tornou gênero à parte, ao abordar as experiências de sobreviventes do gulag.<sup>117</sup> O período explicitou que não seria mais possível representar a realidade sem pensar nos mortos, sem considerar o aspecto massivo da violência mundial e sem ouvir os sobreviventes. Segundo Traverso, as narrativas de ex-detentos são extremamente relevantes para a compreensão do século XX, pois “a memória do Gulag apagou a das revoluções”. Não se deve perder de vista, porém, que tal aspecto é mencionado pelo historiador de forma crítica, pois ele temia que a abordagem unilateral resultante do movimento (ou seja, a transformação da lógica em única verdade histórica do século) não fosse capaz de refletir propriamente sobre a complexidade do período. De toda forma, o historiador defende que a reflexão mais aprofundada sobre o terror só ocorreu, de fato, quando a figura da testemunha saiu das sombras e se tornou a protagonista da história. Tal figura se tornou tão importante no século XX, que o historiador o denominou de “era da vítima”.<sup>118</sup> Nesse sentido, a reflexão sobre a importância destes atores no processo de escrita da história se faz necessária, pois, no caso soviético, atuaram de forma ativa e aguerrida.

Pensar sobre a questão é importante porque Soljenítsin ouviu centenas de pessoas para subsidiar a escrita do *Arquipélago*. Na introdução da narrativa, Soljenítsin revela que a base da narrativa é testemunhal, baseada em relatos fornecidos por 227 pessoas. Porém, não se deve perder de vista que o uso de testemunhos e memórias como fontes de pesquisas historiográficas para compreensão do período soviético é polêmico. Parte da desconfiança em relação a esses textos se deve ao fato de que muitos autores divulgam rumores sem confirmação. Muitos abordam os temas de forma abertamente apaixonada ou condenatória,<sup>119</sup> pois a memória não busca a objetividade. Desconsiderá-las completamente, porém, é tarefa difícil mesmo para os

---

<sup>115</sup> GALLOWAY, “Polemical Allusions in Russian Gulag Prose”, *The Slavic and East European Journal*, vol. 51, n° 3, 2007, p. 540.

<sup>116</sup> GALLOWAY, “Pollemical Allusions in Russian Gulag Prose”, 2007, p. 542.

<sup>117</sup> KLOTS, “From Avvakum to Dostoevsky”, 2016, p. 11.

<sup>118</sup> TRAVERSO, *La historia como campo de batalla*, 2012, p. 296; 313.

<sup>119</sup> A exemplo da maneira enaltecida com que Nadiejda Mandelstam escreve sobre o marido Óssip, ou do tratamento rancoroso de Soljenítsin em relação a certas figuras políticas soviéticas. WALKER, “On Reading Soviet Memoirs”, 2000, p. 327-8.

historiadores ocidentais mais céticos, dada a riqueza dos detalhes que contêm. Os documentos são importantes para compreender, entre outras coisas, a visão de mundo dos autores.<sup>120</sup>

Antes de abordar como a memória se desenvolveu no contexto do gulag, é importante mencionar que a tradição memorialista da Rússia começou no século XVIII. Na segunda metade do século XIX, o gênero começou a ser praticado não apenas por membros do círculo literário, mas por indivíduos de vários substratos sociais. Ele representou uma possibilidade de avanço social para as mulheres: muitas delas conviviam com pessoas ilustres e escreviam sobre elas, o que possibilitou que se inserissem no mundo literário, contribuindo para o nascimento do culto da *intelligentsia*. Anna Dostoiévskaja foi a primeira grande esposa-memorialista.<sup>121</sup>

No período que se seguiu a outubro de 1917, Daniel Aarão Reis descreve que, por volta de 1920 até meados de 1921, a vigilância cultural na União Soviética não era forte: memórias circularam pela sociedade sem muitas barreiras.<sup>122</sup> Por outro lado, a atividade dos historiadores era controlada. Na era Stálin, o gênero memória sobreviveu, mas lidava com a recordação de figuras do passado, que não podiam exercer tanta influência nas alianças políticas do presente. Algumas das personalidades que foram objeto de recordação foram: Mikhail Pietrachévski, Vissarion Bielínski, Vladímir Lênin (por Nadiejda Krúpskaia) e Aleksandr Púchkin. O número de memórias começou a crescer em 1950 e atingiu o ápice no começo dos anos 60.<sup>123</sup>

A particularidade das narrativas memorialistas do século XX é que elas são menos voltadas para dentro, para o “eu”, e mais para o exterior e para a comunidade. O movimento faz sentido quando se pensa que muitos desses textos dizem respeito aos eventos traumáticos do período. Alguns dos memorialistas mais importantes da era soviética foram: Nadiejda Mandelstam (destaca-se pelo retrato da vida intelectual soviética); Ievguênia Guinsburg (relato da vida nos campos de trabalho); Svetlana Alliluyeva (a filha de Stálin escreve a partir de uma visão interior do mundo político), Aleksandr Soljenítsin (política dos anos 50 e 60) e Dmítri Chostakóvitch (discute o universo da música na URSS). O grupo utilizou bastante a abordagem do “anticulto” à uma personalidade, que geralmente era Stálin. As primeiras memórias do período posterior à morte do ditador, foram as de Iliá Erenburg.<sup>124</sup>

As primeiras memórias relacionadas especificamente aos campos de trabalho da URSS foram escritas por Ante Ciliga, Gustav Herling e Victor Serge, textos que foram recebidos com indiferença. Sobre este último, Traverso descreve que em 1933, o anarquista belgo-russo que

---

<sup>120</sup> WALKER, “On Reading Soviet Memoirs”, 2000, p. 329.

<sup>121</sup> WALKER, “On Reading Soviet Memoirs”, 2000, p. 339-340.

<sup>122</sup> REIS, “As revoluções que mudaram a história”, 2017, p. 18.

<sup>123</sup> WALKER, “On Reading Soviet Memoirs”, 2000, p. 346.

<sup>124</sup> WALKER, “On Reading Soviet Memoirs”, 2000, p. 327; 329; 347-8.

se juntou aos bolcheviques em 1919 escreveu uma carta para dois amigos franceses, na qual comunicava que havia sido preso em solo soviético. No relato, o revolucionário acusa o regime stalinista de ser repressor e de não se importar com a figura humana. Foi solto em 1936, devido à pressão exercida pelos surrealistas. “Ao chegar à França, prosseguiu quase sozinho com sua luta a favor da verdade, ignorado por uma esquerda que o via, no melhor dos casos, como um herege e, no pior, como um traidor.” A missiva, divulgada em 1947 em um livro de memórias, é o primeiro registro escrito no qual a URSS é acusada de ser um Estado totalitário.<sup>125</sup>

Traverso explica que, por muitos anos, o drama dos ex-detentos permaneceu ignorado: “Durante os anos 30, a imprensa ocidental, que não podia ser acusada de simpatizar com o regime soviético, se referia à coletivização dos campos soviéticos sem mencionar os milhões de mortos que havia provocado”.<sup>126</sup> O mundo ocidental só começou a formar, de fato, opiniões sobre a situação carcerária soviética com a publicação de *Arquipélago Gulag*. Até o fim da Guerra Fria, o tema dos campos ou foi reprimido socialmente, ou não recebeu a devida atenção. O pesquisador cita a França dos anos 50, onde parte da opinião pública acreditava que notícias sobre o trabalho forçado eram inventadas, frutos de propaganda anticomunista. Destaca-se que o Partido Comunista francês era o mais stalinista dentre os correlatos ocidentais.

A escrita do Gulag foi importante para muitos sobreviventes, pois a maioria deles não conseguia falar sobre o que havia vivido. Segundo Orlando Figes, entre os ex-detentos era comum a sensação de que não conseguiam colocar em palavras o que haviam sofrido, bem como a impressão de que havia uma distância intransponível entre aqueles que haviam estado nos campos e os que não haviam. Ao retornar, muitos se sentiam mais próximos dos antigos companheiros que da família, pois havia um pano de fundo comum que incentivava a comunicação sincera. Outro fator que desestimulava as conversas sobre o Gulag era o fato de que até o emblemático discurso de Khrushchov no XX Congresso do Partido, as pessoas que retornavam dos campos de trabalho forçado eram vistas com desconfiança pela sociedade.<sup>127</sup>

Sobre a abordagem do tema no âmbito particular, deve-se manter em mente que, no período stalinista, as pessoas eram compelidas a denunciar conhecidos por conspiração contra o Estado. Portanto, conversas de teor político eram evitadas a todo custo.<sup>128</sup> Nem mesmo em casa as pessoas podiam conversar livremente, pois a maioria delas vivia em apartamentos comunais. Com várias famílias habitando o mesmo teto, uma acabava vigiando a outra. Para escapar do

---

<sup>125</sup> TRAVERSO, Enzo. **O passado, modos de usar**. Lisboa: Unipop, 2012, p. 252.

<sup>126</sup> TRAVERSO, **O passado, modos de usar**, 2012, p. 248.

<sup>127</sup> FIGES, **Sussurros**, 2010, p. 637-638; 647.

<sup>128</sup> FIGES, **Sussurros**, 2010, p. 303.

controle, muitos tentaram estabelecer diálogos interiores, que se concretizaram de forma escrita. “Apesar de todos os riscos, manter um diário era uma maneira de esculpir um mundo privado isento de hipocrisia, de manifestar as próprias dúvidas e temores em um período que era perigoso falar”.<sup>129</sup> O diário era forma de afirmação da individualidade, de expressão da verdade pessoal, bem como uma possibilidade de agir e pensar livremente, ainda que restrita ao espaço narrativo.

Sobre a prosa do Gulag em geral, o pesquisador David J. Galloway informa que, a função informativa era mais importante que a estética, ou seja, ela estava mais preocupada em informar, em passar uma mensagem que necessariamente interessada em questões de forma literária. Ele também descreve que as primeiras incidências do gênero tendiam a não criticar outras narrativas prisionais: a verdade precisava de uma rede colaborativa. Foi apenas nos anos 70 que a atmosfera de solidariedade começou a esmorecer e os autores começaram a criticar os relatos uns dos outros (como fez o historiador Rói Miedviédiev, por exemplo, em relação a Soljenítsin).<sup>130</sup> O autor também explica que depois de 1988, as narrativas sobre o gulag alcançaram momento de desgaste, pois a realidade dos campos não precisava mais de testemunhos para convencer as pessoas de sua existência.<sup>131</sup>

Um dos relatos mais importantes sobre os campos de trabalho soviéticos foi escrito por Varlam Chalámov (1907-1982). O escritor foi preso em 1929, sob a acusação de fazer parte de organização trotskista, pela qual recebeu pena de três anos. Foi preso novamente em 1937, com sentença de cinco anos em Kolimá, acrescida de mais dez anos em 1943. Deveria ter sido libertado em 1951, mas só foi solto, de fato, em 1953, após a morte de Stálin. Reunidas sob o título *Contos de Kolimá*, as narrativas foram publicadas na União Soviética em 1987.<sup>132</sup> Ao contrário de Soljenítsin, que construiu uma narrativa do gulag a partir da liberdade estilística, Chalámov baseou o seu em critérios tais como o laconismo, a simplicidade e a contenção.<sup>133</sup> Critérios estéticos à parte, porém, nenhuma narrativa prisional conseguiu superar o impacto editorial e político causado pelas narrativas prisionais de Aleksandr Soljenítsin, ou, mais especificamente, pelo *Arquipélago Gulag*, cujo texto será analisado a seguir.

---

<sup>129</sup> FIGES, *Sussurros*, 2010, p. 307.

<sup>130</sup> No livro **Let History Judge**: The Origins and Consequences of Stalinism, publicado em 1971.

<sup>131</sup> GALLOWAY, “Polemical Allusions in Russian Gulag Prose”, 2007, pp. 535–552, p. 535; 538; 550.

<sup>132</sup> GALLOWAY, “Polemical Allusions in Russian Gulag Prose”, 2007, p. 539.

<sup>133</sup> JABLONKA, *La historia es una literatura contemporánea*, 2016, p. 236.

### 2.3. ALEKSANDR SOLJENÍTSIN

A obra literária e a vida pessoal de Aleksandr Soljenítsin se confundem com a história da URSS. Nascido no ano seguinte à Revolução de Outubro, na cidade russa de Kislovodsk, o escritor estudou física e matemática na universidade de Rostov. Foi membro do Komsomol, organização do Partido Comunista para a juventude. Começou a servir o exército em 1941, onde foi promovido a capitão. Preso em fevereiro de 1945 por criticar Stálin em cartas pessoais, foi sentenciado a oito anos de trabalhos forçados seguidos de exílio interno perpétuo.<sup>134</sup> A formação científica foi útil, pois permitiu que fosse alocado em uma *charachka*, instituto prisional de pesquisa, onde permaneceu de 1946 a 1950. Localizada em Marfino, a prisão tinha rotina mais branda que a dos outros campos de trabalho: a comida era decente, trabalhava-se menos horas, biblioteca e tabaco estavam disponíveis para os detentos.<sup>135</sup> Devido a um conflito com as autoridades, em 1950, foi transferido para Ekibastug, campo do Cazaquistão reservado para presos políticos. No local, trabalhou com minas, tijolos e fundição. A pena terminou oficialmente em 9 de fevereiro de 1953, mas foi liberado apenas em 5 de março do mesmo ano, dia do anúncio da morte de Stálin. Foi enviado para Kok-Terek, vila no Cazaquistão, onde deveria ficar até o fim da vida. Na localidade, trabalhou como professor e dedicou-se à escrita.

Em 1956, as diretrizes do governo afetaram diretamente a vida de Soljenítsin, principalmente a partir do XX Congresso do Partido Comunista. Neste ano, sentenças de exílio perpétuo foram canceladas, o que permitiu que o escritor se mudasse para o vilarejo de Miltsevo, na Rússia. Em 1957, o escritor foi oficialmente reabilitado e as acusações contra ele foram retiradas. Em 1962, como parte da campanha contra o stalinismo, Khruschóv autorizou a publicação de *Um dia na vida de Ivan Denisovich*. Após o golpe de Estado que derrubou Khruschóv em 1964, o autor voltou a ser perseguido, o que culminou com a expulsão da União dos Escritores, em 1969. Em fevereiro de 1974, foi novamente preso e expulso da URSS, de onde seguiu para os Estados Unidos. Ao chegar no país, foi tratado como celebridade: recebeu pedidos de entrevistas, telegramas de apoio, ofertas de asilo político. Menos de um mês após a deportação, ganhou cidadania americana honorária. Destaca-se que o entusiasmo dos EUA em relação a Soljenítsin foi menos literário que político. Segundo Frances Stonor Saunders, uma das armas mais importantes do país na Guerra Fria, em pleno vapor à época, foi o suporte

---

<sup>134</sup> Soljenítsin foi preso por tentativa de formar uma organização antissoviética, pois, à época, duas pessoas eram consideradas uma organização. SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 76; 272.

<sup>135</sup> Todos os dados biográficos, a não ser quando houver indicação específica, foram retirados do livro: ERICSON JR *et al.*, *The Soul and Barbed Wire*, 2008.

cultural e financeiro a artistas considerados anticomunistas,<sup>136</sup> política que respingou no escritor russo. O escritor exilado fixou residência na cidade de Cavendish, onde permaneceu por 18 anos. Em 1994, quando retornou à terra natal, o bloco socialista estava desfeito.

Por causa de *Arquipélago Gulag*, Soljenítsin foi alvo de intensa campanha de difamação soviética. Houve tentativa de pintá-lo como um bêbado antisemita, esforço que obteve certo sucesso.<sup>137</sup> A publicação foi causa direta do banimento de Soljenítsin da URSS. O livro começou a ser escrito em 1958, foi concluído em 1968 e editado pela primeira vez em 1973, na França. Em solo soviético, a primeira publicação ocorreu em 1989. Soljenítsin tomou a decisão de publicar o livro no exterior após a KGB ter torturado uma amiga para que revelasse onde estavam os manuscritos do escritor. Ela cometeu suicídio após ser liberada.<sup>138</sup>

Segundo Ericson Jr., o *Arquipélago* mistura dados fatuais com interpretação para conseguir o máximo de efeito e construir um caso contra o regime bolchevique. Nesse sentido, destaca-se que todas as pesquisas históricas também fazem tal conjugação, pois é impossível narrar acontecimentos sem interpretá-los. A diferença é que, ao contrário dos textos historiográficos acadêmicos, que têm a objetividade como norte (mesmo que os pesquisadores saibam que ela é impossível), o texto de Soljenítsin revela lados em uma querela e abertamente se posiciona em um deles.

Ainda sobre o lançamento do livro, destaca-se que o primeiro volume da narrativa foi um verdadeiro acontecimento político. Com a publicação dos tomos II e III, o furor em volta do autor diminuiu e as pessoas passaram a prestar um pouco mais de atenção no artista e menos no homem por trás da controvérsia.<sup>139</sup> Segundo o pesquisador Ronald Vroon, a trilogia descreve um ciclo completo: o primeiro volume trata de prisões ilegais e o terceiro discute os *zeks* em liberdade. Especificamente sobre o volume I do *Arquipélago Gulag*, ele afirma que a seção possui conteúdos “[...] mais históricos que descritivos: para estabelecer o caso dele contra o Estado o narrador precisa demonstrar que os fundamentos para os grandes crimes cometidos — os próprios campos — residem na própria natureza do sistema e em seu aparato extra-legal”.<sup>140</sup>

A escrita do *Arquipélago* foi fruto de nove anos de escrita. O texto possui dois públicos. O primeiro, interno, tinha como característica o fato de ser silencioso, enquanto o segundo,

---

<sup>136</sup> SAUNDERS, F. S. **Who Paid the Piper?:** The Cia and the Cultural Cold War. London: Granta Books, 1999, p. 30.

<sup>137</sup> APPLEBAUM, **Gulag**, 2009, p. 20.

<sup>138</sup> GARRAD, “Things Left Unsaid: Solzhenitsyn’s ‘Gulag Archipelago’.”, 1975, p. 244.

<sup>139</sup> VROON, Ronald. “Literature as Litigation: Aleksandr Solzhenitsyn’s ‘The Gulag Archipelago’.” **Russian History**, vol. 7, n° 1/2, 1980, p. 213.

<sup>140</sup> VROON, “Literature as Litigation: Aleksandr Solzhenitsyn’s ‘The Gulag Archipelago’”, 1980, p. 220-1.

externo, era bastante opinativo. O alvo principal de Soljenítsin não eram as massas ocidentais, mas o leitor soviético, até porque o objetivo final do autor parece ser o de convencer os seus conterrâneos a dar início a um processo de exorcismo e purificação nacional. Quando o autor se dirige ao interlocutor ocidental, no texto, é para dar voz ao primeiro público.<sup>141</sup> Por exemplo, no segundo capítulo, o texto se dirige ao leitor para dizer que enquanto ele se ocupava de coisas triviais, milhares de pessoas eram levadas para o gulag.<sup>142</sup>

O texto envolve tanto reconstrução da realidade como exercício de imaginação. Portanto, para entender o impacto e a importância do texto de Soljenítsin é preciso entender o que é dito e como: deve-se atentar tanto ao conteúdo quanto à forma. A liberdade estilística de *Arquipélago Gulag* aponta para o fato de que, apesar de trabalhar com episódios que realmente ocorreram, o texto desafia categorias narrativas acadêmicas, como historiografia e literatura, característica que foi analisada por vários pesquisadores. Seguem abaixo as considerações mais relevantes para a análise deste trabalho.

## 2.4. FORTUNA CRÍTICA

Em *Un homme en trop*, o filósofo Claude Lefort explica que o texto de *Arquipélago Gulag* apresenta características ambíguas e, portanto, não só foi um desafio para o século XX, como abalou o seu conjunto de representações e revelou a fissura do mundo moderno. Trata-se de um relato, pois foi construído a partir de grande quantidade de testemunhos e da experiência do autor, mas também tem dimensão de um trabalho de história acadêmico ou profissional, pois conta com informações de documentos legislativos, administrativos, judiciais, políticos e literários. Para o crítico, era intenção do autor que as questões não fossem tratadas de modo teórico.<sup>143</sup>

Em *Gulag*, Anne Applebaum explica que a abertura dos arquivos soviéticos demonstrou que muitas das estatísticas apresentadas no *Arquipélago* são imprecisas: nomes e datas foram trocados e algumas narrativas e dados são impossíveis de serem verificados. Ainda assim, defende que apesar de conter falhas, mesmo sem ter tido acesso a arquivos oficiais do governo, o quadro geral apresentado pelo escritor é correto. A autora defende que a maestria de Soljenítsin está no que ela chama a representação da sociologia da vida nos campos. O livro também possui o mérito de captar a atmosfera de medo, traição e perseguição da época. Para a pesquisadora, é por causa do talento literário e da obsessão com os detalhes que o *Arquipélago Gulag* não é mera descrição da

---

<sup>141</sup> MALIA, “A War on Two Fronts: Solzhenitsyn and the Gulag Archipelago”, 1977, p. 46- 47.

<sup>142</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 101.

<sup>143</sup> LEFORT, Claude. **Un homme en trop**. Essai sur ‘L’archipel du Goulag’ de Soljénitsyne. Paris: Seuil, 1976, p. 22.

história, o livro é história, principalmente por ter tido papel ativo na construção do mundo pós-soviético. Por fim, a pesquisadora descreve o livro como “história oral dos campos”, que despertou uma onda antissoviética no meio intelectual francês.<sup>144</sup>

Nesse sentido, para dialogar com a autora citada, vale lembrar que uma pesquisa pode apresentar nomes e datas de forma impecável, mas ainda assim estar incorreta do ponto de vista histórico, ou seja, a precisão não é único critério relevante em um trabalho de história. Outro fator a ser destacado é o fato de que Soljenítsin estava ciente de que não possuía provas para fazer afirmações e que seria criticado por isso. A possível lacuna não esmorece seus esforços denunciastas, muito pelo contrário. Como defesa perante as possíveis críticas, ele parte para o ataque narrativo. Desafia diretamente aqueles que discordam dele a produzir as provas cabíveis: “Calcula-se que uma quarta parte da população de Leningrado foi *limpa* em 1934-35. Esta apreciação, que a desminta aquele que tem em seu poder os números exatos, e que os forneça”.<sup>145</sup>

Em “A War on Two Fronts: Solzhenitsyn and the Gulag Archipelago”, Martin Malia aponta o *Arquipélago Gulag* como importante fato cultural do século XX. O autor considera o relato uma “história aproximada do terror soviético”. Segundo o pesquisador da era soviética, apesar de ser um texto literário de qualidade, o *Arquipélago Gulag* não pode ser considerado apenas em relação ao aspecto estético. Também não deve ser visto apenas como registro de uma situação humana indigna. O livro é, acima de tudo, uma obra política. Deve-se destacar o fato de que, no Ocidente, o termo é utilizado de forma distinta da que aparece neste relato, uma que é essencialmente russa. Malia destaca que, para Soljenítsin, a história soviética até aquele momento estava amparada no princípio da falsificação, fato que por si só seria suficiente para fazer do *Arquipélago* a primeira história, a primeira crônica do povo. A verdade precisava ser dita, pois o regime se sustentava no fato de que as pessoas fingiam não perceber o quanto havia de falso nas informações que circulavam socialmente.<sup>146</sup>

Soljenítsin constrói um caso contra o Estado soviético e quer convencer o leitor a tomar o lado dele na querela. Em “Literature as Litigation: Aleksandr Solzhenitsyn’s ‘The Gulag Archipelago’”, o pesquisador Ronald Vroon enxerga elementos forenses no livro, característica que influenciou importantes romances da literatura russa, tais como *Crime e castigo* (1866) e *Os irmãos Karamázov* (1880), ambos escritos por Fiódor Dostoiévski. O autor se apoia em Aristóteles e explica que um discurso forense contém elementos de acusação e defesa, além de

---

<sup>144</sup> APPLEBAUM, *Gulag*, 2009, p. 18.

<sup>145</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 68.

<sup>146</sup> MALIA, “A War on Two Fronts: Solzhenitsyn and the Gulag Archipelago”, 1977, p. 46; 48; 52.

tratar de questões de justiça e injustiça, características que estão presentes no *Arquipélago*. O livro é esforço de denúncia, em relação ao regime, e de defesa, em relação aos presos políticos.<sup>147</sup> Soljenítsin atua no papel tanto de acusação, como no de testemunha. Porém, nenhuma acusação grave é baseada apenas na própria experiência. Dados autobiográficos aparecem para comprovar dados já mencionados: nessas horas, o autor defende que também tem direito de se expressar como vítima. Ainda sobre os aspectos forenses da narrativa, Vroon defende que eles não são tão óbvios, devido ao gigantismo do texto. Para o estudioso, isso é resultado da maestria de Soljenítsin, pois se o leitor não se atentar tanto à estrutura narrativa, poderá dar mais atenção à mensagem que aos aspectos artísticos do texto.<sup>148</sup>

É impossível separar o argumento do *Arquipélago* do meio utilizado por Soljenítsin para expressá-lo. Segundo Martin Malia, trata-se de um texto *sui generis*. “Nem história objetiva, nem memória pessoal, nem tratado político, nem meditação filosófica, é tudo isso ao mesmo tempo, um amálgama cujo todo é maior que a soma das partes.” Para o pesquisador, o novo gênero, que na verdade é um híbrido de outros já existentes, atualiza o antigo costume russo de utilizar a literatura como plataforma para abordar (e muitas vezes substituir) a política. “Arte e pesquisa, literatura e investigação empírica, são geralmente esforços contraditórios. Ainda assim, o Gulag é, de fato, tanto arte quanto inquérito histórico, com dose liberal de filosofia”.<sup>149</sup>

Para Edward J. Brown a obra de Soljenítsin é tão abarrotada de dramas e situações trágicas, que um crítico pode se sentir tentado a se debruçar apenas sobre a mensagem divulgada por ela. Tal abordagem é equivocada, pois o russo é antes de tudo um artista e, em seus escritos, a estrutura é inseparável do sentido.<sup>150</sup> Para o pesquisador, a crença no poder de redenção e transformação da arte possui grande peso nas produções do escritor. Especificamente sobre o *Arquipélago*, Brown defende que, na história da literatura, não existe nada igual à narrativa. O pesquisador explica que o livro fundou um gênero, denominado de “experimento de investigação literária” pelo próprio Soljenítsin. Segundo o pesquisador, o *Arquipélago* é um “documento histórico baseado em uma imensa acumulação de evidências, reunidas e articuladas por um artista conscientemente comprometido com o bem definitivo e contra o mal”.

---

<sup>147</sup> Sobre esse esforço, destaca-se que ele está em dissonância com o ofício de um historiador, cuja missão não é atuar como acusador, nem revelar a quantidade de maldade que motivou a atuação de figuras controversas. FITZPATRICK, Sheila. “Writing History/Writing about Yourself: What’s the Difference?” *Clio’s Lives: Biographies and Autobiographies of Historians*. Australia: ANU Press, 2017, p. 28.

<sup>148</sup> VROON, “Literature as Litigation: Aleksandr Solzhenitsyn’s ‘The Gulag Archipelago’”, 1980, p. 216; 217; 228; 238.

<sup>149</sup> MALIA, “A War on Two Fronts: Solzhenitsyn and the Gulag Archipelago.”, 1977, p. 50.

<sup>150</sup> BROWN, *Russian Literature Since the Revolution*, 1982, p. 253.

Segundo Brown, os trabalhos de Soljenítsin estão localizados em uma zona cinzenta entre literatura e história, encontram-se na fronteira,<sup>151</sup> perspectiva compartilhada por este trabalho.

No artigo “The Word of Aleksandr Soljenítsin”, a pesquisadora Carlyl Emerson defende que o *Arquipélago Gulag* não é nem história, nem romance, mas que o subtítulo do trabalho permite que o autor transite com propriedade nos dois campos. “Os primeiros dois volumes realizam uma espécie de arquivo e, até certo limite, são autobiográficos: ilustrados pela prisão e encarceramento do próprio autor, elas realizam crônica da evolução do odioso maquinário administrativo do Terror (...)”. Os primeiros volumes lidam com a “fúria dos fatos”, enquanto o terceiro realiza uma leitura mais subjetiva do significado da condição humana por parte de Soljenítsin. O que já possível apreender nos volumes anteriores, fica mais explícito no volume final: o humanismo de Soljenítsin não é o mesmo do Ocidente, pois para o autor o indivíduo atinge o ápice da condição humana ao ser testado em condições extremas.<sup>152</sup>

Por fim, o historiador Robert Darnton discorre sobre quão problemática é a tentativa de abordar o texto de Soljenítsin sobre a perspectiva de um único campo do conhecimento. “A própria noção de literatura, em certas sociedades, carrega um peso que, em outras, mal pode ser imaginado. Na Rússia soviética, segundo Aleksandr Soljenítsin, a literatura era tão poderosa que ‘acelerava a história’”. O historiador reforça o importante papel das diversas vozes dissidentes no regime soviético, pois a história não daria conta de ocupar esse vácuo sozinha.<sup>153</sup> “Apesar de todos os detalhes muito vivos, respaldados por grande quantidade de documentação, a história não tem o efeito de uma exposição jornalística.”<sup>154</sup>

Naturalmente, a exposição acima não pretende esgotar a vasta fortuna crítica sobre a literatura de Soljenítsin, mas expor quão vasto é o debate sobre os alcances e classificações narrativos em torno de sua obra. A breve revisão sobre a forma e as características do *Arquipélago Gulag* visa a apontar para o fato de que não há resposta definitiva para o dilema literário e historiográfico no qual o texto se insere. De todo modo, talvez a riqueza do texto se justifique justamente pela indefinição, como um barco que passeia livremente entre um arquipélago de gêneros. Nesse contexto, as ilhas da história, da memória e do romance servirão como breves portos nos capítulos a seguir.

---

<sup>151</sup> BROWN, **Russian Literature Since the Revolution**, 1982, p. 272.

<sup>152</sup> EMERSON, “The word of Aleksandr Soljenítsin”, 1995, p. 70.

<sup>153</sup> A proposição de Soljenítsin gera um paradoxo. O fato de o autor ter vivido de modo direto o que escreveu aumenta a relação do texto com a verdade e não diminui, pois um texto de história sempre é indireto, escrito a partir de “terceiros”.

<sup>154</sup> DARNTON, Robert. **Censores em ação**: como os Estados influenciaram a literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 10; 284.

## CAPÍTULO 3: A HISTÓRIA, A MEMÓRIA, O GULAG

Em Kolimá os corpos não são entregues à terra, e sim à pedra. A pedra guarda e revela os segredos. A pedra é mais segura do que a terra. O *permafrost* guarda e revela segredos. Dos nossos, cada um dos que morreram em Kolimá — cada um dos fuzilados, espancados, debilitados pela fome — ainda pode ser identificado, mesmo depois de dezenas de anos. Não havia câmaras de gás em Kolimá. Os cadáveres esperam na pedra, no *permafrost*.

Varlam Chalámov, *A Margem esquerda*

Depois de exaustiva descrição do contexto de produção de *Arquipélago Gulag*, chega a hora de adentrá-lo. Na superfície, o livro descreve a violência do regime soviético, que envolvia prisões inesperadas, detenções noturnas, torturas físicas e psicológicas, ausência do devido processo legal etc. Porém, conforme mencionado, o texto foi produzido por um escritor, e não por um historiador profissional, o que fez com que a narrativa obtivesse características de história, memória, literatura, romance e autobiografia. Todas as informações estão costuradas por meio de uma escrita irônica, sarcástica, opinativa e rancorosa, o que permite que, no fundo, ela ofereça retrato da condição humana.

### 3.1. DIANTE DO ARQUIPÉLAGO: ANÁLISES PRELIMINARES

A presente análise não perde de vista o fato de que cada leitor tem acesso ao texto de Soljenítsin de formas diferentes: seja por meio do original ou por meio de traduções. Inúmeras foram as edições do livro espalhadas pelo mundo, o que faz necessário especificar sobre qual delas se debruçou esta pesquisa. Primeiramente, segue breve descrição física. O primeiro volume da edição de *Arquipélago Gulag* analisada por este trabalho possui 579 páginas distribuídas em dezesseis capítulos, que, por sua vez, formam as duas primeiras partes do livro. A crítica feita por Soljenítsin apresenta alguns elementos de abertura, imprescindíveis e complementares à leitura, tais quais: dedicatória, prefácio, notas do autor. Porém, antes mesmo de chegar a esses pequenos textos, o leitor da edição brasileira analisada como fonte primária de análise neste trabalho encontra informações relevantes. Nas quatro primeiras páginas do livro, encontram-se informações catalográficas e editoriais. A primeira delas é ocupada exclusivamente pelo título *Arquipélago Gulag*. Na segunda, há o título original: Архипелаг ГУЛлаг. Vale destacar o fato de que, em russo (*Arkhipelag Gulag*, em transliteração) há uma rima que a tradução não consegue manter.

O livro é descrito como parte da Biblioteca do Exército (Publicação 456) e integrante da Coleção General Benício (Volume 134).<sup>155</sup> Publicado em 1976, tem como palavras-chave os termos “prisões” e “Rússia”. Os direitos de publicação estão atribuídos à DIFEL (1974), editora portuguesa através da qual a Editora do Exército adquiriu os direitos para a publicação em solo brasileiro. Na terceira página, a tradução é atribuída a Francisco A. Ferreira, Maria M. Llistó e José A. Seabra. Não há informação sobre o idioma base, se a tradução foi feita a partir do russo. Na quarta página, há lista de integrantes da Comissão de Publicações, composta majoritariamente por militares. Por último, consta o endereço da sede da Biblioteca do Exército: Palácio Duque de Caxias (antigo Ed. do Ministério do Exército), no Rio de Janeiro.

Criada em 1881, a Biblioteca do Exército recebeu status editorial em 1937 e segue em atividade. De acordo com o site oficial,<sup>156</sup> a editora tem como proposta contribuir para “o provimento, a edição e a difusão de meios bibliográficos necessários ao desenvolvimento e aperfeiçoamento da cultura profissional-militar e geral”. As publicações do grupo são frequentemente apontadas como segmentadas, conforme matéria<sup>157</sup> do jornal *Folha de S.Paulo*, publicada em 26 de dezembro de 2015. Segundo um porta-voz oficial, Márcio Oliveira Rocha, as escolhas dos títulos “refletem o pensamento na caserna”. Tal ponto vista é necessário, segundo ele, pois o meio acadêmico é predominante de esquerda. Outro porta-voz, descrito apenas como tenente Rocha, afirma que os militares raramente se manifestam sobre os acontecimentos do mundo, o que justifica a razão de ser da editora e o esforço de divulgar pontos de vistas existentes nas Forças Armadas. A mesma reportagem cita crítica de Carlos Fico, pesquisador da ditadura no regime militar no Brasil e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), segundo a qual as publicações da Biblioteca do Exército adotam um ponto de vista brando e leniente sobre a ditadura militar vivida pelo Brasil. Afonso Martins, diretor-presidente da Associação Nacional de Livrarias, ressalta o caráter conservador da maioria das publicações e chama de anacrônicos os livros de tom anticomunista.

De volta ao livro, na quinta página, há uma pequena apresentação da editora. É enaltecido o fato de o escritor russo ter recebido o Prêmio Nobel de Literatura em 1970 e de ter ocupado o

---

<sup>155</sup> Destaca-se o insólito da situação, pois à época da publicação, o Brasil vivia uma ditadura: à semelhança do que Soljenitsin denuncia na URSS, pessoas também eram perseguidas e assassinadas neste regime. A presente pesquisa está atenta à atuação anticomunista da Bibliex, mas não se aprofundará na questão, por entender que ela merece tratamento mais aprofundado. Optou-se por dar mais atenção ao tema do estatuto histórico-literário do livro, pois ele está mais próximo dos interesses intelectuais da autora, cuja foco acadêmico principal é a literatura russa e não a história do Brasil ou da Guerra Fria, por exemplo.

<sup>156</sup> <<http://www.bibliex.ensino.eb.br/>>. Acesso 17.02.2017.

<sup>157</sup> <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/12/1723145-editora-biblioteca-do-exercito-lanca-livros-com-criticas-a-visoes-de-esquerda.shtml>>. Acesso em 17.02.2017.

topo da lista entre os livros mais vendidos pelo mundo. A apresentação também destaca o fato de o texto russo ter sido publicado em Paris, pois as autoridades soviéticas haviam banido internamente a circulação de textos do autor. Destaca-se o número fornecido por Soljenítsin, segundo o qual 66 milhões de pessoas haviam passado pelos campos correcionais da URSS. Por fim, um incentivo: “Apesar de conter em seu texto quase seiscentas páginas, a narrativa deste livro é tão eletrizante, que o apreciador da boa leitura será capaz de sorvê-lo de uma só vez”. Nota-se que o livro é tratado pela editora tal qual um livro de aventuras, o qual deve ser lido mais pelos desdobramentos emocionantes que pela relevância das informações. A notoriedade do autor e descrição deste como injustiçado de um regime autoritário também é apresentada como fator positivo. Sugere-se que o fato de o autor ter sido premiado e de ter fugido da censura para poder revelar o que sabia lhe confere atestado de veracidade. Sutilmente, o leitor é induzido a iniciar a leitura a partir de uma contraposição: enquanto os comunistas proíbem a circulação de informações, os militares brasileiros, ao darem voz a Soljenítsin, a incentivam e promovem. Fica subentendido que a ditadura militar utilizou a publicação como instrumento para justificar as perseguições e violência que ocorriam, na mesma época, no Brasil, como se afirmasse: “*O que estou fazendo é ruim, mas em nome de um bem maior*”, ou seja, o combate ao comunismo.<sup>158</sup>

Os elementos textuais que antecedem o primeiro capítulo do *Arquipélago* são importantes, pois estabelecem o tom da edição analisada, bem como resumem os assuntos abordados ao longo da narrativa. A primeira nota informa: “No presente livro não há personagens imaginárias, nem acontecimentos imaginários. Pessoas e lugares são mencionados pelos seus próprios nomes. (...) Mas tudo se passou exatamente assim”.<sup>159</sup> O autor estabelece diferenciação entre conteúdo imaginado e aquele expresso nas páginas do livro. Pode-se considerar que, por meio do alerta, Soljenítsin está excluindo o seu relato da esfera da ficção, no sentido mais básico e simplista do termo. Ou seja, ele busca, com o relato, atingir uma verdade mais literal e verificável (por exemplo, por meio dos testemunhos nos quais o texto se ampara).

O segundo texto que antecede o *Arquipélago* é uma espécie de prólogo. Na seção, o narrador comenta informe de 1949 da revista da Academia de Ciências *Priroda* (Natureza), que informa sobre fósseis congelados descobertos na bacia do Rio Kolimá. As espécies milenares encontravam-se em tão bom estado, que as pessoas rompiam o gelo para comer, *com prazer*, os animais. Leitores da revista espantaram-se com a infinita capacidade de preservação do meio

---

<sup>158</sup> FARIA, Daniel. “O historiador e um humanismo possível para tempos sombrios”. Texto inédito, apresentado em forma de seminário no evento 2nd Conference of the International Network for Theory of History, na Universidade de Ouro Preto (UFOP), em agosto de 2016, p. 3.

<sup>159</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 6.

ambiente. O escritor afirma que o conteúdo daquela anedota não poderia ser estranho a ele, pois só haveria um grupo de pessoas capaz de comer tal iguaria com prazer: os *zeks*<sup>160</sup> (grupo do qual ele havia feito parte). O comentário apresenta um dos principais personagens da saga de Soljenítsin, além de situá-los geograficamente. Os *zeks* eram os prisioneiros alocados em Kolimá, bem como no vasto e fragmentado mundo dos campos de trabalho da URSS. “Kolimá era a maior e a mais célebre ilha, o polo da ferocidade desse assombroso país do Gulag, desgarrado pela geografia num arquipélago, mas psicologicamente ligado ao continente, a esse quase intangível país habitado pelo povo zek”.<sup>161</sup>

Desde o início está estabelecida a utilização de analogias e metáforas, pois a menção à pele e aos ossos congelados de um animal pré-histórico, remete às peles e aos ossos daqueles que morreram nos campos.<sup>162</sup> O informe sobre a descoberta também aponta para a possível recepção futura do livro, para a informação de que os fatos narrados por ele eram espécie de memória subterrânea. Tal como os peixes, o *Arquipélago* é apresentado como método de conservação de uma estrutura específica, como elemento que precisaria sobreviver às condições mais adversas para chegar à superfície e, só então, inusitadamente, ser “consumido” pelas pessoas. O “fóssil” de Soljenítsin era ele mesmo: um sobrevivente que precisaria derrotar, senão o tempo, pelo menos o controle soviético em relação à história oficial. Destaca-se que o prólogo funciona como vitrine do estilo de escrita desenvolvido pelo autor no resto do livro. A narrativa de Soljenítsin recorre, frequentemente, a imagens globais que são costuradas ao longo do texto.

Destaca-se que o prólogo revela o ponto de vista que Soljenítsin adotaria no texto do *Arquipélago*. Segundo o autor, o mundo da repressão e das prisões políticas não estava apartado do cotidiano soviético: “[...] recortava-se policromo sobre o outro país, a que estava incorporado, penetrava nas suas cidades [...] no entanto havia quem não se apercebesse de nada, embora muitos tivessem ouvido falar vagamente de algo”.<sup>163</sup> Para ele, o mundo dos campos estava imediatamente ligado ao mundo do cotidiano soviético: a argumentação de Soljenítsin indica que um era desenvolvimento direto do outro. Estavam tão ligados, que o sistema gulag pairava de forma fantasmagórica sobre a vida soviética. No décimo sexto e último capítulo, ele conclui: “Talvez precisamente aqui, entre os muros de uma cela, ressalte essa grande verdade: estreita é a cela, mais estreito é o país *livre* lá fora! Acaso não é o nosso povo, ultrajado e

---

<sup>160</sup> Segundo a tradutora do russo Cecília Rosas, *zek* é sigla para *zakliutchónni*, “preso”. A expressão foi usada nos documentos oficiais dos anos 1920 aos 1950. CHALÁMOV, V. **A margem esquerda**. São Paulo: editora 34, 2016, p. 58.

<sup>161</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 7.

<sup>162</sup> VROON, “Literature as Litigation: Aleksandr Solzhenitsyn’s ‘The Gulag Archipelago’”, 1980, p. 219.

<sup>163</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 8.

enganado, que jaz ao nosso lado, sobre os catres ou corredores?”.<sup>164</sup> Applebaum desenvolve argumento semelhante, ao defender que os campos refletiam estruturas existentes na sociedade. “[...] o Gulag foi muitas vezes descrito como a quintessência do sistema soviético. Mesmo na gíria dos presos, o mundo de fora do arame farpado era não a ‘liberdade’, mas a *bolchaia zona*, a ‘zona prisional grande’”.<sup>165</sup> O mundo de “fora” talvez fosse menos brutal, mas era o responsável por ditar os valores (não) humanitários de “dentro”.

No mesmo texto introdutório, Soljenítsin revela que o resultado da experiência no gulag foi contraditório, repleto de emoções agrídoces. “Os onze anos que ali passei, incorporei-os não como uma desonra, nem como um sono maldito, mas quase amando aquele mundo monstruoso”.<sup>166</sup> Soljenítsin aponta para outra tendência do relato, a de problematizar a interpretação de acontecimentos reais a partir da complexidade e nuances contraditórias da condição humana. Nesse sentido, destaca-se que a ambiguidade está mais próxima do romance que da historiografia acadêmica. Ao comentar a visão de Bakhtin sobre o gênero romanesco, Gary Saul Morson e Caryl Emerson explicam que: “[...] o romance é sempre cético, experimental e aberto à experiência imprevisível de cada momento presente”.<sup>167</sup>

Anterior aos capítulos, também há uma dedicatória, na qual o autor problematiza o fato de uma vida não ser suficiente para registrar os fatos mais relevantes na trajetória de uma pessoa. “Dedico este livro a todos aqueles a quem a vida não bastou para o relatar. Que eles me perdoem não ter visto tudo, não ter recordado tudo, não ter percebido tudo”.<sup>168</sup> O trecho revela um compromisso moral assumido pelo escritor, de honrar a memória e sofrimento vivido por um número avassalador de pessoas durante o regime soviético, de revelar o que o Estado escondia. Na página seguinte, consta outra nota, datada de setembro de 1973. No texto, ele revela que o livro havia sido escrito há muito tempo, mas que não o publicara, porque o “[...] dever perante os vivos prevalecia sobre o dever perante os mortos”.<sup>169</sup> Diz que o motivo de revelar a obra para o mundo naquela data era o fato de que Estado já havia se apoderado dela.

Os textos introdutórios também revelam que Soljenítsin relega a primazia do conhecimento histórico aos indivíduos que estabeleceram relação de *presença e experiência* com os eventos; ao sujeito que sentiu e participou de desdobramentos decorrentes de certas situações.

---

<sup>164</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 578.

<sup>165</sup> APPLEBAUM, **Gulag**, 2009, p. 27-8.

<sup>166</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 8.

<sup>167</sup> MORSON *et al.*, **Mikhail Bakhtin**, 2008, p. 320.

<sup>168</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 9.

<sup>169</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 10.

Em determinado momento, afirma, sobre o gulag, que “[...] só os que lá tinham estado conheciam tudo”.<sup>170</sup> É por isso que ele recorre às vozes ignoradas pelo regime para pintar a realidade soviética com o máximo de cores possível. Sobre a abordagem, Lefort afirma que o texto de Soljenítsin é a “prova escrita de uma experiência”.<sup>171</sup> Como Soljenítsin havia sido preso e viveu a “realidade” dos campos, acreditava estar em posição de autoridade para desmascarar a propaganda oficial e de oferecer uma história alternativa àquela disponível para a população. A consulta a outros sobreviventes está relacionada, também, ao fato de que, para ele, denunciar o terror soviético era tarefa tão importante que não deveria ficar concentrada a um só homem: “Além de quanto eu trouxe do arquipélago — na minha própria pele, na minha memória, nos ouvidos e nos olhos —, o material para este livro foi-me fornecido por relatos, recordações e cartas de... [...]”.<sup>172</sup> O trecho aponta para os aspectos testemunhais do texto e, por meio dele, é possível começar a pensá-lo em contraposição à historiografia.

Primeiramente, destaca-se que o *Arquipélago*, assim como muitas pesquisas acadêmicas do século XX, recorreu a testemunhos. Neste contexto, deve-se pensar no testemunho como fonte historiográfica. É importante destacar que ele se tornou particularmente valioso em contextos em que houve cerceamento de informações pelo poder oficial. Outro aspecto relevante é que o envolvimento dos sujeitos, bem como a urgência e/ou a importância dos fatos resgatados interferem na abordagem distanciada. Em *Testimony: Crises of Witnessing in Literature, Psychoanalysis, and History*, Shoshana Felman e Dori Laub discutem os limites deste gênero narrativo. Para os pesquisadores, falar ou escrever sobre um acontecimento não significa apenas produzir reflexo da realidade. Momentos vivenciados são repensados e reformulados ao serem transmitidos em testemunho, gênero que possui componente de incomunicabilidade. “O que o testemunho não oferece é, porém, uma declaração completa, uma conta totalizável dos eventos. No testemunho, a linguagem está sendo processada e julgada [...]. Trata-se de uma prática discursiva em oposição à teoria pura”.<sup>173</sup> Trata-se, portanto, de fonte rica e privilegiada de informações, mas carrega, essencialmente, um potencial de deturpar, em menor ou maior grau, o passado.

No livro *Probing the Limits of Representation: Nazism and the Final Solution*, o historiador Saul Friedländer reflete sobre a importância dos testemunhos para a escrita do passado. Para o pesquisador, abordar um único acontecimento a partir da perspectiva de várias pessoas é desconcertante para o historiador em busca de certezas. Os homens realizam ações

---

<sup>170</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 7.

<sup>171</sup> LEFORT, *Un homme en trop*, 1976, p. 8.

<sup>172</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 10.

<sup>173</sup> FELMAN, Shoshana. *Testimony: Crises of Witnessing in Literature, Psychoanalysis, and History*. London: Johns Hopkins UP, 1991, p. 5.

diferentes uns dos outros: cada um compreende as coisas a seu modo, bem como esquece e lembra de certos aspectos da experiência de forma particular, moldando a memória de forma específica. É mais fácil ter a sensação (ilusória) de certeza sobre os acontecimentos de um dia a partir de um único ponto de vista que a partir de vários, pois ao serem contrapostos, sempre apresentam divergências, mesmo que pequenas. As distorções e mentiras deliberadas também devem ser levados em conta como elementos presentes nas narrativas de testemunhas.<sup>174</sup>

Friedländer defende que, mesmo que vários historiadores concordassem na aceitação dos mesmos dados retirados dos testemunhos, eles não produziram interpretações idênticas, nem os fatos seriam estruturados da mesma forma ao serem narrados. As questões e perguntas feitas pelo investigador modificam o enredo e a narrativa final. As preocupações e indagações para as quais o pesquisador ainda não encontrou resposta farão com que ele considere alguns testemunhos mais relevantes que outros. Tais questões conduzirão a construção da narrativa, pois a “moral da história” não é conhecida antes do início da investigação. E ainda que as preocupações do historiador estejam bem delimitadas ao início da pesquisa, elas podem mudar ao longo do processo. Há uma interação dialética entre aquilo que o historiador traz para a pesquisa e os caminhos aos quais a investigação conduz o pesquisador.<sup>175</sup> Por fim, ainda sobre a visão historiográfica de Friedländer, destaca-se a explicação de Enzo Traverso. O historiador italiano explica que, para o estudioso da Shoah, um historiador faz parte de uma rede, da qual também fazem parte as considerações pessoais, seus conhecimentos prévios, o contexto sociocultural e a tentativa de desenvolver um trabalho com distanciamento. Diante desses fatores, um distanciamento puro e completamente objetivo é inalcançável.<sup>176</sup>

Por fim, Traverso explica que o uso de lembranças de testemunhas de situações trágicas causou abalos na atividade do historiador. “Por um lado, o historiador teve de se render à evidência das limitações dos seus procedimentos tradicionais e das suas fontes, bem como ao contributo indispensável das testemunhas para a reconstrução de experiências [...]”<sup>177</sup> Traverso explica que, no século XX, a utilização da memória foi frequentemente utilizada como contraponto a informações oficiais de regimes políticos que ocultavam ou negavam atividades criminosas, pois os métodos escolhidos para esconder os fatos ocorridos geralmente envolvem

---

<sup>174</sup> FRIEDLÄNDER, Saul, **Probing the Limits of Representation: Nazism and the ‘Final Solution’**. Cambridge: Harvard University Press, 1992, pp. 29-30.

<sup>175</sup> FRIEDLÄNDER, **Probing the Limits of Representation**, 1992, p. 31.

<sup>176</sup> TRAVERSO, **La historia como campo de batalla**, 2012, p. 160.

<sup>177</sup> TRAVERSO, **O passado, modos de usar**, 2012, p. 116.

destruição dos arquivos.<sup>178</sup> Ainda segundo Traverso, a grande contribuição da testemunha ao trabalho do historiador é que ela oferece “[...] elementos de conhecimento factual inacessíveis através de outras fontes, mas sobretudo pode ajudá-lo a restituir a *qualidade* de uma experiência histórica cuja textura se modifica depois de enriquecida pelas vivências de seus atores”.<sup>179</sup>

Diante das considerações elencadas, percebe-se, portanto, que tanto a utilização de testemunhos, seja por Soljenítsin, seja pela historiografia, podem fornecer dados riquíssimos, mas imprecisos, se não amparados por outros tipos de fontes. Nesse aspecto, Soljenítsin tem um espectro de atuação mais amplo que aquele dos historiadores, que possuem a obrigação de sempre corroborar as afirmações por meio de fontes, documentos, vestígios etc. De todo modo, Soljenítsin demonstra ser um autor consciente das dificuldades de recorrer à memória como forma de abordar experiências transcorridas, pois sabe que a ação do tempo sempre influencia na transmissão de informações: “As décadas vão correndo e lambem irrecuperavelmente as cicatrizes do passado. Outras ilhas, durante esse tempo, estremeeceram, foram-se derretendo, desbordaram, e o mar polar do esquecimento vem embater sobre elas”. O autor deixa bem claro que se o registro e a transmissão dessas lembranças não forem feitos de forma competente e responsável, os leitores não vão poder entender o que se passou de fato: “E um dia, no século futuro, este arquipélago, o seu ar e os ossos dos seus habitantes, congelados numa camada glacial, serão apresentados aos descendentes como um inverossímil tritão”.<sup>180</sup> Aqui, a inverossimilhança aponta para uma pequena profecia, a da emersão de dados exóticos esquecidos, mas que nem por isso deixarão de ser constitutivos da sociedade no futuro.<sup>181</sup>

Ainda nas seções iniciais, Soljenítsin demonstra ter consciência de que o uso de testemunhos torna a escrita do *Arquipélago* algo complexo, pois a narrativa não apenas se apoia em lembranças reunidas, mas é escrita por uma testemunha. Tal aspecto poderia fazer com que o texto privilegiasse um ponto de vista pessoal em relação aos outros. Soljenítsin parecia estar ciente do risco. Já no início da narrativa, afirma: “Esse livro não será um livro de memórias pessoais”.<sup>182</sup> Ao afirmá-lo, é possível refletir sobre um possível conceito de memória para o autor e que ele está associando à narração de recordações individuais e autobiográficas. A afirmação justifica-se pelo fato de que, por meio da declaração, o que Soljenítsin quer afirmar, de fato, é que o relato não descreve as particularidades da

---

<sup>178</sup> Sobre a pesquisa em arquivos, Sheila Fitzpatrick ressalta que, ao acessá-los, o historiador deve manter em mente que muitos deles existem para contar a história de organizações, ou seja, fazem parte de um contexto institucional mais amplo. FITZPATRICK, “Writing History, Writing About Yourself: What’s the Difference?”, 2017, p. 20.

<sup>179</sup> TRAVERSO, **O passado, modos de usar**, 2012, p. 116.

<sup>180</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 8.

<sup>181</sup> FARIA, Daniel. “O historiador e um humanismo possível para tempos sombrios”, 2016, p. 7.

<sup>182</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 30.

trajetória do escritor enquanto detento do gulag. Anedotas pessoais são inseridas, quase sempre, com o propósito de ilustrar uma questão geral.

Supostamente, portanto, não há informações pormenorizadas sobre ocasiões do passado do escritor. O momento em que aborda a própria experiência de modo mais demorado é ao lidar com a própria detenção. Seja pelo fato dele conceder importância particular a essa instância do percurso prisional, que é descrito como um divisor de águas da vida do detento, seja pelo fato de que é nesse instante em que o autor decide que não denunciará a crueldade do regime apenas aos passantes, mas a duzentos milhões. Ou seja, a detenção específica da pessoa Soljenítsin é, de fato decisiva: é ela que motiva a escrita do *Arquipélago*, já que autor sabia que uma denúncia escrita teria o potencial de atingir mais pessoas que berros amedrontados no metrô.

Destaca-se, ainda, que o tom categórico da declaração não impede Soljenítsin de se contradizer, pois toda a narrativa se desenvolve em torno de uma visão de mundo muito específica do escritor. O fato de autor, narrador e personagem protagonista coincidirem também corrobora para que em vários momentos o livro adquira tom memorial. De todo modo, o que ele parece querer dizer é que a escrita buscava atingir uma dimensão coletiva, que ultrapassasse o aspecto autobiográfico. Essas passagens iniciais também pretendem convencer o leitor de que ele escreve a partir de um compromisso moral com a verdade, a reforçar o fato de que o texto é um testemunho pessoal de uma experiência coletiva, ou seja, Soljenítsin quer gerar um “efeito de confiança”.

Por fim, o livro apresenta um prefácio mais técnico, no qual detalhes sobre a produção do livro são descritos. Nele, o autor revela que, ao começar a escrita, não conhecia nenhuma narrativa sobre os campos de trabalho forçado. Teve conhecimento delas apenas posteriormente. Soljenítsin termina por fazer menção não-honrosa a uma coletânea produzida por Maksim Górkí. A pretexto de documentar a construção do Canal do Mar Branco, o escritor soviético coordenou a escrita de uma narrativa que enaltecia o trabalho forçado. O exemplo é emblemático, pois estabelece paralelo imediato: o *Arquipélago* segue na direção oposta.

### 3.2. ARQUIPÉLAGO GULAG: UMA HISTÓRIA ALTERNATIVA

O propósito inicial de Soljenítsin era a produzir um texto no qual fosse revelada a “verdade” sobre a URSS e sobre o sistema de campos de trabalhos forçados. De todo modo, apesar das intenções, no prefácio do *Arquipélago Gulag*, Soljenítsin afirma ter consciência de que o texto não é história convencional. A justificativa para tal falta de ortodoxia, segundo ele, é menos pela forma de exposição dos fatos que pelo acesso aos documentos oficiais do Estado.

“Não ousou escrever a história do arquipélago: não me foi dado ler os documentos. Mas alguém, algum dia, virá a consegui-lo? Aqueles que não desejam *recordar* tiveram já tempo bastante (e terão ainda mais) para destruir os documentos todos, completamente.”<sup>183</sup>

Devido aos impulsos historiográficos do autor russo, faz-se necessário refletir sobre alguns aspectos da história enquanto tentativa de captar e transmitir a realidade. No estudo *La historia es una literatura contemporánea*, o historiador francês Ivan Jablonka defende que um fator essencial a ser considerado na representação feita pela história, diz respeito aos questionamentos que o pesquisador decide enfrentar. Para ele, a pesquisa da história está mais relacionada a uma forma de proceder, a uma atividade intelectual em prática que necessariamente a um conteúdo exposto, porém, ela tende a uma abordagem explicativa. O historiador realiza a hierarquização de uma série de causas e desenvolve o trabalho a partir de uma busca de sentido. Para ele, a escrita da história não tem apenas que prestar contas à história, mas também a algumas regras (acadêmicas, institucionais etc.).<sup>184</sup> A história possibilita certa inteligibilidade ao mundo, permite que ele seja visto de forma menos caótica. Nesse sentido, o texto de Soljenítsin parece fazer perguntas que tendem a responder certas teses condenatórias do autor.

Ainda sobre a pesquisa histórica, o texto “Of Plots, Witnesses, and Judgements”, do historiador Martin Jay, oferece reflexões sobre o status narrativo da pesquisa histórica e sobre o papel da testemunha nesta prática. O pesquisador explica que a liberdade do historiador na representação dos acontecimentos é limitada pelos leitores e pelos críticos. Para ele, a legitimidade histórica depende diretamente da aprovação da comunidade formada pelos pares. O componente de aceitação institucional é um dos fatores a ser considerado na complexa negociação que dá origem a uma narrativa histórica. Ele destaca o fato de que a pesquisa não é feita por um profissional que se dispõe a reconstituir fatos, mas por vários estudiosos reunidos por uma instituição. Todos esses indivíduos estão envolvidos em constante esforço para convencer uns aos outros da validade de suas representações. Um fator determinante não é tanto a imposição de um significado específico, mas a intersecção subjetiva de vários julgamentos.<sup>185</sup>

Sobre as dificuldades da escrita da história, Jay explica que a harmonia perfeita entre a narrativa do historiador e dos atores participantes de um evento é inatingível. Ele defende ser impossível que o mesmo acontecimento tenha exatamente o mesmo significado para várias pessoas. Destaca que muitos dos questionamentos feitos pelos historiadores são subsidiados por

---

<sup>183</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 8.

<sup>184</sup> JABLONKA, *La historia es una literatura contemporánea*, 2016, p. 261.

<sup>185</sup> JAY, Martin. “Of Plots, Witnesses, and Judgements”. In: FRIEDLÄNDER, S., **Probing the Limits of Representation: Nazism and the ‘Final Solution’**. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

encaminhamentos posteriores aos episódios pesquisados, ou seja, frequentemente os contemporâneos de um acontecimento não terão acesso tão amplo de informações relacionadas a ele. Ele explica que a reconstituição de eventos passados será sempre incapaz de alcançar toda a realidade e, por isso, os testemunhos sozinhos não devem ser a base dos relatos históricos. Para o autor, a representação de eventos extremos como o holocausto (e aqui pode-se incluir as experiências do gulag) é particularmente difícil, pois as narrativas resultantes sobre ele jamais farão justiça (no sentido epistemológico e ético) aos acontecimentos.

Especificamente sobre a pesquisa historiográfica no período soviético, conforme aponta Soljenítsin, escrever a história do regime, nos anos 70, realmente seria tarefa praticamente impossível. No âmbito interno, alguns fatores dificultavam particularmente. Fato importante que limitava a reflexão sobre o contexto social era um documento de 1938. *História do Partido Comunista (Bolchevique) da União Soviética: Breve Curso*, aprovado e dirigido por Stálin, determinava o conteúdo a ser abordado nas escolas, além de homogeneizar o conhecimento da sociedade sobre fatos importantes da história soviética. As diretrizes constantes do texto praticamente inviabilizavam a liberdade acadêmica e o trabalho dos historiadores era pautado pela censura e pela autocensura.<sup>186</sup> No artigo “Redesigning History in Contemporary Russia”, Catherine Merridale<sup>187</sup> explica que, na era Stálin, o ditador interferia e supervisionava de perto a publicação de textos historiográficos, impondo censura a várias publicações. Historiadores considerados opositores ao regime eram detidos e, dependendo do caso, fuzilados.

As informações são relevantes pois, anos mais tarde, após a saída de Khruschóv do poder, certos aspectos do stalinismo foram restaurados. No período Brêjniev, iniciado em 1964, produzir estudos sobre o passado tornou-se mais difícil. Pessoas que atuavam no campo cultural tinham que lidar com a complicada tarefa de equilibrar entre a verdade e a versão oficial que o Partido estabelecia dos fatos.<sup>188</sup> Pesquisas consideradas suspeitas eram proibidas e não se podia publicar informações historiográficas a não ser que elas tivessem sido divulgadas em outro lugar. Historiadores em atividade se restringiam a lecionar e a escrever reflexões dentro do espectro oficialmente permitido, ou seja, temas do leninismo-marxismo que não fossem polêmicos. Ao fim da era Brêjniev, havia estátuas de Lênin em cada cidade e a “Grande Guerra Patriótica” havia se tornado o evento mais importante da memória oficial soviética. Merridale descreve que a história só voltou a ter papel relevante durante a liderança Gorbachóv, quando

---

<sup>186</sup> FITZPATRICK, A *Revolução Russa*, 2017, p. 14.

<sup>187</sup> MERRIDALE, Catherine. “Redesigning History in Contemporary Russia”, *Journal of Contemporary History*, vol. 38, n° 1, 2003.

<sup>188</sup> GILLESPIE, David. “Russian Writers Confront the Past: History, Memory, and Literature, 1953-1991”, p. 76.

começou um debate social intenso sobre o Partido Comunista. Por fim, a autora explica que a Rússia ficou de fora, por 50 anos, do debate historiográfico que ocorria no Ocidente.<sup>189</sup>

Ainda sobre a inexecutabilidade de pesquisas sobre o regime soviético à época de Soljenítsin, destaca-se que os pesquisadores ocidentais encontravam as mesmas dificuldades, ou ainda maiores. Fitzpatrick explica que, nos anos 70, poucos historiadores do ocidente se dispuseram a produzir pesquisas aprofundadas sobre a URSS, tanto pela escassez de fontes confiáveis como pela dificuldade de separar o tema da política. O quadro só começou a mudar nos anos 80, quando a história social se tornou área popular de estudos nos Estados Unidos.<sup>190</sup> Porém, outra dificuldade perdurava: no contexto da Guerra Fria, todos os estrangeiros que pesquisavam a sociedade soviética eram considerados espiões.<sup>191</sup> Sobre a questão, Hannah Arendt explica que a dificuldade de trabalhar com informações da URSS estava relacionada não apenas ao acesso aos arquivos oficiais. Mesmo quando estavam disponíveis, os dados eram poucos confiáveis:<sup>192</sup> ou estavam recheados de conteúdos propagandísticos, ou mostravam-se incompletos, pois era frequente que partes cruciais dos documentos fossem censuradas pelo governo. Em *Passado, modos de usar*, Traverso explica que a indisponibilidade documental era um dos indicativos de que, mesmo após a morte de Stálin, o stalinismo era um “regime que não se podia arquivar como passado”.<sup>193</sup>

Se o autor deixa claro desde o início que *Arquipélago Gulag* não pode ser considerado história convencional, como enquadrar a narrativa? A saída encontrada por Soljenítsin é descrevê-la como um “experimento de investigação literária”,<sup>194</sup> expressão que por si só dificulta qualquer tipo de classificação. Ao comentar a denominação, Lefort explica que ela diz respeito a “[...] uma investigação indefinida e ilimitada, fruto de uma condição privada de sentido; é por isso que é literária. Está imediatamente relacionada ao requisito de dizer para viver e viver para dizer”.<sup>195</sup> Estão misturados, portanto, o esforço de pesquisa e a vontade de expressar os resultados de forma estilizada.

Ao refletir sobre a história e a memória enquanto modos de abordar o passado, Enzo Traverso defende que as abordagens fazem parte de categorias diferentes. Apoia-se<sup>196</sup> em Paul

---

<sup>189</sup> MERRIDALE, “Redesigning History in Contemporary Russia”, 2003, p. 15-17; 22.

<sup>190</sup> FITZPATRICK, **A revolução russa**, 2017, p. 15; 17.

<sup>191</sup> FITZPATRICK, “Writing History, Writing About Yourself: What’s the Difference?”, 2017, p. 26.

<sup>192</sup> ARENDT, **Origens do totalitarismo**, 2012, p. 418.

<sup>193</sup> TRAVERSO, **O passado, modos de usar**. Lisboa: Unipop, 2012, p. 63.

<sup>194</sup> A descrição é uma tradução da expressão em inglês: *An Experiment in Literary Investigation*, utilizada na edição americana. A edição em português não menciona o subtítulo.

<sup>195</sup> LEFORT, **Un homme en trop**, 1976, p. 24.

<sup>196</sup> TRAVERSO, **O Passado, modos de usar**, 2012, pp. 21-22.

Ricoeur<sup>197</sup> para desenvolver o raciocínio: a história diz respeito a ofício que utiliza substratos e reflexões elencados pela memória, portanto, a história surge a partir da memória e emancipa-se dela. A memória torna-se, então, objeto de análise da história. Para Traverso, isso significa que a história deve colocar-se em posição de distância em relação à memória, não para rejeitá-la, mas para poder atuar plenamente como campo de saber.

Para Traverso, a memória é formada pela reunião de lembranças de indivíduos e grupos. Trata-se de representação que remete ao passado, mas é construída no presente. Por sua vez, a história possui um papel mais crítico, se propõe a reconstruir os fatos para fornecer uma interpretação sobre eles.<sup>198</sup> Em *O passado, modos de usar*, Traverso defende que, para o ofício da história se concretizar, é necessário que haja algum rompimento ou afastamento em relação ao passado, o que não significa, necessariamente, o mero transcorrer do tempo. Tal perspectiva em relação aos fatos, essencial à história, pode ser favorecida em momentos de crise, como foi o caso da Europa nos anos 1914, 1917 e 1945, por exemplo. Por fim, Traverso explica que história apresenta ponto de vista externo sobre acontecimentos passados, em contraste com o olhar interno da memória.<sup>199</sup> “A memória perpetua o passado no presente, enquanto a história fixa o passado numa ordem temporal fechada, acabada [...]. A memória atravessa as épocas, enquanto a história as separa.”<sup>200</sup> Apesar das particularidades, não se deve separar as categorias completamente, nem as considerar incompatíveis. O teórico destaca ainda que foi apenas no século XX que história e memória se estabeleceram como coisas distintas. O ponto de vista predominante era o de Hegel, segundo o qual a história (*Geschichte*) possuía um aspecto subjetivo e outro objetivo, uma narração (*historia rerum gestarum*) em contraposição ao

---

<sup>197</sup> Traverso parte de Paul Ricoeur, mas deve-se destacar que, no pensamento do teórico francês, a questão vai além: o filósofo defende o elo entre narrativa e história. Em *Tempo e narrativa*, Ricoeur defende que o tempo é, literalmente, impensável sem a linguagem, que permite a configuração e a refiguração da experiência. Para ele, o modo humano de compreender o tempo frequentemente envolve que o futuro seja compreendido como expectativa e o passado como memória. O filósofo defende que “o tempo se torna tempo humano na medida em que está articulado de maneira narrativa; em contraposição, a narrativa é significativa na medida em que desenha as características da experiência temporal”. O filósofo chama de narrativa o agenciamento dos fatos (o que Aristóteles chamava de *mythos*): elas teriam como tema o agir e o sofrer. Ricoeur explica que “se, com efeito, a ação pode ser narrada é porque ela já está articulada em signos, regras, normas: está, desde sempre, simbolicamente mediatizada”. Para o filósofo, a intriga possui papel mediador na relação entre tempo e narrativa, ao relacionar “(...) um estágio da experiência prática que a precede e um estágio que a sucede”. É ela a responsável por transformar acontecimentos em uma história, uma sucessão em configuração. RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. Vol. 1. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 9; 100-1; 95.

<sup>198</sup> TRAVERSO, **La historia como campo de batalla**, 2012, p. 282.

<sup>199</sup> Ainda sobre Traverso, destaca-se que os trabalhos deste historiador não são geralmente considerados teoria da história. O pesquisador faz pesquisa da historiografia à luz de dilemas políticos contemporâneo, como por exemplo, as catástrofes políticas do século XX. A proximidade temática do debate empreendido por este autor justifica utilização dele neste trabalho.

<sup>200</sup> TRAVERSO, **O Passado, modos de usar**, 2012, pp. 33.

acontecimento (*res gestae*). O surgimento e fortalecimento de novas vozes como atores políticos, bem como a crise de um historicismo voltado exclusivamente para a Europa, fizeram com que história e memória se afastassem. A primeira passou por processo de expansão democrática, enquanto a segunda encontrou outros meios de expressão além da escrita.

Traverso defende que a história não tem significados exclusivos e não faz sentido por meio da mera reconstituição de fatos. Defende que ao realizar o seu ofício, o historiador “não deve formular sentenças de culpa ou inocência, e sim tratar de interpretar uma época e acontecimentos, problematizando-os, reconstruindo seu perfil, captando suas causas e sua dinâmica, penetrando no universo mental de seus atores”.<sup>201</sup> O tratamento que Soljenítsin confere ao tema dos soldados que retornaram da guerra, por exemplo, serve de exemplo para demonstrar como o texto dele se diferencia dos postulados historiográficos mencionados, pois o autor não se furta a oferecer vereditos passionais sobre os assuntos retratados no *Arquipélago*. O autor relata que muitos dos presos imediatamente ao fim de batalhas eram justamente aqueles que haviam lutado pela revolução. Argumenta que, se aquele que caiu como prisioneiro de guerra retornou dela todo machucado e após muito sofrer, o fato não era motivo para comemorações, mas para ele ser mandado para o cativeiro. “Está tudo dito! Eles não foram traidores *dela*, mas sim *por ela* atraídos. Não foram eles, os infelizes, que traíram a pátria, mas a calculista pátria que os traiu, e, diga-se de passagem, por *três vezes*”.<sup>202</sup> Nesse sentido, percebe-se que uma das particularidades da narrativa de Soljenítsin, conforme descrito pelo pesquisador Hans Rogger, é o fato de que ela tende ao “absolutismo moral”, valor ao qual o historiador precisa evitar no desempenho de seu ofício.<sup>203</sup>

Ainda sobre as considerações de Traverso sobre a representação do passado, o historiador explica que, após a década de 1970, a discussão sobre a memória se popularizou de tal maneira que o termo praticamente foi esvaziado de sentido. Para o historiador, o conceito “coringa” diz respeito a uma forma mais dilatada e subjetiva de capturar o passado, em relação ao que convencionalmente é feito pela disciplina histórica. A memória possibilita espaço mais diversificado para a discussão da condição e da experiência humana.<sup>204</sup> Traverso explica que uma das características da memória é o fato de ela ter como ponto de partida o que foi vivido e de possuir ponto de vista pessoal. É influenciada pelos sentimentos do indivíduo e está mais voltada para a qualidade da impressão do momento que para os seus aspectos quantitativos. O

---

<sup>201</sup> TRAVERSO, *La historia como campo de batalla*, 2012, p. 180.

<sup>202</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 236.

<sup>203</sup> ROGGER, “Twentieth-Century Russia in the Mirror of Solzhenitsyn’s Fiction”, 1976, p. 47.

<sup>204</sup> TRAVERSO, *O Passado, modos de usar*, 2012, pp. 9-10.

portador da memória geralmente não precisa acompanhá-la de provas materiais. “O relato do passado prestado por uma testemunha — sempre que não seja um mentiroso consciente — será sempre a sua verdade, ou seja, a imagem do passado em si deposto”.<sup>205</sup> Por conter alto índice de permeabilidade, a memória não é um dado estanque, encontra-se em aberto. A passagem do tempo pode fragilizar a memória, mas também acrescenta informações posteriores, fruto da constante rememoração e de uma reflexão prolongada, portanto, em questões de memória, o passado é sempre matéria-prima filtrada e processada pelo presente.

Nesse sentido, destaca-se que Soljenítsin não se vê como pessoa que aborda a história de modo teórico ou conceitual, mas como alguém que viveu e sentiu a história pelo lado de “dentro”.<sup>206</sup> Essa abordagem “sentimental” dos acontecimentos pode ser percebida na descrição do modo em que os detentos, ele incluso, ficaram sabendo do fim da Segunda Guerra Mundial. Houve mudança na rotina alimentar da prisão, coisa que só acontecia no aniversário da Revolução de Outubro. “Por sobre a ‘mordaça’ da nossa janela, das outras celas da Lubianka e de todas as cadeias da capital, nós, antigos prisioneiros de guerra e antigos combatentes, contemplávamos Moscou, repleta de fogos de artifício e cruzada pelos raios dos refletores.”<sup>207</sup> Termina o relato do incidente em tom triste, dizendo que aquela vitória não tinha a ver com aqueles homens, os mesmos que haviam arriscado a vida no *front* contra a Alemanha.

Para pensar o trecho, é importante mencionar que, para Traverso, enquanto a história busca analisar o grande quadro de uma questão, a memória possui perspectiva mais redutora e particular; nem sempre presta especial atenção à cronologia ou a outros pontos de vista coexistentes. “Onde o historiador não vê mais do que uma etapa de um processo, do que um aspecto complexo em movimento, a testemunha pode captar um acontecimento crucial, o ponto de viragem numa vida.”<sup>208</sup> Diante do exposto, é possível perceber que, no relato de Soljenítsin, a menção a um evento histórico de primeira importância para o mundo soviético prefere focar o sentimento de alheamento dos detentos em detrimento dos aspectos macro-históricos da questão. O trecho também trabalha com uma abordagem impressionista do passado, mais próxima de um texto memorialista que de uma exposição historiográfica.

Ao analisar o *Arquipélago Gulag* enquanto representação da realidade, é importante destacar que o narrador está ciente da dificuldade do trabalho ao qual se propôs e, por isso, pergunta-se até que ponto outras pessoas poderiam fazê-lo diferente. Prova disso é que são

---

<sup>205</sup> TRAVERSO, *O Passado, modos de usar*, 2012, p. 23.

<sup>206</sup> BARKER, Francis. “The Gulag Archipelago: History Betrayed I”, *New Blackfriars*, vol. 56, n° 659, 1975, p. 154.

<sup>207</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 232.

<sup>208</sup> TRAVERSO, *O Passado, modos de usar*, 2012, p. 26.

frequentes as menções aos múltiplos desafios que um historiador terá ao tentar investigar o regime soviético. No oitavo capítulo, “A Lei-criança”, o autor explica que os documentos sobre a atividade dos tribunais soviéticos após 1918 ou foram destruídos pelo tempo, ou por mãos humanas. Na mesma seção, também descreve que muitos julgamentos ocorreram sem a presença de estenógrafos, ou seja, não foram transcritos.<sup>209</sup> “Observar este caminho ano após ano será uma grata tarefa para o historiador, mas como avançaremos nós no meio desse nevoeiro cor-de-rosa? Os fuzilados não falam, os desaparecidos não falam. Nem os réus, nem os advogados, nem a escolta, nem os espectadores”.<sup>210</sup> Lembra que mesmo aqueles que sobreviveram guardarão silêncio e por isso se faz necessário analisar as palavras da acusação, as únicas que ele tem disponível. A partir daí, Soljenítsin se debruça e mergulha nas palavras do chefe dos Tribunais Extraordinários do Comissariado do Povo da Justiça, N. V. Krilenko,<sup>211</sup> o que também é problemático: “[...] Krilenko esclarece que publicar notas estenografadas ‘*era incômodo, por uma série de considerações técnicas*’”.<sup>212</sup> Vale destacar que Soljenítsin não demonstra esperanças sobre a possibilidade de acessar e descobrir a real dimensão da violência soviética no futuro: “Sobre esses fuzilamentos qual será o especialista jurídico ou o historiador da delinquência que nos apresentará uma estatística autêntica? Onde estão os arquivos secretos, em que possamos penetrar e ler as cifras? Não existem. E nunca existirão”.<sup>213</sup> Nesse sentido, defende a especulação e a propagação de certos dados repassados por pequenos funcionários do sistema, que por vezes falavam sobre o número de presos.

O autor também demonstra estar ciente de que confiar plenamente na memória dos sobreviventes é problemático. No início do oitavo capítulo, “A lei-criança”, ele afirma: “Nós tudo esquecemos. Guardamos na memória não o que foi, não os fatos históricos, mas apenas essa linha tracejada que quiseram gravar em nós com uma broca persistente. / Não sei se esse é um traço comum a toda a humanidade ou só ao nosso povo”.<sup>214</sup> O trecho remete à atividade cerebral humana, mas também funciona como uma reflexão a respeito das narrativas sobre o passado que se conservarão, bem como a respeito do papel dos Estados no processo. A memória

---

<sup>209</sup> No décimo capítulo, descreve ainda outro percalço: em muitos dos casos em que eram feitos registros escritos, eles não correspondiam ao que havia sido dito.

<sup>210</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 298.

<sup>211</sup> Procurador do Estado entre 1918 e 1931. BARKER, Francis. “The Gulag Archipelago: History Betrayed II”, **New Blackfriars**, vol. 56, n° 660, 1975, p. 206.

<sup>212</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 298.

<sup>213</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 421.

<sup>214</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 292.

coletiva envolve não apenas indivíduos preocupado em reconstituir fatos e situações, trata-se de narrativa que muitas vezes sofre mediação das instituições e de grupos no poder.

Um aspecto importante a ser levado consideração no que diz respeito à transmissão de lembranças sociais é apontado por Michel Pollak no artigo *Memória, esquecimento, silêncio*. O autor localiza a memória como fator da identidade, tanto individual como coletivo;<sup>215</sup> para o autor, a memória é uma construção intencional, na qual o passado é frequentemente reenquadrado em função do presente. Um fator a ser considerado nesse sentido é o silêncio. Segundo o teórico, longos períodos de silenciamento sobre determinadas questões indicam não o esquecimento, mas uma reação da sociedade ao excesso de discursos oficiais. As lembranças são transmitidas diretamente pela rede familiar e de amigos, na espera de um panorama político mais favorável à livre comunicação. A essas verdades transmitidas discretamente, ele as chama de memórias subterrâneas. Para ele, elas são dotadas de muita vitalidade e cheias de capacidade de sobrevivência, principalmente quando estão associadas, socialmente, a assuntos proibidos e secretos.

Soljenítsin menciona o silêncio, a “política do segredo”, como fator social soviético. Em um dos textos de abertura do livro, o escritor explica que os agentes do terror eram contra a reflexão sobre o passado: “[...] as mesmas mãos que nos apertaram as algemas abrem agora conciliadoramente as palmas e dizem: ‘Não se deve... não se deve remexer no passado!... Aquele que recorda o passado perde um olho!’. E, no entanto, o provérbio acrescenta: ‘Aquele que o esquece perde os dois!’”.<sup>216</sup> Para Soljenítsin, a reflexão e o incômodo eram essenciais para que a fase dos segredos e sussurros fosse seguida por um período de cura nacional. Reconhecer e olhar para as feridas era fundamental para que o terror fosse superado. Para ele, o livro representava um esforço nessa direção.

Ainda sobre a questão da memória, Soljenítsin a aborda sob o ponto de vista da preservação, principalmente quando menciona os camponeses mortos pelo terror stalinista. Segundo o autor, a extirpação e a prisão em massa desse grupo constitui o maior e mais grave crime do ditador. Defende que no fim dos anos 20, antes do Grande Terror, havia ocorrido outra torrente carcerária. “[...] arrastando para a tundra e a taiga a pequena quantidade de quinze milhões de mujiques (se não foram mais). Mas os mujiques são pessoas privadas do dom da palavra e da escrita, não redigiram protestos nem memórias”.<sup>217</sup> O autor defende que a onda de prisões que assolou o país entre os anos 1937 e 1938 só se tornou ilustre porque os detentos

---

<sup>215</sup> POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio”. *Revista Estudos Históricos*, vol. 2, n° 3, 1989.

<sup>216</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 8.

<sup>217</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 35.

envolvidos sabiam escrever. Sobre a questão, o autor afirma: “[...] porque no arquipélago não há escrita, a memória oral interrompe-se com a morte das pessoas”.<sup>218</sup> Ou seja, a memória é essencial e poderosa, pois tem a capacidade de devolver a voz aos mortos. Porém, o autor reconhece que ele não conseguirá fazer falar, nem fazer justiça a todos; muitos dramas dos campos jamais virão à tona: “Pois quem vive diante do cemitério não pode chorar por todos”.<sup>219</sup>

É importante destacar, caso um historiador acadêmico tivesse acesso às recordações dos camponeses, ele não poderia desconsiderá-las, mas também não poderia transformá-las em norma da vida coletiva e agrária soviética. Haveria pouca probabilidade de ele abordar as questões com apelo emocional equivalente ao de Soljenítsin. Nesse sentido, e sobre uma possível abordagem historiográfica desse material hipotético, vale citar Enzo Traverso: “Isto significa aprender com a memória depois de a passar pelo crivo de uma verificação objetiva, empírica, documental e factual, assinalando, se necessário for, as suas contradições e armadilhas”.<sup>220</sup>

A dificuldade de fazer história apenas com o relato de testemunhas é mencionada também no capítulo onze, quando Soljenítsin menciona o caso de seis *kolkhozianos* que foram mortos por usar sobras de espigas para alimentar vacas: “E há que conservar a esperança de que algum dia os documentos confirmem o relato de uma testemunha viva. Se Stálin nunca tivesse mandado matar ninguém mais, só por esses seis mujiques de Tsarkóie-Celo eu já o consideraria digno de ser esquartejado!”.<sup>221</sup> Depreende-se que, ao denunciar os crimes soviéticos, Soljenítsin não leva em conta apenas o aspecto quantitativo e massivo do terror, mas também a crueldade mesquinha e praticamente gratuita no âmbito individual.

De todo modo, a menção ao drama dos mortos, aos quais se pode ou não chorar, deixa claro que, para alcançar o futuro, tal como fósseis milenares que retornam à superfície, a memória precisa de um meio físico para ser transmitida. Em resumo: a memória é falha, seletiva, sujeita a gravações<sup>222</sup> e precisa ser registrada em meio externo para ser preservada (característica compartilhada pela história). A escrita é o meio de preservação e transmissão preferencial, mas não é o único (também não o é para a história). No décimo segundo capítulo, ao refletir sobre a mala que carregava ao ser preso, descreve: “Essa mala, eu a conservei, e hoje,

---

<sup>218</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 442.

<sup>219</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 551.

<sup>220</sup> TRAVERSO, **O passado, modos de usar**, 2012, p. 27.

<sup>221</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 421.

<sup>222</sup> No começo do segundo capítulo é possível ver outra ocorrência na qual a memória é apresentada como um meio que sofre intervenções, tal como papel em contato com a tinta: “E assim é como se se começasse a *imprimir-se* na memória a ideia de que não teria havido prisões nem antes nem depois, mas apenas naqueles anos”. SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 35.

quando a vejo, passo os dedos pelo orifício aberto. Ela não pode cicatrizar, como cicatrizam o corpo, o coração. As coisas têm mais memória que nós”.<sup>223</sup> Nesse sentido, Soljenítsin parece defender a influência do aspecto visual na experiência subjetiva, ou seja, não é necessário que uma pessoa veja alguma coisa para que a sinta, mas certamente a visão faz com que ela a sinta mais e melhor. No décimo primeiro capítulo, em momento de reflexão sobre a quantidade de mortos do regime soviético, diz que prestar atenção nos números não ajuda a compreender a dimensão da tragédia. Defende que para compreendê-la, é preciso abordá-la de forma concreta e personalizada, literalmente. Imagina e defende o seguinte cenário em que: “[...] mandassem imprimir numa editora as fotografias de todos os mortos, e se publicassem um álbum com essas fotografias, em vários tomos — ao perscrutar num último olhar os seus olhos extintos, que riqueza não extrairíamos para a vida que nos resta!”<sup>224</sup>

O aspecto visual da memória não é o único ao qual Soljenítsin acena no *Arquipélago*. No décimo segundo capítulo, o tema é abordado de forma subjetiva e interior, pois o escritor a distingue como algo essencial ao ser humano, aquilo em que se deve agarrar quando não resta mais nada: “Tenha só o que puder levar sempre com você: conhecimento de línguas, países e gentes. Que a sua memória seja a sua mochila. Use a sua memória! Retenha tudo nela! Somente essas sementes amargas poderão algum dia frutificar”.<sup>225</sup> A liberdade de utilização desses conteúdos de forma autônoma, para Soljenítsin, é tão importante que, no terceiro capítulo, o autor acena para a dimensão autobiográfica como algo valiosíssimo, digno de ser protegido pelos códigos e leis. “Já nem estamos seguros: temos ou não o direito de contar os acontecimentos da nossa própria vida?”<sup>226</sup> Soljenítsin aponta para o privilégio que há na possibilidade de que as pessoas construam narrativas pessoais e narrem acontecimentos do próprio passado como contraposição aos discursos chancelados pelo Estado.

O aspecto subjetivo é importante, pois a dor de um indivíduo possui, para ele, mais importância que todas as considerações teóricas. Sobre esse aspecto da prosa de Soljenítsin, Hans Rogger explica que “o paralelo entre a biografia individual e a história nacional é tanto um recurso literário como uma declaração moral, um alerta contra o distanciamento do historiador, contra as abstrações que tornam muito fácil ignorar o que acontece aos seres humanos”.<sup>227</sup> Nesse sentido, é possível afirmar que a objetividade na abordagem não é uma meta a ser alcançada por Soljenítsin, que tanto privilegia o sentimento e o olhar profundo sobre

---

<sup>223</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 498.

<sup>224</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 425.

<sup>225</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 491.

<sup>226</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 148.

<sup>227</sup> ROGGER, “Twentieth-Century Russia in the mirror of Solzhenitsyn’s Fiction”, 1976, p. 35.

o interior humano. Prova disso é que o autor frequentemente aborda temas históricos de forma espiritual. Por exemplo, no quarto capítulo, é possível perceber que Soljenítsin aborda a guerra sob uma perspectiva sentimental. Há valorização não da vitória no campo de batalha, mas do aprendizado trazido pelo sofrimento: “As vitórias são necessárias para os governos, as derrotas são necessárias para os povos. Depois das vitórias ambiciona-se ainda novas vitórias, depois das derrotas quer-se a liberdade, e habitualmente consegue-se [...]”.<sup>228</sup> Percebe-se que, no trecho, Soljenítsin aborda a agonia social de forma extremamente moral, como algo que só será superado por meio da expiação e da dor. Neste ponto, o narrador se aproxima do tom religioso.

A mesma tendência é verificada no quinto capítulo “Primeira cela – Primeiro amor”, quando o escritor aborda o período em que ficou preso na cela de detenção com emoção e até ternura. Afirma que a experiência permite a comunhão com o coletivo; descreve-a como uma experiência que ultrapassava o plano físico. Para o autor, o fato do preso não poder mais ter preocupações materiais faz com que ele entre em um estado de libertação. Trata-se de uma das incidências em que o autor reflete sobre como o panorama político nacional afeta a vida íntima das pessoas. Há outra incidência no décimo segundo capítulo, quando o isolamento é apresentado como caminho para a purificação: “Arrancado à agitação cotidiana de forma tão absoluta que até a contagem lenta dos minutos lhe permite uma comunicação íntima com o universo, o preso solitário deve purificar-se de tudo o que de imperfeito o torturou na vida anterior e que o impedia de ascender à diafaneidade”.<sup>229</sup>

Os momentos mais filosóficos remetem à dimensão memorial do texto, na medida em que eles revelam a verdade subjetiva essencial sobre as crenças e personalidade de Soljenítsin. A visão de mundo e a abordagem histórica do autor podem ser estudadas a partir do que ele escreve sobre o ato da detenção e sobre a importância da responsabilidade como valor social e individual. O momento exato da captura do indivíduo pelo Estado recebe bastante atenção no primeiro capítulo; por meio do tema, o autor pode citar casos que ocorreram às pessoas que entrevistou. A captura do indivíduo é apresentada como fato que altera, para sempre, o curso de sua existência. Uma das consequências diretas é imediatas é que o preso procura explicações racionais para acontecimento: “— Eu? Por quê?”. Nenhuma racionalização parece explicar como algo tão definitivo pode ocorrer à vida humana, cuja prerrogativa é de estar aberta a inúmeras possibilidades. A surpresa é psicológica; o indivíduo não consegue considerar tal situação para si, apenas para os outros. A experiência da prisão é apresentada como questão definidora da identidade: ao ser encarcerado, o

---

<sup>228</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 267.

<sup>229</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 462.

passado do sujeito lhe é arrancado de forma peremptória. “[...] nos prendem pelas pernas, pelos braços, pelo colarinho, pelo boné ou por uma orelha e nos arrastam como um fardo, enquanto a porta fica para trás de nós, a porta da nossa vida passada, fechada para sempre”. O texto apresenta um conceito livre de detenção, que é apresentado por meio de elementos emotivos, a fim de gerar uma cena cheia de tensão: “A detenção é isso: o brusco som noturno da campainha ou a brutal pancada na porta; a brava investida nos briosos agentes com as botas sujas; a assustada testemunha que os segue”. Os agentes da detenção são apresentados em movimento, interagindo com elementos em posição passiva: campainha, porta, uma testemunha que reage. Todos eles fazem contraponto ao homem que perde o controle do próprio destino. O modo furtivo em que se dão as prisões é motivo para uma ironia: “Nunca foi desenhada em nosso país a detenção em pleno dia”.<sup>230</sup>

Para Soljenítsin, característica comum dos detentos ao serem levados presos era o apego material: frequentemente, se viam em lutas desesperadas para conseguirem carregar algum bem pessoal útil: roupa, comida. Tratavam-se de tentativas de criar um prolongamento da vida presente no futuro. Na maioria das vezes, não lhes era permitido levar coisa alguma. Outro aspecto relevante ocorrido no momento da captura era a absoluta violação da privacidade. Objetos pessoais eram remexidos, móveis revistados e manuscritos confiscados. Não apenas o espaço físico da casa era invadido, mas, principalmente o lar: o ambiente simbólico imprescindível de qualquer sujeito também era submetido à violência e ao terror. Após a violação da intimidade, vinha o isolamento social. O narrador informa que enviar correspondência para um detido era extremamente difícil, e que muitas vezes o remetente tinha de lidar com eufemismos: ouvir a notícia de que determinada pessoa não tinha direito à correspondência poderia significar que ela havia sido fuzilada. O texto generaliza o comunicado, como se, quase sempre, ele só fosse utilizado nesse sentido.

À informação do fuzilamento está associada uma nota de rodapé, na qual o autor afirma que seres humanos eram “apanhados como coelhos”. Ressalta-se o caráter furtivo e extralegal com o qual Soljenítsin apresenta o momento da detenção. Ele compara o ato a uma emboscada, na qual as presas são retidas de forma desavisada. Soljenítsin explica que as prisões noturnas eram convenientes, porque discretas e efetivas: um desaparecimento repentino mandava recado para os vizinhos, deixando-os em estado de alerta, mas passava despercebido por habitantes de outras localidades. A abordagem não era a única, pois o método de prisão dependia de fatores variados, como a existência de parentes e a necessidade de isolar a residência do detento. Soljenítsin destaca que os casos de fugas relacionados a pessoas que temiam a prisão eram raros, os de suicídio mais

---

<sup>230</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 16; 20.

ainda: “Uma ovelha pacífica para os dentes do lobo”.<sup>231</sup> Destaca-se tratar da segunda metáfora, em apenas um capítulo, que compara um homem a um animal.

A questão da animalização é abordada de forma mais profunda no primeiro capítulo da segunda parte, o que deixa claro que um dos argumentos do livro enquanto testemunho político e existencial é que o regime socialista promoveu uma realidade desumanizadora. Para o escritor, aquela característica era tão óbvia que se deixava perceber na aparência física das pessoas. Ao descrever o transporte dos detentos para os campos por meio de trens, Soljenítsin escreve: “Tudo isso, visto do corredor, fazia lembrar um zoológico: atrás de uma grade de ferro, no solo e nos beliches, encolhem-se seres miseráveis, parecidos com o homem, pedindo lastimosamente com o olhar, de beber e de comer. Nas jaulas, contudo, nunca amontoam assim os animais”.<sup>232</sup> A desumanização era como um fenômeno em cadeia: para Soljenítsin, quando o homem está inserido em um ambiente como a URSS totalitária, rapidamente perde a capacidade de reconhecer a si mesmo e aos semelhantes como seres humanos.

Ao ser empurrado para o compartimento do stolípin, espera-se encontrar lá dentro companheiros de infortúnio. Todos os inimigos e opressores ficam do outro lado das grades, não é deste que a gente os espera. E, de repente, ao levantar a cabeça para o espaço que dá passagem até o beliche do meio, depara-se com três ou quatro – não, não são rostos, não são focinhos de macaco, os macacos ainda se assemelham em algo ao homem! — máscaras repugnantes e cruéis, com expressão de avidez e mofa. Cada uma nos fixa como a aranha suspensa sobre a mosca. A sua teia são estas grades, e nós caímos nela! Elas torcem a boca como a preparar-se para morder-nos de lado, e ao conversar silvam, deleitando-se mais com isso do que com as vogais e as consoantes da língua. A sua linguagem só pela desinência dos verbos e dos substantivos recorda a língua russa: é uma algaraviada.<sup>233</sup>

O trecho escancara uma das principais teses de Soljenítsin, acenada desde as primeiras páginas da narrativa: ou seja, a de que o mundo do gulag está presente de modo fantasmagórico em todo o cotidiano soviético. A consequência última dessa proximidade seria a perda de um sentimento de solidariedade geral, da empatia e da capacidade de reconhecer a humanidade do outro. Soljenítsin defende que uma sociedade em que os cidadãos são incitados a denunciar uns aos outros, em que seres humanos são transportados em trem de carga e tratados com menos consideração que qualquer mercadoria, em que mortos e presos eram “produzidos” em escala industrial havia perdido, há muito, o senso e a importância da humanidade. O gulag produziu um contexto em que homens são destruídos pelos próprios homens.

Vale lembrar que o relato de Primo Levi sobre os detentos dos campos de concentração nazistas recebe, como título, uma pergunta que se aproxima bastante do espírito do trecho aqui

---

<sup>231</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 22.

<sup>232</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 469-470.

<sup>233</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 477.

assinalado: “É isto um homem?”. Percebe-se que a experiência totalitária, na sua essência, leva ao questionamento ontológico sobre a humanidade e sobre até que ponto a experiência do sofrimento e do terror coloca em xeque o estatuto do que significa ser humano. A informação é relevante para trazer uma consideração feita por Jablonka, de que o sentimento de indignação (aqui associado a Soljenítsin) não é incompatível com o ímpeto investigativo: “[...] Levi não adota um estilo friamente clínico. Ao contrário, vibra de paixão, de ira, de vergonha, de dor, e em outros momentos, destila ironia”.<sup>234</sup>

De volta à questão da detenção, Soljenítsin descreve casos esdrúxulos de prisões, nos quais duas mulheres são levadas a acreditar que estavam sendo convidadas para um encontro amoroso, quando na verdade estavam sendo conduzidas à prisão, nos anos de 1926 e 1927. É mencionado o caso de um capitão que, em 1949, foi preso enquanto carregava um bolo para uma moça, o que dá a entender que as prisões arbitrárias seguiram de forma ininterrupta. As datas são importantes, pois na primeira delas, Lênin havia falecido e Stálin galgava os degraus que o tornariam soberano. Ou seja, trata-se de um intervalo de liderança stalinista, período no qual a crítica do livro se concentrará na maioria dos momentos.

Muitas das prisões eram perpetradas por pessoas disfarçadas ou temporariamente integradas em funções do cotidiano. Outra estratégia de detenção utilizada era a de tornar o indivíduo mais vulnerável por meio do isolamento: prendê-lo longe de amigos e familiares e de forma inesperada, para que não houvesse tempo de comunicar ou esconder coisa alguma.<sup>235</sup> Se o cidadão fosse membro do partido, o método habitual era agraciá-lo com uma promoção e disponibilizar um transporte de luxo que possibilitasse que a prisão fosse concretizada no meio do caminho. Independentemente do modo que ocorriam, de todo modo, as detenções, segundo o autor, tinham uma característica em comum: podiam ocorrer a qualquer momento. Segundo Soljenítsin, na época das prisões em massa, muitas pessoas saíam para o trabalho e aproveitavam para se despedir da família, por não terem certeza do retorno. Um sinal de que as detenções não aconteciam, quase nunca, para castigar as pessoas por crimes cometidos eram as metas de órgãos oficiais, que determinavam um número que deveria ser admitido no sistema correcional. As metas de captura muitas vezes tornavam o ato da prisão aleatório. Ao sistema, pouco interessava a identidade do futuro preso, desde que alguém fosse capturado. Na maioria das vezes, tratavam-nos como dados numéricos intercambiáveis, principalmente nos anos das prisões em massa. Outro dado do *Arquipélago* diz respeito às prisões absurdas<sup>236</sup> e totalmente desmotivadas.

---

<sup>234</sup> JABLONKA, **La historia es una literatura contemporánea**, 2016, p. 269.

<sup>235</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 20.

<sup>236</sup> O absurdo é chave de leitura de todo o *Arquipélago*.

Soljenítsin cita o caso de uma mulher que se dirige à NKVD (*Naróдни Komissariat Vnútrennikh Diel*, Comissariado do Povo para Assuntos Internos) de Novotcherkassk para perguntar o que fazer com a criança de uma vizinha detida. “Esperou duas horas e levaram-na da recepção à cela: era preciso completar urgentemente a cifra prevista e faltavam agentes para mandá-los percorrer a cidade, e aquela mulher já estava ali mesmo”.<sup>237</sup>

O autor explica que o fato de não terem cometido crimes causava a perdição de muitos. Quando pensavam sobre a possibilidade de serem presos, lembravam que eram inocentes e consideravam-se seguros. A falsa tranquilidade os impedia de se protegerem. “A maioria fica inerte numa miragem de esperança.”<sup>238</sup> O autor introduz aqui outra tese do livro, a ideia de que a esperança nem sempre é um sentimento positivo e racional. Sobre a questão, Soljenítsin, discorre:

Se durante as detenções em massa, como por exemplo em Leningrado, quando foi presa a quarta parte da população da cidade (em dezembro de 1934, após o assassinato de Kirov), as pessoas não tivessem permanecido nas suas tocas tremendo de medo a cada pancada na porta e a cada passo na escada, se elas tivessem compreendido que nada mais tinham a perder, e nos seus vestíbulos, com ânimo forte, umas quantas pessoas tivessem feito emboscadas com machados, com martelos, com espetos, enfim com que encontrassem à mão? (...) Os “Órgãos” bem depressa notariam a falta de colaboradores e de meios de transporte, e, a despeito de toda a ânsia de Stálin, teria sido detida a máquina maldita! Se se tivesse... se se tivesse feito isso... Faltou-nos suficiente amor à liberdade<sup>239</sup> e, mais que isso, a plena consciência da verdadeira situação. Gastamo-nos numa incontrolável explosão no ano de 1917, e depois apressamo-nos a submeter-nos e foi com satisfação que nos submetemos.<sup>240</sup>

O trecho acima é o primeiro no qual o nome de Stálin é citado. Também é importante porque problematiza a possibilidade de resistência. Soljenítsin<sup>241</sup> defende que um dos motivos que permitiu a proliferação das prisões políticas foi o fato de que muitas pessoas detidas não haviam cometido crimes e, portanto, não haviam planejado como fariam para se defender, pois não contavam com a possibilidade de terem problemas com a polícia. Ele explica<sup>242</sup> também que a primeira reação à violência impetrada pelo regime soviético deveria ter se dado em âmbito pessoal, no momento da detenção em si, o que não ocorreu. Soljenítsin afirma<sup>243</sup> que muitas vezes a ausência de reação, no momento da detenção, dos cidadãos que não eram culpados, se dava porque eles não sabiam o que gritar. O narrador também

---

<sup>237</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 23.

<sup>238</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 24.

<sup>239</sup> O filósofo Mikhail Bakhtin refletiu amplamente sobre a questão da liberdade, tanto relacionada ao ser-humano, como à questão da criação autoral. Em um desses momentos, o filósofo discorre: “Onde quer que eu esteja, sou sempre livre e não posso me libertar do imperativo; tomar consciência de si mesmo ativamente significa lançar sobre si mesmo a luz do sentido que está por vir, fora do qual não existo para mim mesmo”. BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

<sup>240</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 24.

<sup>241</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 22.

<sup>242</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 26.

<sup>243</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 28.

destaca que as autoridades não contavam com a resistência do capturado, pois ele raramente protestava. O comum era que ele tentasse disfarçar o que estava acontecendo. “[...] as próprias vítimas, segundo os agentes, se comportam da maneira mais nobre possível, para que isso, a perdição do condenado, não dê na vista aos que permanecem vivos.”<sup>244</sup>

A descrição dos fatos expostos sobre a detenção é necessária pois, ao contrário do que possa parecer, o propósito central do primeiro capítulo não é apenas o de descrever os métodos de um sistema cruel, o primeiro passo em uma longa estrada de arbitrariedades e brutalidades. O foco principal desta seção do texto é problematizar o papel e a responsabilidade daquele que está sendo preso. O texto de Soljenítsin argumenta que posições de pacientes e agentes não eram totalmente claras, nem eram independentes na URSS. Sobre a noção de responsabilidade para Soljenítsin, David Patterson explica que ela se baseia na liberdade apoiada em princípios éticos, visão que está explícita no livro de memórias do ex-detento, chamado *Under the Rubble*. O pesquisador explica que a noção de liberdade para o escritor russo não envolve que as pessoas ajam de forma irrestrita, pelo contrário, ela demanda autocontrole e uma conscientização de agir em nome do bem. Na carta para os líderes soviéticos, escrita em 1967, Soljenítsin defende que uma compreensão da liberdade deve fazer com o que os indivíduos voltem o olhar para dentro, para a esfera espiritual. Ainda sobre a questão, Patterson discorre: “O caminho moral para a liberdade, então, leva o ser para longe de uma postura de eu-para-eu-mesmo para a postura eu-para-o-outro”.<sup>245</sup> Soljenítsin defende que cada ser humano é um algoz potencial e as circunstâncias determinam quem desenvolverá tais possibilidades humanas. Destaca-se que ele não se exclui do julgamento quanto à responsabilidade perante ao outro, pois as informações fornecidas pelo livro têm como propósito elencar questões e problemas éticos.

Diante de análise da abordagem feita por Soljenítsin sobre o ato da detenção, é possível perceber que, para o autor russo, o sujeito da história é o indivíduo. O destaque pode ser identificado nos primeiros parágrafos do primeiro capítulo do *Arquipélago*, quando Soljenítsin escreve: “O universo tem tantos centros quanto os seres vivos que nele existem. Cada um de nós é o centro do mundo e do universo, e ele se desmorona quando alguém nos sussurra ao ouvido: ‘Está preso!’”.<sup>246</sup> Nesse sentido, o pesquisador Francis Barker defende, no artigo “The Gulag Archipelago: History Betrayed II” que, no *Arquipélago*, cada pessoa é apontada como detentora de responsabilidade moral perante a sociedade: “Essa tendência a ver processos

---

<sup>244</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 20.

<sup>245</sup> PATTERSON, David. “Solzhenitsyn’s Call for Freedom, Responsibility, and Repentance.” *Christianity and Literature*, vol. 49, n° 3, 2000, p. 377.

<sup>246</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 15.

históricos em termos morais-individuais, como questões de merecimento e vontade, está profundamente arraigada na compreensão histórica de Soljenítsin”.<sup>247</sup>

Nesse contexto, é importante ressaltar que Soljenítsin havia deixado claro no prefácio que o livro não era apenas uma acusação política, mas reflexão sobre os conceitos de bem e mal e sobre a condição humana, que carrega as duas possibilidades dentro de si.

### 3.3. HISTÓRIA E FICÇÃO

Importantes contribuições sobre a abordagem histórica de Soljenítsin foram fornecidas por Matt F. Oja no artigo “Fictional History and Historical Fiction: Solzhenitsyn and Kiš as Exemplars”. No estudo, o pesquisador explica que muitos textos que tratam dos expurgos da era Stálin são caracterizados pela ambiguidade de gênero: são mais que “mera” ficção, mas não chegam a ser historiografia. Segundo o autor, algumas memórias de detratores, como as escritas por Orlov, Krivitski e Kravchenko, se tornaram bastante influentes no Ocidente, apesar do conteúdo especulativo e cheio de fofocas. O autor descreve que era comum que trabalhos ficcionais fossem citados como fonte nos textos historiográficos sobre o período.<sup>248</sup> Muitas vezes, a recepção indiscriminada e pouco crítica dos conteúdos contribuía para a baixa qualidade da historiografia sobre o período stalinista, que só passou por melhoras significativas nos anos 80.

Para Oja, não se deve ignorar a intenção de Soljenítsin: escrever texto que fosse, de fato, história; produzir crônica que retratasse e preservasse a memória de uma experiência extrema que aguardava o devido tratamento historiográfico. Nesse sentido, portanto, o pesquisador defende que o *Arquipélago* é história, tanto dos campos de trabalho, como da URSS. O pesquisador explica que a narrativa é arquitetada como trabalho de história tradicional: narra acontecimentos do passado, além de fazer paralelo entre o desenvolvimento do gulag e a sociedade soviética; ela também contém tese interpretativa central, “como todos os textos mais convencionais de história”.<sup>249</sup> A referida tese seria que tanto os indivíduos como a nação foram escravizados por um sistema irracional e cruel.

---

<sup>247</sup> BARKER, “The Gulag Archipelago: History Betrayed II”, 1975, p. 205-206.

<sup>248</sup> Oja cita o exemplo de Robert Conquest. No livro **The Harvest of Sorrow**, que trata da coletivização, do terror e da fome na Ucrânia durante o período de 1932-33, o historiador britânico cita romances e histórias dos escritores Mikhail Chólokhov, Vassili Grossman, Boris Pasternak, Vassili Belov, Boris Mojaev, Varlam Chalámov e outros. OJA, Matt F. “Fictional History and Historical Fiction: Solzhenitsyn and Kiš as Exemplars”. **History and Theory**, vol. 27, nº 2, 1988.

<sup>249</sup> OJA, “Fictional History and Historical Fiction: Solzhenitsyn and Kiš as Exemplars”, 1988, p. 113.

Apesar das semelhanças apontadas, Oja destaca que *Arquipélago* é uma história bastante incomum, pois não cumpre algumas regras clássicas da historiografia. Soljenítsin “frequentemente aceita rumores e boatos como documentação se eles dão suporte aos seus argumentos; [...] a ele falta qualquer pretensão ao mínimo de objetividade; seu constante tom polêmico está em desacordo com aquele comum na historiografia”.<sup>250</sup> Oja também explica que as referências de Soljenítsin são limitadas e que ele possui uma noção de verdade — moral e histórica — diferente daquela dos historiadores. Em todos os aspectos apontados, é válido dizer que o *Arquipélago* é “menos que história”.<sup>251</sup> Por outro lado, é possível também enxergá-lo como “mais que história”. Por meio da força da narrativa e do tom artístico do narrador, Soljenítsin teria criado um novo gênero para fazer história. Sobre a questão, o pesquisador afirma, ainda: “[...] é história com tanto sabor ficcional que se lê como ficção histórica”.<sup>252</sup> Trata-se de um texto em que o leitor é levado a questionar as diferenças entre história e ficção.

Oja defende que, na análise de *Arquipélago*, deve-se debruçar sobre o problema da verdade. Para o pesquisador, a noção estereotipada de que a história lida com fatos “reais” e que a ficção trata de assuntos imaginados não é útil. Na argumentação, descreve três gradações de verdade. A primeira delas diz respeito a fatos que aconteceram. É, em grande parte, verificável e pode ser comprovada por meios empíricos. A segunda está relacionada à verdade da arte, ao poder do artista de fazer com que representações produzam sensação de verdade; deve estar relacionada ao que geralmente se associa com a experiência humana e é recebida de forma subjetiva. O terceiro tipo nasce da interseção das duas categorias: uma verdade histórica não-literal, no sentido de que as ações retratadas estão de acordo com as categoriais sociais de um período histórico, ou seja, contêm um grau de plausibilidade e dizem respeito ao que poderia ter ocorrido. “Esse tipo de verdade é verificado de forma subjetiva, é claro — na base de nossa opinião geral — mas também requer um tipo de verificação objetiva indireta, pois está na base da verdade histórica literal que a nossa opinião, nossa base de verificação subjetiva, se apoia”.<sup>253</sup> Para o pesquisador, a história lida principalmente com o primeiro tipo, enquanto a ficção se inclina para o terceiro — o *Arquipélago* transita livremente entre os dois.

Oja explica que, quando a ficção adota abordagem macro-histórica, ou seja, na qual a preocupação é com o grande quadro das coisas, ela tende a se parecer com textos de história.

---

<sup>250</sup> OJA, “Fictional History and Historical Fiction: Solzhenitsyn and Kiš as Exemplars”, 1988, p. 113.

<sup>251</sup> OJA, “Fictional History and Historical Fiction: Solzhenitsyn and Kiš as Exemplars”, 1988, p. 113.

<sup>252</sup> OJA, “Fictional History and Historical Fiction: Solzhenitsyn and Kiš as Exemplars”, 1988, p. 113; 114.

<sup>253</sup> OJA, “Fictional History and Historical Fiction: Solzhenitsyn and Kiš as Exemplars”, 1988, p. 116.

Da mesma forma, quando a abordagem é da micro-história,<sup>254</sup> os textos tendem a adotar tom ficcionalizado. *Arquipélago Gulag* atua nos dois níveis: “Soljenítsin juntou um grande número de micro-histórias impressionistas, ou seja, experiências individuais de muitas vítimas do sistema Gulag, e simplesmente as combinou para chegar em sua tese básica sobre a natureza de todo o sistema soviético”.<sup>255</sup> Para Oja, no *Arquipélago*, o grande quadro é mera ampliação do pequeno quadro, ou seja, experiências individuais refletem aquelas vividas pela nação.

Oja explica que historiadores abordam situações na tentativa de desvendar a realidade, trabalho que é amparado em evidências e fontes empíricas. A atividade dos historiadores é restrita pela necessidade de trabalhar com fatos, os quais eles encaram do lado de fora. Autores de ficção não possuem tantas restrições. Ainda sobre diferenças entre os escritos de história e ficção, no mesmo artigo, Oja explica que os primeiros geralmente não querem apenas contar o que aconteceu, mas revelar o porquê. O escritor literário, por sua vez, não tem tanto interesse em explicar o porquê dos acontecimentos, para ele, em uma narrativa, é mais importante revelar o *que* ocorreu. Sob este aspecto, Soljenítsin não está muito preocupado em oferecer explicações interpretativas nos moldes daquelas produzidas pelos historiadores. O tratamento do autor sobre a URSS remete ao estilo bíblico: “A explicação de Soljenítsin de por que isso aconteceu, de quem é o ‘nós’ e o ‘eles’ aos quais ele frequentemente se refere, é basicamente bíblico, idêntico à razão para o pecado original do homem: há o mal no mundo, e os mortais são frequentemente muito fracos para resistirem a ele”.<sup>256</sup> O pesquisador defende que Soljenítsin não se propõe a explicar coisa alguma: se restringe a contar o que houve e em dar publicidade ao que ele considerava ser verdade. Há exposição e não análise, o que confere tom literário à narrativa do *Arquipélago*.

Oja explica que, ao escrever, o historiador tenta criar uma imagem real do assunto pesquisado e depois a apresenta para o leitor: um conteúdo averiguado, baseado em vestígios e evidências, acompanhado de interpretação profissional. Segundo o estudioso, os argumentos do historiador podem até ser aguerridos, mas geralmente não há exigência de que o leitor se envolva moral ou emocionalmente com o conteúdo em pauta, nem com a narrativa apresentada, situação que ocorre com frequência no texto ficcional.<sup>257</sup> Oja destaca que tais características não são absolutas nem para a ficção, nem para a história, e que quando um lado apresenta características

---

<sup>254</sup> Segundo a concepção de Oja, os textos de micro-história são, por natureza, impressionistas: “Eles descrevem a maneira que uma experiência é sentida, como ela afeta um indivíduo. Porque eles são impressionistas, eles tendem a ser menos suscetíveis à verificação empírica”. OJA, “Fictional History and Historical Fiction: Solzhenitsyn and Kiš as Exemplars”, 1988, p. 117.

<sup>255</sup> OJA, “Fictional History and Historical Fiction: Solzhenitsyn and Kiš as Exemplars”, 1988, p. 117.

<sup>256</sup> OJA, “Fictional History and Historical Fiction: Solzhenitsyn and Kiš as Exemplars”, 1988, p. 119.

<sup>257</sup> OJA, “Fictional History and Historical Fiction: Solzhenitsyn and Kiš as Exemplars”, 1988, p. 121.

associadas ao outro, os textos adquirem características híbridas. Sobre *Arquipélago Gulag* mais especificamente, ele diz que a narrativa se destaca no uso de características ambíguas: “A proposta do autor, do começo ao fim, é pegar o confortável e ingênuo leitor ocidental pela lapela, gritar diante dele, estapeá-lo de cima a baixo e fazê-lo experimentar pessoalmente a imensa tragédia da nação russa através de todas as tragédias de incontáveis mujiques, trabalhadores e intelectuais”.<sup>258</sup> Ele explica que o modo utilizado para alcançar esse efeito<sup>259</sup> é o uso de pontos de exclamação, trechos em itálico, frases amargas e cheias de sarcasmo. Oja descreve que recurso bastante impactante é começar a narrar um evento na terceira pessoa e mudar, repentinamente, para a segunda pessoa da linguagem. O escritor faz isso para obrigar que o leitor sinta todo o horror da situação. Para o pesquisador, Soljenítsin assim o faz porque sabe o quão efetivo é envolver o receptor da mensagem em um julgamento moral e valorizar o aspecto macro-histórico da narrativa. O pesquisador destaca esse aspecto como uma das principais qualidades ficcionais de *Arquipélago Gulag*.

Por fim, no importante artigo, Oja se pergunta o porquê de textos sobre o Gulag tenderem ao hibridismo. Outro questionamento é se a proximidade com a ficção favorece a abordagem de certos tópicos. Primeiramente, ele destaca a escassez das fontes e o acesso restrito aos arquivos que poderiam favorecer pesquisar sobre o tema. A dificuldade técnica favorece o surgimento de questões sem respostas, que muitas vezes são preenchidas pelo escritor com algum tipo de recurso imaginativo ou estético. A hipótese é que a restrição de acesso a conteúdos de verdade literal aproxima o autor de abordagens menos literais. Outro aspecto a ser levado em consideração está relacionado à distância do leitor em relação ao tema retratado. No caso de experiências extremas (como é o caso dos campos de trabalhos forçados) ou que fogem radicalmente da vivência do receptor da mensagem, uma abordagem mais ficcionalizada favorece a compreensão e é geralmente mais efetiva. Ele explica que o oposto também ocorre: “Assim como o historiador ficcionaliza para fazer sua terrível narrativa mais acessível e compreensível, da mesma forma o escritor de ficção ‘historiciza’ para impressionar o leitor com a verdade, em um plano não-literal, da narrativa que, de outra forma, seria inacreditável”.<sup>260</sup>

Por fim, o estudo descreve caso extremo e paradoxal nessa equação, ao qual ele chama de “hiperliterário”: algo que ocorreu de fato, mas tão literário na aparência, que poderia ser considerado clichê ao ser abordado ficcionalmente: “[...] em alguns casos a própria extremidade de eventos históricos se mistura com as capacidades peculiares da descrição narrativa para borrar

---

<sup>258</sup> OJA, “Fictional History and Historical Fiction: Solzhenitsyn and Kiš as Exemplars”, 1988, p. 121-2.

<sup>259</sup> Oja cita artigo de Susan Richards (“The Gulag Archipelago as ‘Literary Documentary’”) para afirmar que Soljenítsin se rebela contra a recepção passiva de informações por parte do leitor.

<sup>260</sup> OJA, “Fictional History and Historical Fiction: Solzhenitsyn and Kiš as Exemplars”, 1988, p. 122-3.

a distinção entre realidade e invenção, o que impõe restrições à escolha do historiador quanto ao gênero narrativo”.<sup>261</sup> Para o pesquisador, o terror da era Stálin está contido nessa categoria.

#### 3.4. A LITERATURA, O GULAG E O REAL INVEROSSÍMIL

Antes de abordar os aspectos estilísticos e romanescos do *Arquipélago Gulag*, é preciso abordar algumas concepções literárias que Soljenítsin expressa no texto e deixam transparecer certas concepções do autor sobre o mundo e sobre a possibilidade de representá-lo.

Primeiramente, destaca-se que, segundo Ivan Jablonka, toda a literatura é, em maior ou menor grau, realista, pois remete a situações e possibilidades as quais o ser humano conhece ou as quais poderia vivenciar. Outra reflexão cabível aqui diz respeito à verossimilhança. Para o pesquisador, o conceito diz respeito àquilo que é possível, algo em que se pode acreditar.<sup>262</sup> Soljenítsin parece concordar com a primeira afirmação, pois ele entendia que a ficção precisava se parecer de alguma forma com a vida dos homens para ser compreendida, ao contrário do mundo a sua volta, onde ele via percebia os acontecimentos mais improváveis: “No país das maravilhas tudo pode acontecer: ontem à noite você merecia execução, hoje de manhã, só uma sentença infantil”.<sup>263</sup> O termo fantasioso parece estar associado às arbitrariedades e absurdos do regime, a um delírio tornado real: “[...] e quanto mais fantasiosa for a acusação, mais cruel deve ser a investigação, para obrigar as confissões. E uma vez que as acusações eram inventadas, havia sempre violências”.<sup>264</sup>

Para Soljenítsin, a distinção entre a escrita que descreve o que realmente aconteceu e outra que lida com questões inventadas é bem clara. O autor não apresenta nenhum conceito estético, mas é possível perceber que, no texto, ele associa literatura à certa abordagem ingênua, como no trecho em que o autor critica o excesso de descrições sobre comida em Gógol e Tchekhov, por exemplo. Em outro trecho, ele contrapõe o que poderia ter sido, assunto da ficção, ao que realmente foi, no esforço de argumentar que as narrações de experiências vividas oferecem material mais rico e complexo que qualquer representação “livresca”: “As mais grosseiras aventuras da literatura policial e das operetas de bandoleiro foram levadas à prática na escala de um grande Estado”.<sup>265</sup> O ápice dessa reflexão ocorre quando ele se pergunta sobre as diferenças dos vilões shakespearianos e aqueles de carne e osso: os primeiros possuem a

---

<sup>261</sup> OJA, “Fictional History and Historical Fiction: Solzhenitsyn and Kiš as Exemplars”, 1988, p. 123-4.

<sup>262</sup> JABLONKA, **La historia es una literatura contemporánea**, 2016, p. 199.

<sup>263</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 435.

<sup>264</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 107.

<sup>265</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 64.

consciência de sua corrupção moral, enquanto os outros não a possuem. O primeiro, porém, jamais poderia ultrapassar o segundo em maldade, pois o segundo agia de acordo com uma ideologia — e a justificativa ideológica, além de motivar a crueldade de uns, convenciona outros milhões de que os atos eram necessários.

Percebe-se que uma das teses do *Arquipélago Gulag* é que o mundo “real” é muito pior que qualquer literatura. Portanto, no que diz respeito à verossimilhança, Soljenítsin não o percebia como um valor relacionado ao cotidiano. Em determinado momento, o escritor reconhece que os relatos parecem ser fantásticos demais para terem ocorrido e que ele mesmo só acreditava neles porque esteve preso com as pessoas que os protagonizaram.<sup>266</sup> Para o autor, o dia a dia soviético era muito mais incrível, inacreditável e anedótico que qualquer ficção e, talvez por isso, um estilo mais contido e objetivo não seria suficiente para transmitir ao leitor essa sensação. Para descrever o *País das maravilhas*, seria preciso que a pena do escritor tomasse certas liberdades narrativas, o que explica a grande quantidade de elementos romanescos no texto, características que serão analisadas no próximo capítulo.

---

<sup>266</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 75.

## CAPÍTULO 4: ARQUIPÉLAGO GULAG E ROMANCE

*Ser contemporâneo é criar o próprio tempo e não só refleti-lo.  
Refleti-lo, sim, mas não como um espelho, antes como um escudo.*

Marina Tsvetáieva, *O poeta e o tempo*

Segundo Edward J. Brown, especialista em literatura russa, as narrativas de Soljenítsin apresentam característica frequente: “[...] fazem parte de um gênero com vários representantes famosos no mundo da literatura, que pode ser chamado de ‘reunião acidental’. Esses trabalhos contam com uma variedade estranha de personagens que foram reunidos por causa de uma situação gravemente anormal”.<sup>267</sup> Exemplos de obras contidas nesta categoria são *A montanha mágica*, de Thomas Mann (tuberculosos), *Os contos de Canterbury*, de Geoffrey Chaucer (peregrinos), *Os nus e os mortos*, de Norman Mailer (soldados). O estudioso discorre:

Uma característica comum a todos os trabalhos ficcionais de Soljenítsin é o colapso de espaço e tempo em uma única área severamente restrita — um campo de trabalho, uma *charachka* (prisão especial), uma ala de cancerosos, algum campo de batalha — e um segmento limitado de tempo. A minúscula área de confinamento exerce enorme poder de atração; como um ‘buraco negro’ no espaço, desenhou em si mesmo todas as coisas — tanto boas como ruins — do mundo exterior. A história da União Soviética, o destino da Rússia, as grandes questões morais do século XX, estão concentradas por um momento em um único ponto. A distinção é perdida entre o mundo exterior e o mundo interior, pois o mundo inteiro sofreu uma súbita implosão, um colapso violento.<sup>268</sup>

Destaca-se o aspecto concentrado dos textos de Soljenítsin, pois este trabalho o tomará como ponto de partida e abordagem de análise do aspecto estilístico do *Arquipélago*, a seguir.

### 3.1. RISO AMARGO COMO FERRAMENTA CRÍTICA

*No campo de trânsito de Novossibirsk, em 1945, a escolta toma conta dos presos, fazendo a comunicação, por uma lista, da pena. “Fulano de tal!” “58-1-a, vinte e cinco anos.” O chefe da escolta interessa-se: “Por que é que lhe deram tanto?” “Ora, por nada.” “Você mente! Por nada dão só dez!”*

Aleksandr Soljenítsin, *Arquipélago Gulag*

O trecho a seguir pode ser considerado microcosmo do *Arquipélago*, pois concentra características utilizadas ao longo do texto. A primeira delas é a utilização do riso amargo. Segundo George Minois, o riso do século XX “[...] é um riso de humor, de compaixão e, ao

<sup>267</sup> BROWN, *Russian Literature Since the Revolution*, 1982, p. 266.

<sup>268</sup> BROWN, *Russian Literature Since the Revolution*, 1982, p. 253.

mesmo tempo, de desforra, diante dos reveses acumulados pela humanidade ao longo do século e das batalhas perdidas contra a idiotia, contra a maldade e contra o destino”.<sup>269</sup> Esse tipo de derrota pode ser identificado abaixo:

Eis um pequeno quadro daqueles anos: está decorrendo (na região de Moscou) a conferência do Partido da zona. É dirigida por um novo secretário, em substituição ao recentemente *detido*. No fim da conferência é aprovada uma mensagem de fidelidade ao Camarada Stálin. Como se compreende, todos se põem de pé (do mesmo modo que no decorrer da conferência todos saltavam da cadeira cada vez que era mencionado o seu nome). Na pequena sala ressoam “tempestuosos aplausos que se transformam em ovação”. Passam três, quatro, cinco minutos e são cada vez mais tempestuosos os aplausos, redundando numa ovação. Mas afinal começam a doer as mãos. Fatigam-se os braços levantados, já vão sufocando as pessoas idosas. Aquilo passa a ser estúpido até para aqueles que sinceramente admiram Stálin. Entretanto, quem é o *primeiro* que se atreve a parar? Poderia fazê-lo o secretário da zona, que se encontra de pé na tribuna e acaba de ler essa mesma mensagem? Mas ele está ali há pouco tempo e encontra-se no lugar do recentemente detido, tendo ele próprio medo! Na verdade, na sala estão também de pé, aplaudindo, os membros da NKVD e eles observam *quem* é o primeiro que se atreve a parar!... E os aplausos na pequena e desconhecida sala, ignorada pelo chefe, prolongam-se por seis minutos! sete minutos! oito minutos!... eles sucumbem! Estão todos perdidos. Não podem parar, enquanto não tombarem com os corações despedaçados? Ainda no fundo da sala, no meio do aperto, pode-se ludibriar um pouco, aplaudir mais devagar, não tão forte, não tão furiosamente, mas que fazer no Presidium, à vista de todos? O diretor da fábrica local de papel, uma personalidade forte, independente, faz parte do Presidium e compreende toda a falsidade, todo o beco sem saída da situação, mas aplaude! – Decorre o nono minuto! O décimo! Ele olha aborrecido para o secretário do partido da zona, mas este não se atreve a parar. É uma loucura! Uma loucura geral! Olhando-se uns aos outros, com uma débil esperança, mas fingindo êxtase nos rostos, os dirigentes da zona aplaudiram até cair. Até que fossem levados em macas! E, até esse momento, os restantes não vacilaram!... O diretor da fábrica de papel, no décimo primeiro minuto, fingindo-se atarefado, deixa-se cair no seu lugar, no Presidium. E, oh! Maravilha! Esvaiu-se então o incontível, indescritível entusiasmo geral? De repente pararam no meio do mesmo aplauso e se sentaram todos de uma vez. Estão salvos! O esquilo teve a ideia de sair da roda!... // Entretanto, é dessa forma que se conhece as pessoas independentes. E é dessa forma que são postas de lado. Nessa mesma noite, o diretor da fábrica é preso. Com facilidade, aplicam-lhe por outro motivo dez anos. Mas depois da assinatura do 206 (documento que concluiu as investigações) o comissário instrutor recorda-lhe: // — Nunca seja o primeiro a deixar de aplaudir!<sup>270</sup>

O evento narrado por Soljenítsin teria ocorrido entre os anos 1937 e 1938, no período do Grande Terror. O trecho revela artifício comum no livro: trabalhar com ironias afiadas quando meras descrições dos eventos seriam suficientemente impactantes. O foco nos aspectos do sistema soviético que o escritor julgava como bizarros acaba por chacoalhar duplamente o leitor: tanto pela estranheza do conteúdo narrado, como pela força do estilo. Ainda sobre a questão do riso, ao pensar especificamente no caso russo, Vladímir Propp<sup>271</sup> explica que ele se

<sup>269</sup> MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 558.

<sup>270</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 79.

<sup>271</sup> PROPP, Vladímir. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992, p. 32.

distingue pelo amargor e pelo sarcasmo, características presentes no trecho citado. Por fim, vale citar consideração de Mikhail Bakhtin sobre o poder do riso:

[...] tem o extraordinário poder de aproximar o objeto, ele o coloca na zona de contato direto, onde se pode apalpá-lo sem cerimônia por todos os lados, revirá-lo, virá-lo do avesso, examiná-lo de alto a baixo, quebrar o seu envoltório externo, penetrar nas suas entranhas, duvidar dele, estendê-lo, desmembrá-lo, desmascará-lo, desmedá-lo, examiná-lo e experimentá-lo à vontade.<sup>272</sup>

Bakhtin defende ainda que o riso é arma contra o medo e a idolatria.<sup>273</sup> A citação acima importante, pois lança luz em uma das intenções centrais do *Arquipélago*: o desmascaramento; destaca-se também que a exposição de contrastes e o rebaixamento do herói são características do gênero romanesco para Bakhtin identificadas no texto. De todo modo, ainda sobre as considerações de Propp, destaca-se que, para o teórico, o riso ocorre não apenas quando um defeito ou algum aspecto de inferioridade se revela, mas também quando a culpa da aberração é da própria pessoa retratada.<sup>274</sup> No quadro de Soljenítsin, aqueles que batem palmas sentem na pele as consequências das próprias ações e da própria ideologia social deturpada. O retrato de uma sociedade que sofre sem perceber que tal aflição é fruto do próprio apoio, que não vê ligação entre causas e consequências, é considerado estúpido.

O objetivo do narrador é revelar falhas espirituais dos homens apresentados, o que confere tom de escárnio à narração. No trecho, o riso é utilizado como arma de destruição e combate, pois, “[...] destrói a falsa autoridade e a falsa grandeza daqueles que são submetidos ao escárnio”.<sup>275</sup> Há sugestão de comicidade por meio da desmistificação de Stálin e da revelação de uma situação supostamente vazia de moral. Porém, o mais importante aqui é a decisão do narrador de fornecer uma pequena réplica da estrutura de sustentação do líder, em vez de expor exclusivamente perversidades cometidas por um ditador. Nesse sentido, Soljenítsin parece concordar com Herzen, que afirmou ser “trágico o destino ao qual se cede sem resistência. Aqui a mágoa se transforma em fúria e desespero; o riso, em uma ironia amarga e repleta de ódio”.<sup>276</sup>

A partir da narração do momento ridículo, Soljenítsin responde ao problema do “culto da personalidade”, apontado por Khruschóv, em 1956, como o grande motivador dos desvios e crimes ocorridos na era Stálin. O fragmento fornece chave de leitura para toda a obra, pois, mais que apontar um culpado para o terror bolchevique, Soljenítsin o apresenta como sendo um

---

<sup>272</sup> BAKHTIN, *Epos e romance*, 2010. p. 413.

<sup>273</sup> BAKHTIN, *Epos e romance*, 2010, p. 414.

<sup>274</sup> PROPP, *Comicidade e riso*, 1992, p. 97.

<sup>275</sup> PROPP, *Comicidade e riso*, 1992, p. 46.

<sup>276</sup> HERZEN, Aleksandr. “Literatura e pensamento social depois do 14 de dezembro de 1825”. In: GOMIDE, B. (org.) *Antologia do pensamento crítico russo (1802-1901)*. São Paulo: editora 34, 2013, p. 183.

fenômeno coletivo que encontrava sustentação na esfera individual. O autor discute o grau de responsabilidade de cada cidadão soviético, além de revelar quão tragicômica era a situação de uma nação que sustentava um regime em que muitos não acreditavam.

Neste contexto, cabe uma pequena reflexão sobre o sistema stalinista. Em *A invenção democrática*, Claude Lefort o define como um aparelho burocrático que permitia que Stálin liderasse a URSS com tamanha margem para arbitrariedades.<sup>277</sup> “A autoridade de Stálin parece inscrita na essência do regime a ponto de ele se apresentar como um simples executante; seu estatuto não é o de um fundador”.<sup>278</sup> O stalinismo seria “o nome dado à maneira pela qual Stálin exerce o poder e, por extensão, à maneira pela qual este é exercido, acobertado pela sua autoridade e segundo seu modelo, em toda a extensão da sociedade”.<sup>279</sup> O princípio máximo desse período dizia respeito à unidade social, a uma “sociedade consagrada a se relacionar consigo mesma em todas as suas partes, a combinar numa mesma marcha os movimentos de seus membros, coletividades e indivíduos, e a falar uma mesma linguagem: esses dois fenômenos são indissociáveis”.<sup>280</sup> Para o pesquisador, o sistema era regido pelo fantasma da figura de Stálin, que encarnou o povo e o Partido, devorando-os. Para tratar do período, o pesquisador utiliza a metáfora do corpo. Nele, cada indivíduo “eu” se vê imerso em um “nós”:

Não poderíamos, com efeito, definir o poder stalinista sem apreciar sua referência ao povo em ato e em primeiro lugar, ao povo-uno. No que este consiste idealmente? Num Grande Vivente, na sociedade concebida como indivíduo coletivo, agindo, fazendo-se, tomando posse de todas as suas faculdades para se realizar, desembaraçando-se de tudo que é estranho: um corpo que tem o recurso de controlar os movimentos de cada um de seus órgãos e de cada um de seus membros.<sup>281</sup>

Como o Partido estava impresso na sociedade e era sua expressão geral, qualquer ação independente poderia ser interpretada como desincorporação do indivíduo. Quem se opõe ao regime é um parasita, e se ele é combatido, é para manter a integridade do corpo. A imagem do corpo (ou de vários corpos) como sustentáculo da estrutura social, conforme trecho analisado, é aqui plenamente desenvolvida por Soljenítsin. Lefort também destaca que Soljenítsin “forjou o feliz termo de Egocrata para designar esse senhor que não é, de acordo com acepção da palavra, nem ditador, nem déspota, nem tirano, e que idealmente confundido com a sociedade, encontra no seu Eu a lei de todas as coisas, ou não reconhece nada fora dele”.<sup>282</sup> Por meio da reflexão, é possível perceber o quão complexa era a relação de poder entre a sociedade soviética e Stálin.

---

<sup>277</sup> LEFORT, *A invenção democrática*, 1981, p. 90-1; 98.

<sup>278</sup> LEFORT, *A invenção democrática*, 1981, p. 100.

<sup>279</sup> LEFORT, *A invenção democrática*, 1981, p. 92; 98.

<sup>280</sup> LEFORT, *A invenção democrática*, 1981, p. 102.

<sup>281</sup> LEFORT, *A invenção democrática*, 1981, p. 101.

<sup>282</sup> LEFORT, *A invenção democrática*, 1981, p. 104.

Destaca-se a dificuldade em determinar até que ponto o poder praticamente ilimitado do ditador havia sido sustentado pela população, como sugere Soljenítsin, ou até que ponto as pessoas perderam a noção de individualidade por causa da estrutura política e foram englobadas por um corpo social amorfo e homogêneo, conforme defende Lefort. Provavelmente, a resposta está em algum ponto entre as duas suposições, o que permite que o retrato de Soljenítsin adquira nuances fantásticas, pois reflexões sobre o stalinismo, à época, tinham que atuar sob uma névoa de incertezas.

A partir das reflexões acima, pode-se considerar que o trecho isolado parodia a sociedade soviética tal como enxergada por Soljenítsin. Nesse sentido, Propp afirma que a paródia é um dos instrumentos mais potentes de sátira social.<sup>283</sup> Para o teórico russo, o recurso faz com que os traços exteriores do fenômeno retratado revelem a ausência de conteúdo interior, principalmente no que diz respeito ao aspecto espiritual. Destaca-se que o uso da paródia é um expediente fortemente literário, estudado desde a *Poética*, de Aristóteles, e presente em textos fundadores da tradição ocidental, tais como *Gargântua e Pantagruel* (1532-52), de François Rabelais, e *Dom Quixote* (1605), de Miguel de Cervantes.<sup>284</sup>

É exatamente o que ocorre aqui. A salva infinita de palmas faz com que o gesto se torne ridículo e perca o conteúdo enaltecido. A crítica ampara-se nos traços do exagero e nos aspectos negativos do excesso para se revelar, o que a torna caricatural. A cena também adquire nuances de grotesco ao revelar todo o aspecto monstruoso e terrível da situação, representada pontualmente pela prisão do diretor da fábrica. Ainda segundo Propp, “o grotesco é cômico quando, como tudo o que é cômico, encobre o princípio espiritual e revela os defeitos. Ele se torna terrível quando o princípio espiritual se anula no homem”.<sup>285</sup> Para o teórico, o grotesco é possível apenas na arte e impossível na vida.

Sobre o tratamento narrativo conferido a Stálin, destaca-se que ele é apresentado como uma figura multifacetada. Em trecho referente ao julgamento de Iágoda (ex-chefe da NKVD), o autor coloca o leitor diante de um titereiro travesso e masoquista, não do temido ditador:

Como se Stálin estivesse sentado ali na sala, Iágoda, com segurança e insistência, pedia-lhe piedade, a ele diretamente: “Dirijo-lhe um apelo! Eu construí para o senhor dois grandes canais!...”. E alguém que ali se encontrava nesse instante conta que, por trás de uma janelinha do segundo andar, aparentemente atrás de uma cortina de musselina, acendeu-se um fósforo nas trevas, percebendo-se a forma de um cachimbo. Quem esteve alguma vez em Bakhtchissarai recorda-se talvez dessa fantasia oriental. Na sala de sessões

---

<sup>283</sup> PROPP, *Comichidade e riso*, 1992, p. 87.

<sup>284</sup> PERRONE-MOISÉS, Leila. *Mutações da literatura no século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 42.

<sup>285</sup> PROPP, *Comichidade e riso*, 1992, p. 92.

do Conselho de Estado, ao nível do segundo andar, há umas janelas fechadas com folhas-de-flandres, que têm pequenos orifícios, e por trás delas uma galeria não iluminada. Da sala nunca se pode adivinhar se há ali alguém ou não. O Khan fica invisível e o conselho reúne-se sempre como se ele estivesse presente. Dado o pronunciado caráter oriental de Stálin, acredito piamente que ele assistisse comédias nesse Salão de Outubro. Não posso admitir que ele se privasse desse espetáculo, desse prazer.<sup>286</sup>

Nota-se que a referência à “comédia” e ao “espetáculo” remete ao caráter de impostura e farsa que havia em todo o regime, ao qual o escritor queria desmascarar. Aqui, Stálin é colocado quase como um ator prestes a entrar em um palco, o que o coloca em evidência e faz com que o leitor sinta expectativa e quase excitação diante do próximo movimento que ele colocará em curso. Sobre tais complexidades, Francis Barker explica que a abordagem de Soljenítsin em relação a Stálin é ambígua em vários aspectos. Um deles diz respeito ao seguinte fato: “[...] ou Stálin é um autor da história ou é um mero funcionário de um processo degenerativo já em movimento”.<sup>287</sup> Para o pesquisador, o líder não poderia ser as duas coisas, pois o escritor russo não trabalha com a abordagem dialética da história, muito pelo contrário, no livro há esforço para expressar opiniões ideológicas bem marcadas. Outra passagem em que Soljenítsin demonstra não ter um veredito fechado sobre o homem Stálin é a que se segue:

Tanto antes de ser detido como durante meus anos de prisão, pensei por muito tempo que Stálin dera um curso funesto à evolução do Estado soviético. Eis que Stálin morreu serenamente e pode-se dizer que o barco mudou de rumo? O selo que sua personalidade imprimiu nos acontecimentos foi algo de melancólico e obtuso, caprichos de pequeno déspota, autoglorificação. Quanto ao resto, não fez mais do que pôr o pé nas marcas que havia encontrado.<sup>288</sup>

Nesse sentido, é importante frisar que ao associar elementos de performance e farsa à representação do ditador, Soljenítsin permite que ele transite de forma mais livre entre as posições de líder que muda os rumos da história ou que apenas reage a um movimento externo.

Ainda sobre a questão do grotesco, vale destacar que a força da crítica de Soljenítsin parece residir no fato de contrariar os pressupostos de Propp: o regime soviético teria sido horrendo justamente por possibilitar a concretização da modalidade na vida. Destaca-se que, segundo Propp,<sup>289</sup> o grotesco exige uma abordagem estética das barbaridades retratadas, aspectos favorecidos pela ritualização do cotidiano soviético.<sup>290</sup> Sobre os escritos de Soljenítsin, Edward J. Brown defende que o autor descreve, sim, um mundo grotesco, cuja maior fonte do

---

<sup>286</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 396.

<sup>287</sup> BARKER, “The Gulag Archipelago: History Betrayed II”, 1975, p. 206.

<sup>288</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 577.

<sup>289</sup> PROPP, **Comicidade e riso**, 1992, p. 92.

<sup>290</sup> Segundo Orlando Figes, o marxismo nas escolas soviéticas tinha função muito semelhante àquela exercida pela religião no período tsarista. FIGES, **Sussurros**, 2010, p. 56.

mal é a ideologia. Segundo o pesquisador, o autor russo não definiu exatamente o que queria dizer com ideologia, mas o significado remete à doutrinação soviética, aos *slogans* difundidos nas escolas e propagados pelos líderes. Nesse sentido, Brown defende que seria mais correto afirmar que, na verdade, o que o escritor russo realmente condena é a total falta de ideologia na URSS, ou seja, a ausência de princípios racionais que governassem a vida em sociedade.<sup>291</sup>

O uso da ironia por Soljenítsin pode ser visto como uma das maiores e mais potentes armas do *Arquipélago* contra o regime soviético. Ela não teria tanta força se não se alimentasse daquilo que critica, ou seja, em um grande quadro, é possível enxergar as dimensões paródicas desse recurso. Nesse sentido, Soljenítsin olha para o cotidiano soviético e enxerga a piada pronta, enformada pela burocracia e explicada por Vassili Grigórievitch Vlássov, ao ter pena comutada do fuzilamento para vinte anos em campos correcionais de trabalho: “— É estranho. Condenaram-me por não ter confiança na vitória do socialismo num só país. Mas acaso Kalínin<sup>292</sup> acredita nela, se pensa que dentro de vinte anos serão ainda necessários campos de trabalho?”.<sup>293</sup> Nesse sentido, Brown explica que, na perspectiva de Soljenítsin, “a própria existência dos campos [e da repressão], e a falta de qualidade da vida dos internos é uma trágica ironia numa terra supostamente motivada por ideais socialistas”.<sup>294</sup> É revelada a contradição entre forma e conteúdo do regime comunista. Para o pesquisador, o *Arquipélago* é uma irônica metáfora, na qual as pessoas puras estavam nas prisões e os perversos permaneciam em liberdade. O stalinismo é desmascarado como condição estrutural. Nas palmas desveladas pelo *Arquipélago*, as máscaras caem e cada leitor da época e cada cidadão são forçados a repensar o próprio papel na catástrofe burlesca que era a história soviética para Soljenítsin. A salva de palmas expressa um elemento clássico da comédia, a farsa, que aqui é elevado a conduta social geral.

Por tratar de assunto brutal e por conter passagens trágicas, os trechos que lidam com o cômico e absurdo da vida soviética de *Arquipélago Gulag* acabam se destacando por contraste. O mesmo sistema que matou milhões de detentos de fome e frio nos campos de trabalho também protagonizou momentos inacreditáveis de natureza diversa: a denúncia do cardeal Richelieu como inimigo do povo, sem que o oficial do interrogatório se desse conta de que estava sendo ludibriado; a detenção de professores que não citavam Lênin e Marx em quantidade suficiente; a troca de sentenças leves por alguns quilos de toucinho. Outro exemplo dessa nuance fantástica

---

<sup>291</sup> BROWN, *Russian Literature Since the Revolution*, 1982, p. 252; 270.

<sup>292</sup> Mikhail Ivánovitch Kalínin (1922-1946) foi um dos bolcheviques mais importantes da fundação do Estado soviético, ocupou o cargo de presidente do Soviete Supremo.

<sup>293</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 437.

<sup>294</sup> BROWN, *Russian Literature Since the Revolution*, 1982, p. 252.

da realidade, citada pelo autor, diz respeito ao fato de que muitos camponeses eram obrigados a semear na neve e, quando a plantação não vingava, eram presos como sabotadores.<sup>295</sup> Era particularmente absurdo, também, o fato de que a repressão tirava força de um só artigo dos cento e quarenta e oito do capítulo especial (Código Penal de 1926): “Artigo 58 é um mundo completo”; o dispositivo possuía uma resposta e uma sentença para cada situação humana.<sup>296</sup>

Ao refletir sobre o riso, Propp afirma que “[...] a vida sabe criar casos que nenhum autor saberia inventar à sua mesa de trabalho; é preciso apenas saber olhar para essa mesma vida e saber reproduzi-la”.<sup>297</sup> Soljenítsin demonstrou possuir visão aguçada e, com a narrativa do *Arquipélago*, também defende que o caráter fantástico da vida, muitas vezes, ultrapassa o da ficção. Exemplo desse aspecto, ressaltado pelo hábil uso da ironia, pode ser percebido no nono capítulo. Ao comentar a condenação dos Socialistas Revolucionários, ocorrida em 1922, o autor declara: “Se eu e os leitores não soubéssemos perfeitamente que o essencial, em qualquer processo judicial, não é a acusação, a chamada *culpa*, mas sim a *conveniência*, talvez não aceitássemos de ânimo tão fácil esse processo”.<sup>298</sup> A abordagem do julgamento contém um dos momentos mais amargos do livro em relação ao caráter absurdo do regime soviético. A essência da questão é: os SRs, partidos que à época da Revolução também haviam lutado contra o tsarismo, foram acusados pelo Estado. O crime não havia sido tentar derrubar o governo, nem praticar atos de terrorismo, nem de promover apropriações; os SRs eram culpados pois haviam nutrido intenções negativas em relação ao regime e não haviam se denunciado. Reaparece o humor ácido de Soljenítsin: “Tomada que foi uma decisão, é em função dela que julgamos. [...] Quer tenha sussurrado à sua mulher na cama que seria bom derrubar o poder soviético, feito propaganda nas eleições, ou lançado bombas — tudo é o mesmo. *A pena é igual!*”.<sup>299</sup> Soljenítsin defende que o excepcional da justiça soviética era o fato de não estar muito preocupada com a investigação do crime passado, mas em proferir julgamentos em relação ao futuro.

Ao utilizar o riso como forma de abordar o terror, Soljenítsin não diminui a gravidade do tema, pelo contrário. O riso é importante para a revelação da verdade e é por meio dessa reação que a sátira realiza a crítica social.<sup>300</sup> As mudanças de registro no interior do livro parecem buscar justamente evitar um certo entorpecimento do leitor, o que poderia ser empecilho para que ele

---

<sup>295</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 67.

<sup>296</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 70.

<sup>297</sup> PROPP, *Comicidade e riso*, 1992, p. 202.

<sup>298</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 343.

<sup>299</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 352.

<sup>300</sup> PROPP, *Comicidade e riso*, 1992, p. 187.

captasse toda a força da mensagem. Conforme diz Iurêniev sobre o riso: “O espectador cansa de rir o tempo todo. Para poder rir de novo ele deve de vez em quando experimentar outros sentimentos: pena, raiva, compaixão, apreensão, curiosidade ou medo. Depois disso ele está pronto para rir, alegrar-se, espaiar-se”.<sup>301</sup>

Por fim, destaca-se que, para Propp, a “sátira age sobre a vontade daqueles que permanecem indiferentes diante desses vícios, os que fingem não os ver, os que são condescendentes, ou mesmo que não sabem realmente nada sobre eles. Ela levanta e mobiliza a vontade de lutar [...]”.<sup>302</sup> O autor acreditava no poder de transformação da arte e, ao escrever a obra, pretendia provocar efeitos na sociedade. O *Arquipélago* tentou atualizar o passado recente através da escrita para impedir que ele tivesse qualquer prolongamento no futuro russo e soviético. Encontrou poderosa arma no riso, caracterizado por Belinski como instrumento capaz de destruir o velho e preparar para o novo.<sup>303</sup> O fato de não ter sido o único a utilizar tal ferramenta de combate demonstra o seu poder renovador. Vale lembrar que Bakhtin e Propp, teóricos nos quais esta análise se apoia, refletiram sobre o riso e a alegria durante a sombria era stalinista.

### 3.2. CARACTERÍSTICAS NARRATIVAS

Para Eric J. Brown, o *Arquipélago* é uma grande e irônica metáfora, na qual as pessoas mais puras eram tragadas para o subsolo e os sujos permaneciam na superfície. O pesquisador explica que texto é mistura de crônica histórica com monólogo narrado e que, nele, citações diretas dos carrascos do regime são expostas em tom de desdém, como evidências da verdade. “O artifício da narração é a arma característica de Soljenítsin, a ironia, aqui entrelaçada à própria textura da linguagem”.<sup>304</sup> O uso da ironia está presente desde o começo do livro. Por exemplo, a primeira parte do primeiro volume possui doze capítulos e se chama “A indústria carcerária”. O título remete ao argumento do autor, segundo o qual as prisões não visavam à justiça ou ao devido pagamento de uma dívida social resultante da desobediência da lei. Desde a primeira aparição do termo, a prisão aparece como objetivo final de um processo estruturado e organizado. Ao escolher o termo *indústria* para compor o título, Soljenítsin sugere que, na verdade, o que a URSS mais produziu foi detentos: a rede prisional e os campos de trabalho forçado foram parte da verdadeira

---

<sup>301</sup> PROPP, **Comicidade e riso**, 1992, p. 194.

<sup>302</sup> PROPP, **Comicidade e riso**, 1992, p. 211.

<sup>303</sup> PROPP, **Comicidade e riso**, 1992, p. 189.

<sup>304</sup> BROWN, **Russian Literature Since the Revolution**, 1982, p. 269.

manufatura do Estado. Não é força de expressão, pois o escritor afirma que os órgãos estatais tinham metas a cumprir de pessoas a serem presas pelos guardas em determinado prazo.<sup>305</sup>

A escolha do título também defende que a atividade industrial do país estava focada menos no bem-estar do proletariado que em aumentar o número de presos. Quando internados nos campos, os indivíduos eram utilizados como mão de obra escrava e subalimentados, ou seja, forneciam a força bruta que mantinha a economia em funcionamento e pagavam, muitas vezes, com a vida. O aspecto mecânico do Estado é ressaltado quando Soljenítsin o apelida<sup>306</sup> de “máquina de picar carne”.<sup>307</sup> Percebe-se que Soljenítsin realiza paródia de ideias constantemente difundidas na URSS. Destaca-se que, não só com Stálin, a questão da industrialização era vista como principal tarefa da URSS. Nesse contexto, é importante notar que, para Mikhail Bakhtin, a paródia é um elemento importante do gênero romanesco. Para o teórico, a paródia é uma via de mão dupla, pois refere-se tanto ao objeto daquilo que se fala, como à palavra de outrem, sendo que ambos os aspectos da linguagem têm consciência um do outro. Ou seja, a linguagem do outro é apropriada, mas com objetivo e significado diferentes dos utilizados inicialmente, ou seja, há certo rebaixamento da dicção inicial. Ambas as vozes são colocadas juntas, mas estão em conflito.

Ainda sobre a ironia como recurso narrativo, destaca-se que Soljenítsin a utiliza no começo do primeiro capítulo, denominado “A detenção”. O narrador se refere ao conjunto de campos prisionais como um destino no qual o desembarque era frequente e constante, mas para o qual não eram vendidas passagens turísticas. Entre as primeiras palavras do Arquipélago, está uma pergunta retórica: “Como se chega a esse Arquipélago?”. Por meio deste recurso, Soljenítsin estabelece diálogo direto com o leitor e autor, tornando-os alvos de suas palavras. De toda forma, a força do contraste trazida pela insinuação turística faz com que a narrativa adquira tom sinistro, pois só chegavam ao Gulag os que haviam sido detidos.

O começo do livro também explicita que, para Soljenítsin, os sujeitos dos dramas a serem relatados não são apenas as pessoas que estiveram sob jugo do sistema correcional. “Aqueles que vão lá morrer, como você e eu, leitor, esses devem passar infalível e exclusivamente através da detenção”.<sup>308</sup> Não é surpreendente o uso da primeira pessoa do singular, pois as notas introdutórias haviam revelado se tratar um livro baseado, pelo menos em parte, na vivência do autor. A sugestão, porém, não é autobiográfica: ao introduzir o leitor no texto, Soljenítsin está reafirmando que a única maneira de

---

<sup>305</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 22; 80.

<sup>306</sup> Em russo, Soljenítsin utiliza o termo já consagrado мясорубка (miasorubka), que significa moedor de carne.

<sup>307</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 151.

<sup>308</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 15.

compreender tal história é sentindo-a. Quando uma pessoa, não importa onde e em qual época, é submetida a graus extremos de terror e indignidade, toda a humanidade sofre (ou deveria fazê-lo).

Segundo Edward J. Brown, outra característica do texto a ser levada em consideração é que “[...] a lógica do Gulag, assim como na Alemanha de Hitler, era a lógica de um homem insano, cujo procedimento básico era a literalização de metáforas”.<sup>309</sup> Tal fenômeno ocorre quando o autor relata o momento em que é conduzido à prisão, juntamente com outros oficiais. O primeiro capítulo se encerra com os personagens desnudos, com o traseiro para fora, em momento de defecação, que ali se tornou experiência pública e coletiva. “Esses foram os meus primeiros ares como prisioneiro”, afirma. Defensores da pátria até alguns instantes, os homens se viram transportados, literalmente, do *front* à merda. A quase bem-humorada referência ao fedor não era tanto uma crítica aos dejetos, mas ao ar dos tempos soviéticos.

A referência a dejetos é recorrente em toda a narrativa. O nome do segundo capítulo do livro, “História da nossa canalização” sugere um grande esgoto que, por meio das ondas de prisões, engolia não apenas cidadãos distraídos, mas também aqueles que ajudaram a instaurar o sistema. A crítica abre passagem para uma metáfora contundente: “Devorando os membros um após o outro, a partir da cauda, chega-se até a própria cabeça”.<sup>310</sup> No capítulo seguinte, “A instrução”, há descrição dos métodos de tortura usados pelo regime. A abordagem beira o naturalismo e visa a atordoar o leitor: Soljenítsin conta que muitas vezes os presos eram jogados em fossas a céu aberto, onde eram obrigados a permanecer e fazer as necessidades; ele também descreve que muitos oficiais urinavam no rosto dos detentos para conseguir confissões.

Ainda sobre o tema, é importante mencionar objeto que possui grande carga simbólica e imagética na crítica de Soljenítsin. Por meio dele, pode-se perceber o uso do contraste como argumento narrativo. Trata-se do balde-latrina, que também confere tom naturalista às grandiosas pretensões soviéticas:<sup>311</sup> “Tornou-se na literatura o símbolo [...] da humilhação, do fedor. Que leviandade! Acaso o balde-latrina constitui um mal para o preso? Pelo contrário, é a mais caritativa das invenções dos carcereiros. Todo o horror começa no preciso momento em que esse balde da cela deixa de existir”.<sup>312</sup> Soljenítsin explica que, em celas superlotadas, os presos tinham direito a usá-las apenas uma vez ao dia, o que não deixa de ser forma de tortura.

Ainda sobre a paródia, destaca-se que ela também foi concretizada por meio da utilização das palavras do inimigo como peça de acusação.<sup>313</sup> Neste contexto, surge a questão Lênin, pois a

---

<sup>309</sup> BROWN, **Russian Literature Since the Revolution**, 1982, p. 270.

<sup>310</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 62.

<sup>311</sup> LUCID, “Solzhenitsyn’s Rhetorical Revolution”, 1977, p. 501; 513.

<sup>312</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 513.

<sup>313</sup> VROON, “Literature as Litigation: Aleksandr Solzhenitsyn’s ‘The Gulag Archipelago’”, 1980, p. 231.

imagem do esgoto é referência direta ao bolchevique. No oitavo capítulo, Soljenítsin descreve frase do revolucionário sobre a *intelligentsia*, escrita em 1919: “Na realidade, *esse não é o cérebro da nação, mas sim o seu esgoto*”. Para Soljenítsin, a dura opinião de Lenin se devia ao fato dele julgar que o grupo era antioperário. De volta à referência, destaca-se que ela é esforço de desmascaramento daquele tido por muitos como uma figura mítica. Soljenítsin critica o culto ao leninismo e defende que os elementos fundadores do terror, a base ideológica que permitiu a ascensão de Stálin, já estavam presentes na atuação do bolchevique. Por exemplo, no nono capítulo, diz que o Código Penal, que entrou em vigor em junho de 1922, previa o fuzilamento em seis artigos e que o revolucionário foi o responsável por adicionar mais seis. Ou seja, quando Soljenítsin critica Lênin, é para combater a tese de que o terror stalinista foi resultado do culto à personalidade.<sup>314</sup> Por fim, é importante frisar que, até a prisão, Soljenítsin ainda se considerava leninista.<sup>315</sup>

No segundo capítulo, conforme aponta Francis Barker, Soljenítsin cita categorias de pessoas que poderiam ter sido presas, de acordo com uma citação do bolchevique usada fora de contexto. Trata-se de momento em que o relato sobre a violência soviética é parcial e em que as lacunas narrativas são preenchidas pela criatividade do autor.<sup>316</sup> A citação é: “No artigo ‘Como organizar a emulação (de 7 e 10 de janeiro de 1918, V. I. Lênin proclamou como tarefa imediata, única e geral ‘a limpeza da terra russa de todos e quaisquer insetos nocivos’”.<sup>317</sup> Soljenítsin admite que seria impossível determinar quem eram os insetos, mas argumenta que o trecho defende a repressão sem julgamentos e uma “operação sanitária” no âmbito social.

Por fim, é importante ressaltar-se que o texto de Soljenítsin utiliza recurso geralmente associado às ciências sociais, o amplo uso de notas de rodapé. Segundo Jablonka, a referência indica o fato de que o historiador busca informações no mundo e não em si mesmo, além de conferir certa sensação de cientificidade. A nota também amplia a quantidade de vozes narrativas a participar do texto. Não é recurso favorito dos textos literários, pois corta a continuidade e parece introduzir uma verdade “externa” que fere a autonomia do literário.<sup>318</sup>

---

<sup>314</sup> VROON, “Literature as Litigation: Aleksandr Solzhenitsyn’s ‘The Gulag Archipelago’”, 1980, p. 234.

<sup>315</sup> ROGGER, “Twentieth-Century Russia in the Mirror of Solzhenitsyn’s fiction”, 1976, p. 39.

<sup>316</sup> BARKER, “The Gulag Archipelago: History Betrayed II”, 1975, p. 206.

<sup>317</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 38.

<sup>318</sup> JABLONKA, **La historia es una literatura contemporánea**, 2016, pp. 273-278.

### 3.3. ELEMENTOS DE PERSUASÃO<sup>319</sup>

Há momentos do *Arquipélago Gulag* em que Soljenítsin demonstra arrependimento em relação a certas atitudes.<sup>320</sup> Descreve que, no passado, se deixou levar pela vaidade ao alcançar posição de destaque no exército: distribuiu ordens sem remorso e colocou soldados em perigo. Também conta que foi chamado para trabalhar na NKVD, e que recusou, mas que se houvessem insistido, ele provavelmente o teria feito.<sup>321</sup> Segundo Vroon, o narrador admite falhas morais e intelectuais para gerar um tom de modéstia, artimanha para que o leitor confie nele. Afirma que os pecados do público (passividade e silêncio diante da violência do Estado soviético) são compartilhados por ele.<sup>322</sup> Nesse contexto, afirma que o livro não é uma denúncia política, mas autorreflexão sobre o carrasco potencial que existe dentro de cada ser humano, ele incluso.<sup>323</sup> Trecho em que essa característica se manifesta encontra-se no segundo capítulo da segunda parte, denominado “Os portos do Arquipélago”. Quando, no campo de trânsito, um gatuno lhe rouba a comida, Soljenítsin exige que o ladrão lhe conceda um bom lugar nos beliches (até então estivera deitado embaixo das tarimbas que faziam a vez de cama). O pedido é aceito pela máfia da prisão, mas para ele ganhar o direito de deitar com certo conforto, outro homem teve que perdê-lo, o que faz com que ele se sinta envergonhado: “Os presos cinzentos debaixo dos beliches, esses são irmãos meus, segundo o artigo 58-1-b, são prisioneiros. Não há muito que eu jurava interessar-me pelo destino deles? E agora empurro-os para debaixo dos beliches?”<sup>324</sup>

O texto apresenta técnicas do *skaz* (narração com fortes traços de oralidade) em um texto de não-ficção, ou seja, possui fortes traços de oralidade. Devido a esta característica, o escritor está inserido na tradição literária de Nikolai Leskóv<sup>325</sup>. Quer emular a oralidade por meio do uso frequente de marcas de pontuação, vários níveis de ênfase são utilizados (a exemplo de notas de rodapé que fornecem comentários adicionais em vez de fornecer referências para o que foi dito), tais como o uso frequente de itálico, uso de palavras em letras maiúsculas

---

<sup>319</sup> Ao aproximar as ciências sociais da eloquência antiga, Jablonka aponta que a ela deveria englobar três missões: provar, satisfazer, comover. Retoma Cícero para dizer que o *probare* “[...] passa pela persuasão, a força verbal. No século XXI, um historiador não procura convencer, mas sim demonstrar”. Para o historiador, estes objetivos permitiriam substituir uma história com inclinações literárias por uma história-literatura. JABLONKA, **La historia es una literatura contemporánea**, 2016, p. 322-3.

<sup>320</sup> GARRAD, “Things Left Unsaid: Solzhenitsyn’s ‘Gulag Archipelago’”, 1975, p. 248.

<sup>321</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 164; 166-7.

<sup>322</sup> VROON, “Literature as Litigation: Aleksandr Solzhenitsyn’s ‘The Gulag Archipelago’”, 1980, p. 227.

<sup>323</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 171.

<sup>324</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 520.

<sup>325</sup> BENJAMIN, Walter. “O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

(recurso nem sempre mantido na edição em inglês, por exemplo); informações em parênteses.<sup>326</sup> Vroon explica que outra maneira encontrada pelo autor para superar as barreiras da narrativa escrita é o uso da segunda pessoa do plural.<sup>327</sup>

Outro recurso utilizado, o uso constante da primeira pessoa do plural, também gera proximidade com o leitor e sugere presença simultânea tanto daquele que emite, como daquele que recebe a mensagem.<sup>328</sup> O leitor é arrastado para o centro da experiência. Grande parte do talento artística de Soljenítsin reside na capacidade de fazer o leitor vivenciar as situações narradas. Sobre este aspecto, Lucid Luellen explica:

A atenção aos pronomes pessoais adquire dolorosa intensidade no *Arquipélago Gulag*, pois “você” não é apenas direcionado ao leitor soviético contemporâneo, mas também é usado retoricamente para fundir o leitor e a vítima sendo descrita. O pronome “nós” emerge com força genuína ao unir o leitor e o escritor na responsabilidade mútua e na culpa compartilhada no compromisso moral; não é mais aceitável culpar “eles”.<sup>329</sup>

Outra função da primeira pessoa do plural é gerar uma impressão de que o descontentamento expresso por ele é comum a todas as pessoas envolvidas no jogo narrativo. Outra voz que também faz parte da arena é a do público. Porém, o leitor não-soviético, apesar de estar em maior número, não faz parte do “nós” do narrador. “O narrador-advogado está ciente da presença deles, e se volta para eles de tempos em tempos, geralmente para repreendê-los por sua ignorância e ingenuidade”.<sup>330</sup> O público soviético deve exercer papel de juiz (e cúmplice) no “juízo” em questão, ou seja, sobre quão terrível é o Estado soviético.<sup>331</sup>

Soljenítsin se dirige especificamente a alguns indivíduos (membros do partido, escritores etc.).<sup>332</sup> Ele também narra diálogos interiores que poderiam ter acontecido e que ilustram a situação em jogo, simula conversas entre leitor e outras pessoas, coloca conselhos e recriminações na boca de pessoas mortas.<sup>333</sup> Um exemplo desse recurso é observado no décimo capítulo, quando o autor imagina possível conversa entre Bukhárin, que se acusou em prol do Partido, e Vichínski, cujo trabalho era conduzir os julgamentos farsescos: “— [...] Não é verdade que isso *poderia ter*

<sup>326</sup> VROON, “Literature as Litigation: Aleksandr Solzhenitsyn’s ‘The Gulag Archipelago’”, 1980, p. 222-3.

<sup>327</sup> VROON, “Literature as Litigation: Aleksandr Solzhenitsyn’s ‘The Gulag Archipelago’”, 1980, p. 224.

<sup>328</sup> Soljenítsin não é pioneiro ao inserir o leitor na narrativa. Aleksandr Púchkin, um dos fundadores da literatura russa moderna, se valeu do recurso em *Evguêni Oniêguin* (capítulo 1, II): “Oniêguin, o meu bom amigo, nasceu nas margens do Nievá, onde, talvez, você tenha nascido ou brilhado, caro leitor...”. Conforme a tradução publicada em: SCHNAIDERMAN, Boris. **Os escombros e o mito**: a cultura e o fim da União Soviética. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

<sup>329</sup> LUCID, “Solzhenitsyn’s Rhetorical Revolution”, 1977, p. 514.

<sup>330</sup> VROON, “Literature as Litigation: Aleksandr Solzhenitsyn’s ‘The Gulag Archipelago’”, 1980, p. 235.

<sup>331</sup> VROON, “Literature as Litigation: Aleksandr Solzhenitsyn’s ‘The Gulag Archipelago’”, 1980, p. 226; 236.

<sup>332</sup> VROON, “Literature as Litigation: Aleksandr Solzhenitsyn’s ‘The Gulag Archipelago’”, 1980, p. 225.

<sup>333</sup> VROON, “Literature as Litigation: Aleksandr Solzhenitsyn’s ‘The Gulag Archipelago’”, 1980, p. 225.

*ocorrido?* — Poderia... — Assim, é necessário reconhecer o possível como real, e nada mais. Uma pequena translação filosófica. Estamos de acordo?... Sim, como não”.<sup>334</sup>

Outro elemento narrativo do texto é a ambição enciclopédica e a infinidade de detalhes apresentados.<sup>335</sup> Essa pretensão faz com que em alguns momentos o texto acabe repetindo detalhes já apresentados antes. Em alguns momentos, a repetição é recurso utilizado para dar a impressão de que Soljenítsin tem mais provas contra o regime soviético do que realmente tem. Conforme aponta o pesquisador Francis Barker, a lista de atos punidos pela repressão soviética também está presente na seção que analisa o Código Penal.<sup>336</sup> Em outros momentos, o recurso é utilizado como estratégia persuasiva. No capítulo décimo quinto, em um dos momentos em que trata de situação abordada, defende-se: “Não sou eu que me repito, é o Gulag”.<sup>337</sup>

O relato de Soljenítsin sobre as detenções indica um método, segundo Francis Barker: “Uma declaração inicial — ‘detenções variam amplamente na forma’ — é seguida por uma série de anedotas [...] A progressão é de uma declaração incontestável, até uma anedota que distrai, para conclusões históricas que estão longe do reino da verdade absoluta que Soljenítsin insiste que o resto dos homens deveria habitar”.<sup>338</sup> Sobre o assunto, Barker afirma ainda: “A anedota, geralmente vigorosa, algumas vezes hilariante, e sempre tocante, é a unidade básica da narrativa de Soljenítsin e possui uma função precisa; ela forma a base e ajuda a obscurecer o status assertivo de observações generalizantes sobre a história soviética”.<sup>339</sup>

Outro aspecto relevante da descrição soviética fornecido por Soljenítsin é o fato de que o narrador demonstra bastante consciência em relação aos limites e possibilidades da narrativa. No primeiro capítulo da segunda parte, ele insere um testemunho sem aspas, para dar causar estranhamento e dar a impressão de que os dados diziam respeito a ele: “Como preso político fui levado ao presídio com relativo conforto: durante as paradas utilizei um compartimento diferente dos presos comuns, dispunha de uma carroça, e na carroça levava uma bagagem de mais de uma arroba”.<sup>340</sup> Logo a seguir, revela que a informação é de um terceiro e que o trecho foi inserido sem aspas. A revelação é feita com alteração na forma do texto, com recuo na posição do parágrafo, para destacá-lo dos demais. “... No último parágrafo não utilizei aspas

---

<sup>334</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 403.

<sup>335</sup> Outros escritores que utilizaram a riqueza de detalhes como forma de obter um efeito realista e que produziram obras de tom enciclopédicos foram Tchernichévski, Tolstói e Púchkin. BROWN, Edward J. “So Much Depends... Russian Critics in Search of ‘Reality’”. **The Russian Review**, vol. 48, n° 4, 1989. p. 376-378.

<sup>336</sup> BARKER, “The Gulag Archipelago: History Betrayed I”, 1975, p. 155-6.

<sup>337</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 512.

<sup>338</sup> BARKER, “The Gulag Archipelago: History Betrayed I”, 1975, p. 155.

<sup>339</sup> BARKER, “The Gulag Archipelago: History Betrayed I”, 1975, p. 155.

<sup>340</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 475.

para que o leitor possa compenetrar-se melhor. Na verdade, as aspas constituem sempre ou uma forma de ironia ou distanciamento. Mas sem as aspas o parágrafo soa como um tom tanto estranho, não é?”. A disparidade se dá pelo fato de a experiência narrada ser consideravelmente mais branda que aquelas narradas pelo resto do livro. Por fim, revela que as palavras são de um preso do século XIX, da época em que a diferenciação entre presos políticos e comuns era clara e respeitada. Soljenítsin chama particular atenção para a citação para demonstrar o quão distante a URSS estava, na opinião dele, da Rússia Imperial: “Diferenciar os políticos dos comuns, isso significa respeitá-los como opositores iguais, significa reconhecer que as pessoas podem ter pontos de vista próprios. Assim, o preso político tem a sensação da sua liberdade política!”.<sup>341</sup>

### 3.4. A QUESTÃO ROMANESCA

No estudo “Epos e romance”<sup>342</sup>, Mikhail Bakhtin explica que o romance é um gênero relativamente jovem, o único oriundo da modernidade. Trata-se de uma forma artística que já nasceu pronta para a apreciação silenciosa, ou seja, para ser apreciada por meio da leitura individual. Devido a sua relativa juventude, um “modelo” romanesco ainda não está completamente delimitado, o que faz com que ele seja marcado pela plasticidade e pela evolução constante. Bakhtin explica que, na história da literatura, a paródia de formas elevadas ou de modelos dominantes ao longo dos séculos (romance de cavalaria, barrocos, pastorais etc.) foi essencial para o surgimento do gênero romance. É por isso que o modo de expressão romanesco lida permanentemente com a questão do seu próprio *modus operandi* e de outras realizações artísticas anteriores ou contemporâneas a ele. Devido a esta idiosincrasia, Bakhtin considera o romance um gênero autoconsciente, aspecto essencial, pois de tanto pensar em si em possibilidades vizinhas, o romance acaba por influenciá-las. Segundo Bakhtin, o gênero tem forte poder de “romancização” em relação a outros modos de realização literárias:

Eles que se tornam mais livres e mais soltos, sua linguagem se renova por conta do plurilinguismo extraliterário e por conta dos extratos romanescos da língua literária; eles dialogizam-se e, ainda mais, são largamente penetrados pelo riso, pela ironia, pelo humor, pelos elementos de autoparodização; finalmente — e isto é o mais importante —, o romance introduz uma problemática, um inacabamento semântico específico e

---

<sup>341</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 476.

<sup>342</sup> O referido texto é apenas uma parte da teoria do gênero romanesco produzida por Mikhail Bakhtin. Este trabalho se apoiou no referido estudo pelo fato dele concentrar considerações essenciais do autor sobre a questão. Para mais informações, ver: BAKHTIN, M. **Teoria do romance I: A estilística**. São Paulo: Editora 34, 2015.

o contato vivo com o inacabado semântico específico e o contato vivo com o inacabado, com a sua época que está se fazendo (o presente ainda não acabado).<sup>343</sup>

Percebe-se que as principais consequências da aproximação de outras formas de expressão com o romance apontadas pelo teórico — a presença do riso, da ironia, da paródia, conforme apontados nos itens anteriores — estão presentes no *Arquipélago*. A narrativa de Soljenítsin denuncia um passado que não passou, clama por um futuro de superação do terror e, por isso, está fortemente marcada por um componente de inacabamento. Tais elementos já apontam para uma proximidade com o gênero romanesco. Uma vantagem narrativa dessa influência diz respeito ao fato de que, por ser um modelo literário em formação, o romance não está engessado, o que permite que ele lide de forma mais imediata e próxima com as questões da atualidade. Outro fator a ser considerado nessa adjacência diz respeito ao fato de que Soljenítsin era um intelectual que bebeu da rica fonte de romancistas russos do século XIX: Tolstói, Dostoiévski e Lérmontov são alguns dos nomes com os quais ele dialoga ao longo do texto.

Bakhtin associa o romance à ideia de atualização, questão importante para Soljenítsin, que desejava um futuro no qual os pecados soviéticos fossem confessados, expiados e sepultados. Para o teórico, o romance é contrário à estagnação e sensível às mudanças do mundo, estéticas ou não: “O romance tornou-se o principal personagem do drama da evolução literária na era moderna principalmente porque, melhor que todos, é ele que expressa as tendências evolutivas do novo mundo, ele é, por isso, o único gênero nascido naquele mundo e em tudo semelhante a ele”.<sup>344</sup> Trata-se, portanto, de forma de expressão dotada de vivacidade e capacidade de luta.

Uma característica apontada por Bakhtin para este gênero que não se presta a muitas generalizações diz respeito a ausência de heroísmo dos personagens. O homem romanesco não é apresentado de modo elevado, ao contrário do que ocorre na epopeia e na tragédia, por exemplo; ele possui características variadas e ambíguas. Conforme mencionado anteriormente, o tratamento conferido a Stálin se aproxima, em vários momentos, ao de um personagem de romance, seja por certa ambiguidade de caráter sugerida pelo texto, seja pelo fato de Soljenítsin abordá-lo de forma não-conclusiva. No primeiro volume do *Arquipélago*, Soljenítsin não oferece veredito final sobre o que prevalece, para ele, a “malvadez” do “bandido” Stálin ou se ele é mero “executor fiel e cego das leis do desenvolvimento histórico”.<sup>345</sup> Sobre este aspecto é importante ressaltar que nem mesmo os detentos do gulag recebem tratamento elevado: as mortes e o

---

<sup>343</sup> BAKHTIN, “Epos e romance”, 2010, p. 400. Destaca-se que em tradução direta do russo feita por Paulo Bezerra, o termo utilizado para pensar a teoria bakhtiniana do romance é ‘heterodiscurso’ e não mais ‘plurilinguismo’. Ver: BAKHTIN, M. **Teoria do romance I: A estilística**. São Paulo: Editora 34, 2015.

<sup>344</sup> BAKHTIN, “Epos e romance”, 2010, p. 400.

<sup>345</sup> SOLJENÍTSIN, **Arquipélago Gulag**, vol. 1, 1976, p. 194; 221; 78.

sofrimento ao quais são submetidos nos campos de trabalho forçado não são apresentados como desembocar de um destino heroico (no décimo primeiro capítulo, afirma que a morte de todos os fuzilados foi “em vão”), mas como consequência de um cotidiano absurdo; são mortes gratuitas. Ainda sobre a questão dos sujeitos romanescos, Bakhtin descreve: “O personagem deve ser apresentado não como algo acabado e imutável, mas como alguém que evolui, que se transforma, alguém que é educado pela vida”. O tratamento que Soljenítsin confere a si mesmo enquanto crítico do regime soviético pode ser avaliado sobre este ponto de vista, pois, quando chegou à primeira cela, em 1945, o escritor ainda considerava que “... a nossa Revolução era magnífica e justa e que apenas tinha sido horrível a sua deformação em 1929”.<sup>346</sup> Ao longo de todo livro, é possível perceber que o escritor havia mudado de opinião e que julgava a revolução como motivadora de todo caos e virulência subsequentes. Por ter protagonizado uma mudança de opinião e de ponto de vista, ele valoriza a experiência pessoal.

Ainda sobre as considerações de Bakhtin, é possível considerar que só pelo fato de não ser construído sobre a égide do distanciamento, de não tratar de assuntos relacionados a um passado ancestral e se dirigir a um público atual sem perder de vista um “porvir”, o texto já se aproxima do mundo romanesco. Ao lidar sobre os aspectos que separam o épico do romance, por exemplo, Bakhtin discorre: “Representar um evento em um único nível axiológico e temporal com o seu próprio e com o dos seus contemporâneos (e por conseguinte, na base de uma experiência pessoal ou de ficção) — significa fazer uma mudança radical, passar do mundo épico para o romanesco”.<sup>347</sup> O *Arquipélago* fala sobre um homem que foi preso e a partir da vivência do gulag, aprendeu muita coisa sobre o mundo, o ser humano e sobre si mesmo, traços que também aproximam o seu relato de traços essenciais do romance, segundo Bakhtin: “A experiência, o conhecimento e a prática (o futuro)”.<sup>348</sup> No quarto capítulo, Soljenítsin apresenta perspectiva do ser humano que engloba o inacabamento e que acolhe as inúmeras mudanças da vida: “Uma mesma pessoa nas suas diferentes idades e em diferentes idades e em diferentes situações da vida constitui um ser completamente distinto. Ora próxima do diabo, ora próxima de um santo. Mas o nome não muda, e é a ela que tudo é atribuído”.<sup>349</sup>

Bakhtin defende que o romance moderno é descendente direto de dois gêneros da Antiguidade, a sátira menipeia e o diálogo socrático, modelos marcados pelo uso de elementos autobiográficos. As características elencadas pelo crítico a respeito dessas formas de expressão se

---

<sup>346</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 221.

<sup>347</sup> BAKHTIN, “Epos e romance”, 2010, p. 406.

<sup>348</sup> BAKHTIN, “Epos e romance”, 2010, p. 407.

<sup>349</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 171.

assemelham a características verificadas no *Arquipélago*. O diálogo socrático é forma literária próxima da memória, que conta com informações e lembranças de interlocuções com pessoas contemporâneas. Tem como foco uma pessoa que “fala e conversa”, ou seja, utiliza a linguagem coloquial e do povo e, na prática, acaba por apresentar mistura de estilos. “É a combinação do cômico, da ironia socrática e de todos os sistemas de rebaixamento socráticos, com uma investigação séria, elevada e pela primeira vez livre do mundo, do homem e do pensamento”.<sup>350</sup> Essa combinação de elementos pode ser encontrada no texto de Soljenítsin. No que diz respeito à sátira menipeia, Bakhtin destaca que ela era construída a partir de uma visão paródica da realidade, do esforço constante de desmascaramento e da mistura de diversos estilos. Nesse gênero, “[...] os atuantes das diversas épocas do passado histórico (por exemplo, Alexandre o Grande) e os contemporâneos vivos colocam-se frente a frente para, de maneira familiar, para conversar, e até mesmo para brigar”.<sup>351</sup> Destaca-se que Soljenítsin simulou diálogos prováveis e impossível no texto do *Arquipélago* (como aquele entre Vichínski e Bukhárin citado no item anterior).

A narrativa do *Arquipélago* apresenta uma contradição notável. Se a representação do humano por Soljenítsin é marcada por ambiguidades, a denúncia política é feita a partir de um posicionamento perfeitamente fechado. Por exemplo: se para o autor o coração humano é dotado de certa permeabilidade (“[...] a linha que separa o bem do mal atravessa o coração de cada pessoa”<sup>352</sup>), ou seja, pode desenvolver aspectos positivos ou negativos dependendo das circunstâncias, o mesmo não parece ser possível para as decisões e encaminhamentos oficiais do regime soviético. Nesse sentido, é importante destacar que o aspecto criminoso do aparelho soviético é questão perfeita e completamente resolvida para Soljenítsin: o regime é mau e culpado de um sem número de atrocidades. Soljenítsin não considera outras possibilidades menos categóricas, não convida a reavaliações ou reinterpretações do comunismo, apenas a adesões ao seu ponto de vista condenatório — no *Arquipélago* não há espaço para relativização da “maldade do regime soviético”.

As contradições não excluem a narrativa do universo romanesco, muito pelo contrário. O fato de Soljenítsin ter adotado um tom didático, humanista ou mesmo semirreligioso na narrativa faz com que ela se insira diretamente em uma das possibilidades bakhtinianas do gênero romanesco:

[...] o romance se utilizou larga e substancialmente das cartas, dos diários, das confissões, dos métodos da nova retórica judicial etc. Construído na zona de contato com um evento da atualidade inacabada o romance frequentemente ultrapassou as

<sup>350</sup> BAKHTIN, “Epos e romance”, 2010, p. 415.

<sup>351</sup> BAKHTIN, “Epos e romance”, 2010, p. 415.

<sup>352</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 171.

fronteiras da arte literária específica, transformando-se então ora num sermão moralizador, ora num tratado filosófico, ora em verdadeira diatribe política, ora em algo que se degenera numa obscura confissão íntima, primária, em “grito da alma”, etc.<sup>353</sup>

Destaca-se que o discurso filosófico no gênero romanesco não deve ser lido como pura filosofia, é apresentado de modo mais livre, e nesse espectro amplificado é possível incluir as considerações de Soljenítsin sobre o mundo. Por exemplo, no último capítulo, o escritor faz um balanço dos aprendizados do gulag e revela o que ele considera o segredo essencial da vida: “Não temam a desdita nem anseiem pela felicidade, pois ambas as atitudes vêm a ser o mesmo. A amargura não se prolonga eternamente, e a medida do prazer nunca se completa. Alegrem-se se não tremem de frio, se as garras da fome e da sede não dilaceram suas entranhas”.<sup>354</sup> Ressalta-se que o tom didático e moralizante é adotado pelo autor em toda a narrativa, o que não o distancia do romance pois, segundo Bakhtin, o homem deste gênero tende a ser um ideólogo. Ou seja, cada ideia tem relação íntima com a pessoa que a assimila e a transmite.

Por fim, uma das características mais importantes do gênero romanesco diz respeito a sua relação com o que ainda está para acontecer: “[...] o romance quer profetizar os fatos, predizer e influenciar o futuro real, o futuro do autor e dos leitores”.<sup>355</sup> Nesse sentido, destaca-se que Soljenítsin escreve o *Arquipélago* justamente porque acredita na possibilidade, mesmo que ínfima, de interferir no futuro soviético. Ao longo da narrativa, ele deixa bem claro que tudo ao redor dele aponta para a probabilidade de que a nação persistiria no rumo da catástrofe, mas nem por isso ele se deixa abater pelo niilismo completo. A concepção do autor diante dos encaminhamentos históricos parece ser a de que muita coisa está decidida, mas que há margem para intervenções. Soljenítsin parece acreditar em um aspecto poroso do desenvolvimento histórico e na possibilidade de influenciar os rumos dos acontecimentos por meio da revelação da verdade. Se o romance, para Bakhtin, é aquele “onde a última palavra ainda não foi dita”, é possível perceber porque a narrativa de Soljenítsin bebeu de forma tão sedenta do universo romanesco: Soljenítsin acreditava que as palavras que realmente importavam sobre o regime soviético ainda não haviam chegado à superfície. “[...] o que sucederá no nosso país quando a verdade se precipitar em torrentes? / E há de precipitar-se inevitavelmente”.<sup>356</sup> Soljenítsin acreditava plenamente na potência transformadora da narrativa, conforme será analisado a seguir.

---

<sup>353</sup> BAKHTIN, “Epos e romance”, 2010, p. 422.

<sup>354</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 558.

<sup>355</sup> BAKHTIN, M. “Epos e romance”, 2010, p. 420.

<sup>356</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 291.

### 3.5. DIANTE DO INFERNO

*Manuscritos não ardem.*

Mikhail Bulgákov, *O Mestre e Margarida*

No primeiro capítulo, Soljenítsin menciona alguns detalhes da própria detenção. Descreve alguns lugares por onde passou com os guardas e ressalta o fato de que poderia ter gritado alguma palavra de protesto aos passantes no caminho, mas não o fez. Afirma que o motivo do silêncio foi que ele percebeu que denunciar a arbitrariedade da própria prisão para algumas pessoas não causaria nenhum tipo de mudança estrutural. “Mas eu, eu guardo silêncio ainda por outro motivo: porque esses moscovitas que cobrem as duas escadas rolantes são poucos para mim — *poucos!* O meu clamor seria ali ouvido por umas duzentas ou quatrocentas pessoas — e os restantes duzentos milhões?”<sup>357</sup>

Em *Arquipélago Gulag*, Soljenítsin realiza o propósito de denunciar a violência do regime soviético para todo o mundo. Desde o começo do livro, ainda enquanto narra os primeiros passos de sua travessia prisional, o autor deixa claro que o livro não traz boas notícias e que as águas do *Arquipélago* desembocam no pior lugar possível: “Por enquanto, não abro a boca e escada rolante arrasta-me irremediavelmente para o inferno”.<sup>358</sup> É importante destacar a metáfora abismal pois, através dela, é possível localizar Soljenítsin como uma importante voz de seu tempo. No artigo “The God of Tolstoy, Dostoyevsky and Solzhenitsyn”, o estudioso Mark Patrick Hederman destaca “[...] o envolvimento quase acidental de um grande escritor em três das mais pungentes realizações do nosso inferno do século XX: guerra, câncer e os campos de concentração”.<sup>359</sup>

A metáfora abismal parece se concretizar no último capítulo, quando a narrativa menciona que muitos presos eram transportados de um campo a outro por meio de botes, que iam de “ilha em ilha”: “É a forma de transporte menos opressiva, parece quase uma viagem comum, mas poucos desfrutam dela”.<sup>360</sup> É perfeitamente compreensível o motivo de ser um trajeto pouco tranquilo, pois o leitor já sabe como Soljenítsin se sentiu quando estava na mesma situação. É possível, portanto, fazer paralelo com a barca de Caronte, que levava as almas para o inferno.

---

<sup>357</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 28.

<sup>358</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 28.

<sup>359</sup> HEDERMAN, Mark. “The God of Tolstoy, Dostoyevsky and Solzhenitsyn”. *The Crane Bag*, vol. 7, n° 1, 1983, p. 71.

<sup>360</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 555.

Nesta alegoria, Soljenítsin faz o papel de Virgílio, pega o leitor pela mão e o conduz através do inferno. Abatido pelo conteúdo e envolvido pela forma do *Arquipélago*, o leitor é deixado, no fim do primeiro volume, no portão do Gulag. O autor avisa que não há nada de bom, nem para o leitor, nem para os detentos, nos próximos capítulos da saga abismal: “E a última esperança do homem, de que as coisas ficarão mais suaves e de que no campo será melhor, mesmo essa esperança resulta vã. / No campo, será pior”.<sup>361</sup> Não por acaso, a advertência remete ao aviso que antecede o tártaro Dantesco, onde pode-se ler: “Deixai toda esperança, ó vós que entrais”.<sup>362</sup> A comparação com a *Divina Comédia* não é fortuita. Sobre a referência, Edward J. Brown discorre: “Como Dante — ele mesmo convida à comparação — ele acomoda no seu inferno inimigos políticos imediatos, cujas doutrinas ele abomina, juntamente com poetas e filósofos que refletem sobre o mundo e o universo”.<sup>363</sup> Segundo o pesquisador, os dois primeiros volumes narram a descida até o Arquipélago e o terceiro se aprofunda na luta para sair dele<sup>364</sup>. Portanto, há catábase, ou descida aos infernos<sup>365</sup> e ela em breve se realizará, mas por enquanto o autor chama atenção para o fato de que, ao descer às trevas, de onde o regresso é improvável, a única chance de salvação é narrativa.<sup>366</sup> Contar o que viu é a missão autoimposta da vida de Soljenítsin.

Nesse sentido, destaca-se que, devido a monumentalidade da missão, ou seja, a tentativa de descrever um período tão vasto de terror não poderia escapar de alcançar proporções épicas. Outra proximidade com o universo épico identificada pelo pesquisador diz respeito dele fazer referência a elementos e temas encontrados na *Odisseia* e na *Divina Comédia*, como por exemplo a ideia de travessia: “[...] mas em uma linha reversa de desenvolvimento daquela da viagem de Ulisses para casa ou da peregrinação de Dante pelo mundo para a graça, pois a odisseia de Soljenítsin leva apenas à degradação sempre renovada”.<sup>367</sup> Ainda segundo o pesquisador, no *Arquipélago Gulag*, o épico é atualizado pelas condições do século XX, o que o aproxima da comédia satânica, da *épopée noir*, um anti-épico. “O épico, seja aquele de Homero ou Dante, ambos os quais são referências claras para Soljenítsin, não é apenas uma narrativa elevada, é também o confronto do homem com seu Deus, ou em termos seculares,

---

<sup>361</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 554.

<sup>362</sup> ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. 15ª ed., São Paulo: editora 34, 2008.

<sup>363</sup> BROWN, *Russian Literature Since the Revolution*, 1982, p. 253.

<sup>364</sup> BROWN, *Russian Literature Since the Revolution*, 1982, p. 268.

<sup>365</sup> Esse tipo de jornada é objeto de brilhante análise em: SOUSA, Eudoro de. *Catábases*: Estudos sobre viagens aos infernos na antiguidade. São Paulo: Annablume Clássica, 2013.

<sup>366</sup> A associação entre a narrativa e sobrevivência é plenamente realizada no segundo volume de *Arquipélago Gulag*. Nos campos de trabalho, os detentos que contavam histórias e entretinham os outros colonos tinham mais chances de receber algum tipo de favor ou proteção da máfia local.

<sup>367</sup> MALIA, “A War on Two Fronts: Solzhenitsyn and the Gulag Archipelago”, 1977, p. 55.

com seu destino moral”.<sup>368</sup> Destaca-se que o *Arquipélago* é todo construído a partir da busca de valores absolutos no caos soviético: a política de Soljenítsin não diz respeito apenas à luta localizada pelo poder, mas envolve assuntos mais abrangentes, como a luta entre o bem e o mal.<sup>369</sup> Destaca-se que, de acordo com a análise deste trabalho, a partir das considerações de Bakhtin, a atualização de temas épicos aproxima o *Arquipélago* do universo romanesco.<sup>370</sup>

Por fim, sobre o destino de certas mensagens, destaca-se que, no texto, a atividade escrita frequentemente é apresentada como algo que precisa enfrentar inúmeras dificuldades para se realizar: manuscritos eram confiscados no momento da detenção, não havia papel disponível para os detentos etc. A mensagem é clara: escrever não é uma atividade livre e pacífica em um Estado controlador. Mesmo quando se conseguia empreender alguma escrita, ela precisava derrotar vários percalços para alcançar o leitor desejado. No décimo capítulo, Soljenítsin discorre sobre a tristeza infinita das cartas que enfrentavam uma verdadeira odisseia para serem lidas e que raramente conseguiam sair vitoriosas no processo:

Se for muito nervoso e tiver engenho, talvez você consiga resolver esse problema: encontrará alguém com uma ponta de lápis — um centímetro basta — e outra pessoa com um resto de papel amarrotado. Tomando cuidado para não ser notado pela escolta (é proibido deitar-se com os pés para o corredor, devendo-se virar a cabeça para a porta), contorcendo-se e dando voltas, entre os balanços do comboio, é possível escrever aos familiares, informando-os de que inesperadamente o transferiram do antigo lugar, e que agora, do novo destino, só é possível enviar uma carta por ano, devendo eles preparar-se para isso. A carta, dobrada em forma de triângulo, é preciso carregá-la sempre que for à latrina: pode ser que o levem lá justamente ao se aproximarem de uma estação ou ao se afastarem de outra. Se a escolta se distrair na plataforma, então calque rapidamente o pedal para que se abra o orifício e, encobrindo-a com o corpo, lance a missiva. Poderá se molhar, se sujar, mas talvez ela deslize e caia entre os trilhos. Ou talvez o ar debaixo das rodas a faça dar voltas, a envolva no torvelinho e passe sob as rodas, por entre elas, descendo pela pendente da via férrea. Pode ser que fique assim à chuva e à neve, até que desapareça. Mas pode também ser que a mão de uma pessoa a levante. Se essa pessoa não for fiel à ideologia, tornará o destinatário legível, reescreverá as letras, ou porá o papel noutro envelope,

---

<sup>368</sup> MALIA, “A War on Two Fronts: Solzhenitsyn and the Gulag Archipelago.”, 1977, p. 52.

<sup>369</sup> MALIA, “A War on Two Fronts: Solzhenitsyn and the Gulag Archipelago.”, 1977, p. 49-50.

<sup>370</sup> A imagem do inferno dantesco também passa por outra atualização neste trabalho, a partir da epígrafe de Italo Calvino. O inferno do escritor ítalo-cubano diz respeito aos vivos e consiste no “inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos”. A escolha não foi fortuita, pois a narrativa de Calvino parece fornecer chaves de leitura para as *Cidades invisíveis* de Soljenítsin: os campos como lugares fantasmagóricos, dos quais não se admitia a existência, mas que de alguma forma determinavam o cotidiano da “liberdade”. Nesse sentido, destaca-se que a abordagem geográfica das ilhas do arquipélago como possíveis cidades invisíveis ocorre no décimo terceiro capítulo: “As milhares de ilhas do enfeitado arquipélago espalham-se do estreito de Bering até o Bósforo, ou quase. Elas são invisíveis mas existem, e é de modo invisível mas constante que se deve transportar, de ilha em ilha, escravos também invisíveis, embora tenham carne, volume, peso”. Os títulos da segunda parte também ressaltam o aspecto físico do arquipélago: um local concreto, com população, costumes e estruturas próprias: “Os navios do arquipélago”, “Os portos do arquipélago”, “Caravanas de escravos”, “De ilha em ilha”. A imagem insular deixa de ser uma metáfora e é plenamente consolidada, os campos formavam todo um país. CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

e, quem sabem chegará ao destino. Sim, por vezes essas cartas chegam, pagas pelo destinatário, sujas, deslavadas, amarrotadas, carregando uma definida amargura...<sup>371</sup>

A tragédia das cartas soviéticas fornece paralelo à vida do autor. Soljenítsin sobreviveu, atravessou o inferno e chegou em farrapos do outro lado para contar o que viu. O que guia a travessia é o propósito de reconstituição histórica e o de lutar por um futuro que tenha superado a catástrofe soviética.<sup>372</sup>

### 3.6. ENTRE ILHAS

A multiplicidade de elementos narrativos do *Arquipélago* está demonstrada. Portanto, é preciso enfrentar a impossível tarefa de uma classificação, ou pelo menos apresentar uma hipótese que seja a mais satisfatória possível. Para fazê-lo, é preciso resgatar algumas afirmações de Soljenítsin sobre o próprio texto. Primeiramente, a classificação oferecida no subtítulo da narrativa: “experimento de investigação literária”. Percebe-se, desde o princípio, que Soljenítsin é um autor atento ao aspecto multifacetado de sua narrativa. Ao associar tal expressão ao livro, o escritor anuncia que utilizará métodos de expressão variados sem se comprometer exclusivamente com nenhum deles. A palavra “experimento” remete a certa liberdade de expressão, à tentativa de empreender algo e à incerteza de que a missão obterá exatamente o resultado esperado. O subtítulo utilizado pelo autor é uma espécie de passe livre para que ele navegue pelas águas da linguagem imaginativa e referencial sempre que julgar necessário para a argumentação.

Quanto ao aspecto de investigação, não é difícil percebê-lo. Em vários momentos durante a narrativa, o livro é chamado de pesquisa.<sup>373</sup> Segundo Jablonka, uma investigação “[...] permite circunscrever nossas lacunas com hipóteses com respaldo”.<sup>374</sup> O esforço de Soljenítsin para empreendê-la é óbvio: o autor realizou entrevistas, analisou fontes oficiais de Estado, dialogou com clássicos da literatura russa e mundial e refletiu sobre a “história dos nossos costumes, de onde procede tudo o que virá”.<sup>375</sup> O resultado do esforço é a apresentação de um levantamento monumental de informações do cotidiano e do aparelho burocrático soviético. Soljenítsin acaba por produzir um vasto arquivo de uma época e do modo de viver em uma nação comunista.

---

<sup>371</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 489.

<sup>372</sup> MALIA, “A War on Two Fronts: Solzhenitsyn and the Gulag Archipelago”, 1977, p. 47.

<sup>373</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 317.

<sup>374</sup> JABLONKA, *La historia es una literatura contemporánea*, 2016, p. 251.

<sup>375</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 317.

Para falar sobre que o *Arquipélago Gulag* possui de literário, é preciso, primeiramente, destacar, que o termo “literatura” é genérico e engloba aspectos variados, o que favorece a escrita de Soljenítsin. Como características dessa seara, destaca-se a ampla utilização de figuras de linguagem e da abordagem estética do texto, do peso do estilo narrativo. Nesse contexto, pode-se reforçar que o uso das metáforas e da ironia, por exemplo, tem a capacidade de preencher lacunas que a pesquisa empírica não possuía modos de tapar. Há que considerar também o aspecto sinestésico da leitura, pois diante do texto de Soljenítsin, o leitor não apenas se informa, é obrigado a sentir as experiências descritas.

Percebe-se que o subtítulo escolhido por Soljenítsin aponta para a coexistência de várias ilhas narrativas e que o título indica um todo formado pelas partes, bem como o “movimento perpétuo”<sup>376</sup> entre elas. Ou seja, desde as primeiras informações, Soljenítsin fornece problematizações formais relativas ao texto. Destaca-se que, neste trabalho, a autoconsciência de uma narrativa que está sempre pensando em si mesmo e nos próprios limites internos é característica associada ao gênero romanesco. A atualização e a flexibilização de modelos consagrados (história, memória, denúncia política etc.) também remetem às concepções romanescas de Mikhail Bakhtin. Portanto, percebe-se que, a princípio, a balança da análise pende para esta forma de expressão. Porém, antes de fazer qualquer escolha, deve-se considerar os outros dois grandes focos temáticos desta pesquisa.

Numa tentativa de enquadrar o *Arquipélago Gulag* como narrativa inserida no campo da história ou da memória, o primeiro fator a considerar é que Soljenítsin expressou negativas claras e diretas de que o livro fosse qualquer um dos dois. No livro, o escritor afirma: “Não ousou escrever a história do arquipélago: não me foi dado ler os documentos”; “este livro não será um livro de memórias pessoais”. Em um texto que promete a revelação de uma verdade escondida, tais declarações não devem ser desconsideradas, mas também não devem ser tomadas como leis, pois ao negar a assimilação completa desses modelos, o autor acaba por afirmar a proximidade do seu texto perante a eles. Apesar de não ser historiografia profissional, Soljenítsin empreende uma reconstrução da realidade a partir de vestígios e fontes. Mesmo sem garantia de que fosse ter acesso a material de pesquisa suficiente, o escritor constrói o relato a partir de uma pretensão de verdade. Destaca-se também que, ao escrever o *Arquipélago*, ele estava tentando preencher um vácuo de informações sobre os campos de trabalho forçado da URSS e esse esforço, somado ao fato de que o escritor cumpria função impossibilitada aos

---

<sup>376</sup> Título da segunda parte do primeiro volume de **Arquipélago Gulag**.

historiadores da época faz, sim, do livro uma história possível da União Soviética, apesar de não se tratar de historiográfica acadêmica. A prosa de Soljenítsin é um documento de seu tempo.

A partir do trecho sobre memória, Soljenítsin parece querer expressar que a sua intenção não é relembrar os tempos de prisioneiro do Gulag e sim denunciar toda uma estrutura política e social que engendrou as prisões em massa, ou seja, ele não se coloca em primeiro plano. Se tivesse optado por contar e relembrar apenas o próprio passado prisional, o autor não teria dado conta de explicar exatamente no que consistia o *Arquipélago* e a rede de campos de trabalho forçado. Nesse sentido, compreende-se que o foco do livro não são as recordações do ex-zek Aleksandr Soljenítsin. Porém, não há como ignorar que a base do *Arquipélago* é testemunhal e que cada anedota, antes de receber um tratamento estilístico por parte do autor, foi uma experiência que alguém viveu, lembrou e transmitiu para o investigador Soljenítsin. A escuta, aqui, tem papel político. Por este ângulo é possível considerar que o autor realiza um impressionante trabalho de síntese que permite apontar o livro como um estridente porta-voz da memória coletiva soviética.

Soljenítsin oferece ainda outra negativa sobre as idiosincrasias de seu texto: “Que feche aqui o livro o leitor que espera que ele continue sendo uma acusação política”. A declaração é feita para anunciar que a reflexão principal, ali, era sobre o fato de que “a linha que separa o bem do mal atravessa o coração de cada pessoa”. Nesse ponto da narrativa, é como se Soljenítsin limpasse as lentes dos óculos do leitor do *Arquipélago* e o obrigasse a ajeitar-se na poltrona se quisesse prosseguir com a leitura. O autor, que já havia oferecido reflexões sobre questões éticas ao escrever sobre o problema da responsabilidade diante do ato da detenção, quer deixar bem claro que tal problematização não é secundária na narrativa. Toda a tinta do texto de Soljenítsin desemboca em um problema principal: a revelação do verdadeiro sujeito daquela história. É revelado que o protagonista do *Arquipélago* — o torturador, o algoz de inocentes — não é o Estado soviético, mas cada ser humano. Específica e individualmente. Soljenítsin exige que cada leitor e cada pessoa reconheça a sua *responsabilidade* e culpa no horror. “E, perante a cova para a qual já nos dispúnhamos a empurrar os nossos opressores, detemo-nos aturdidos: sim, as coisas sucederam de tal forma que não fomos nós os carrascos, foram eles”.<sup>377</sup> Soljenítsin recorre a Sócrates e faz um apelo: “conhece-te a ti mesmo!”. A mensagem implícita é que sem esse conhecimento, sem a consciência da própria dualidade, sem coragem para protestar contra o mal todas as pessoas poderiam ter sido (e estão sujeitas a se

---

<sup>377</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 171.

tornar) agentes do terror. Destaca-se que, com a abordagem, Soljenítsin não relativiza os crimes do Estado Soviético, muito pelo contrário, eleva a sua denúncia aos patamares metafísicos.

Se fosse preciso apontar a forma de expressão mais afim ao texto de Soljenítsin, provavelmente esta seria o romance. O *Arquipélago* contém vários elementos elencados por Mikhail Bakhtin como caros ao gênero: a utilização do riso desmistificador, a paródia, a proximidade aos temas da atualidade, a representação de homens com destinos a resolver. O ato de a narrativa se localizar em uma zona de fronteiras e de ser dotada de autoconsciência também faz com que ela esteja mais próxima do romance que da memória e da historiografia. Porém, a escolha em aproximar o *Arquipélago* do gênero romanesco, neste trabalho, diz respeito principalmente ao fato de o texto ser uma construção que lida com o passado imediato e com o presente, mas tem o foco no que virá, ou no que Soljenítsin espera que não ocorra. Opta-se por destacar a ilha romanesca como a de maior poder de atração, pois o romance, segundo Bakhtin: “[...] marcha para o futuro e, quanto mais ativa e conscientemente ele vai adiante, para este futuro, tanto mais sensível e mais notável é o seu caráter de inacabado”. Soljenítsin escreve para lutar por um futuro (que ele considera) melhor; quer evitar a todo custo que a última palavra sobre a sua nação provenha do léxico soviético.

No quinto capítulo, Soljenítsin narra o caso do homem ao qual uma profecia indicou como o futuro imperador da Rússia e que foi preso por escrever um apelo ao povo russo, nos quais prometia maiores salários e o encerramento das fazendas coletivas. Ao refletir sobre a abordagem do caso e sobre as incidências éticas e discursivas dessa forma de expressão, o historiador Daniel Faria discorre:

A ideia de apelo, por si mesma, afirmava a crença em algo de humano escapando ao domínio de horror. Uma esperança de que, talvez, o conformismo das pessoas comuns diante da miséria pudesse ser interrompido, se ao menos elas dedicassem parte de seu tempo ao exercício da escuta. O apelo, portanto, como um chamado ético que nos vem do radicalmente outro, do submerso.<sup>378</sup>

No *Arquipélago*, Soljenítsin não faz promessas, não se coloca como uma figura política do futuro, mas o texto possui fortes características de apelo, principalmente devido ao compromisso com o futuro e pela exigência de uma escuta atenta, de um leitor que esteja disposto a encarar a verdade amarga.

Diante exposto, portanto, não se deve considerar o *Arquipélago* como um uma só forma expressão. Não é à toa que o livro remete não apenas a uma ilha, mas a uma infinidade delas: ele é muitas coisas, inclusive (e principalmente) aquilo que o autor nega. A narrativa de

---

<sup>378</sup> FARIA, Daniel. “O historiador e um humanismo possível para tempos sombrios”, 2006, p. 10

Soljenítsin é história e memória e acusação e romance. E por ser tudo ao mesmo tempo, é impossível que se possa ser localizado completamente em qualquer um desses territórios. Transita entre as ilhas como os barcos que levam os detentos ao gulag, porém, a trajetória é comandada por uma vontade autoral e não pelas arbitrariedades de um regime político. De toda forma, o elemento autoritário está presente nos dois movimentos, pois Soljenítsin utiliza conscientemente as características de diferentes modos de representação para atingir um objetivo específico: persuadir o leitor da perversidade do regime soviético.

Por fim, é importante localizar a escrita do autor como produtora de um sentido. Enquanto detento, Soljenítsin queria sobreviver para contar tudo o que viu, mas ao se colocar em posição autoral, seu papel não foi de “mero” cronista. Soljenítsin não apenas descreveu o mundo em volta, mas ofereceu interpretação muito particular sobre ele, ou seja, atuou na construção deste mundo. Ao escrever sobre a União Soviética, acabou por corroborar certa refração da vida comunista que foi bastante instrumentalizada pelo mundo ocidental. De todo modo, para o bem ou para o mal, Soljenítsin foi um verdadeiro obreiro da realidade e obteve sucesso na sua missão narrativa: não apenas conseguiu falar a mais de duzentos milhões, como conseguiu se fazer ouvir atentamente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*O inferno está vazio, todos os demônios estão aqui.*

William Shakespeare, *A tempestade*

*Ora, andava ali, passando no monte, uma grande manada de porcos; rogaram-lhe que lhes permitisse entrar naqueles. E Jesus o permitiu. Tendo os demônios saído do homem, entraram nos porcos, e a manada precipitou-se despenhadeiro abaixo, para dentro do lado, e se afogou. Os porquinhos, vendo o que acontecera, fugiram e foram anunciá-lo na cidade e pelos campos. Então saiu o povo para ver o que se passara, e foram ter com Jesus. De fato acharam o homem de quem saíram os demônios, vestido, em perfeito juízo, assentado aos pés de Jesus; e ficaram dominados pelo terror. E algumas pessoas que tinham presenciado os fatos contaram-lhes também como fora salvo o endemoninhado.*

Lucas, 8, 32-36

Em *Arquipélago Gulag*, Aleksandr Soljenítsin frequentemente faz algum tipo de comparação entre os regimes soviético e nazista. No quarto capítulo do primeiro volume, o autor ressalta que a Alemanha era mais avançada que a União Soviética pois, ao fim da Segunda Guerra Mundial, realizou julgamentos dos antigos oficiais nazistas, o que abria a possibilidade para que o país tivesse um futuro melhor que o passado, onde os antigos pecados políticos poderiam ser, de fato, deixados para trás. “Um país oitenta e seis mil vezes, do alto do estrado do tribunal, reprovou o crime (e o condenou irreversivelmente na literatura e entre a juventude) purifica-se ano após ano e de degrau em degrau desse mesmo crime”.<sup>379</sup> O mesmo movimento de exorcismo não ocorreu após a morte de Stálin, o que Soljenítsin lamenta profundamente: “*Por que é que a Alemanha precisou castigar seus malfeitores e a Rússia não precisa? Que caminho de perdição será o nosso, se não é possível purificar-nos desse mal que empeçonha o nosso corpo?*”. A resposta, diluída ao longo do texto, é que os culpados não foram julgados publicamente pois eles estavam presentes em todos os setores da sociedade soviética e poderiam ser encontrados aos montes em qualquer avenida.

Soljenítsin critica com veemência o fato de que os agentes do terror não haviam sido processados e encontravam-se em liberdade. Nesse motivo, o regime soviético, para ele, seria pior que o nazismo. Soljenítsin menciona a ausência de julgamento do terror como forma de alertar que o stalinismo não estava superado ou pior, que o problema não estava concentrado a um período, a um governante. O autor expõe uma condição estrutural a uma sociedade que evitava discutir o passado e que não queria encarar o presente em toda a complexidade, pois o enfrentamento revelaria uma infinidade de verdades incômodas. Destaca-se que, por meio da

---

<sup>379</sup> SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 178.

problematização, o autor antecipou algumas das questões que viriam à tona ao fim da União Soviética, em 1991. Prova disso é que um dos testemunhos transcritos por Svetlana Aleksiévitch no livro *O fim do homem soviético* parece responder diretamente às acusações feitas por Soljenítsin: “Por que não julgamos Stálin? Eu vou te responder... Para julgar Stálin, teríamos que julgar nossos parentes, nossos conhecidos”.<sup>380</sup>

A imagem do julgamento é importante para Soljenítsin e ocupa grande parte da narrativa, principalmente a partir da discussão dos processos mais famosos do regime soviético. Porém, a exigência de que a justiça fosse feita deve ser interpretada para além do direito e do das leis terrenas. Condenar e prender os agentes do terror, condená-los a se arrastar pelo chão de uma cela qualquer com o traseiro à mostra,<sup>381</sup> poderia até trazer satisfação aos que foram perseguidos, mas dado o tom espiritual da narrativa de Soljenítsin, tal castigo não parece ser suficiente. Principalmente se for levado em consideração que Soljenítsin ressalta, em diversas ocasiões, que as pessoas mais honradas da Rússia passaram pela prisão. Nesse sentido, faz todo sentido aderir à tese de Martin Malia, que defende que Soljenítsin buscava um julgamento que fosse mais amplo que Nuremberg no que diz respeito aos crimes soviéticos. O propósito do autor era, na verdade, compor um dossiê para um tribunal maior: aquele que realmente teria prerrogativa para julgar o regime, ou seja, o juízo final.<sup>382</sup> Outro pesquisador que aproxima o *Arquipélago Gulag* deste evento localizado para além do tempo é Edward J. Brown. Para o pesquisador, Soljenítsin paira sobre o inferno “como um adjunto do julgamento de Deus”.<sup>383</sup>

O que Soljenítsin realmente buscava, a partir da denúncia dos pecados soviéticos, era dar início a uma cruzada ética. O autor exigia que todas as pessoas refletissem sobre o papel que exerceram no terror (fosse como carrasco, de fato, ou como observador passivo) e que assumissem parte da responsabilidade pelas perseguições e pelas vidas ceifadas durante regime soviético. Nesse contexto, *Arquipélago Gulag* pode ser visto com um apelo para que os compatriotas se juntassem a ele em um processo de purificação e catarse, o que explica o uso constante do pronome “nós” no texto. Sobre o esforço, Hans Rogger reflete: “O Gulag é, portanto, primeiramente, história como exorcismo, exorcismo de todos os demônios não

---

<sup>380</sup> ALEKSIÉVITCH, *O fim do homem soviético*, 2016, p. 52.

<sup>381</sup> Em referência à prisão de Krilenko, o procurador que conduziu a maioria dos processos que Soljenítsin denuncia como farsescos no romance. O homem que mandou milhares de pessoas ao Gulag, foi devorado pelo sistema para o qual trabalhou e também acabou por ser preso. Em cena descrita no *Arquipélago*, o antigo homem todo-poderoso da justiça soviética se arrasta para conseguir um lugar para dormir sob as tarimbas, se entala e acaba com o traseiro à mostra. O autor admite que sentiu prazer ao ter conhecimento do episódio. SOLJENÍTSIN, *Arquipélago Gulag*, vol. 1, 1976, p. 381.

<sup>382</sup> MALIA, “A War on Two Fronts: Solzhenitsyn and the Gulag Archipelago.”, 1977, p. 53.

<sup>383</sup> BROWN, *Russian Literature Since the Revolution*, 1982, p. 269.

superados do passado soviético, que, até que eles tenham sido denominados e classificados, continuarão a corromper toda a vida nacional”.<sup>384</sup>

Pensar no *Arquipélago* como um apelo ao exorcismo e à purificação (nacional, individual, política etc.) é bastante elucidativo. O imperativo se torna claro não a partir de livre interpretação do texto, mas a partir de indicação direta do autor. É Soljenítsin quem fala que a Rússia soviética deveria se purificar do *mal que empeçonha o corpo*. Deve-se atentar para o fato de que a expressão sintetiza as principais questões e objetivos do texto: 1) refletir sobre o mal como algo originado em cada indivíduo; 2) apontar a ideologia como uma doença infecciosa que 3) contamina o corpo social e é, ao mesmo tempo, é sustentada por ele.

A expressão também é importantíssima, pois explicita a inclinação religiosa sugerida no texto. A partir dela, chega-se ao texto bíblico, mais especificamente à passagem do livro de Lucas transcrita na epígrafe desta seção, trecho que, não por acaso, abre a narrativa de *Os demônios*, narrativa oitocentista que a autora nunca perdeu de vista ao escrever esta dissertação, devido ao fato da proximidade temática com o *Arquipélago Gulag*. Fiódor Dostoiévski escreveu o romance a partir da intenção de polemizar com os movimentos revolucionários da década de 1860, movimento que havia bebido da fonte “contaminada” dos pensadores dos anos 1840, voltados para um humanismo secularizado e afastado de Deus. Destaca-se que Dostoiévski havia conhecido de perto os movimentos russos de esquerda, pois havia participado do grupo de Pietrachévski. Por causa da atividade política, foi condenado à morte — pena que foi comutada por trabalhos forçados na Sibéria. A experiência prisional foi a responsável por consolidar as concepções de vida do autor, que acabaram diluídas em muitos dos seus trabalhos ficcionais.

O impulso criador de *Os demônios* veio de um episódio ocorrido na Rússia em 1869, que indignou o escritor: o assassinato do estudante Ivan Ivánov pelos membros da célula política da qual havia feito parte e se retirou por discordâncias ideológicas. Porém, Dostoiévski vai além da mera descrição do episódio e desenvolve uma reflexão sobre as tendências históricas que ele identificou a partir da no episódio. A trama de Dostoiévski apresenta um grupo de revolucionários que são verdadeiros demônios: um grupo ateu cuja atuação política tem consequências nefastas e caóticas. Dostoiévski apresenta as concepções políticas secularizadas como ideais que invadiram a Rússia e fizeram com que ela se afastasse da sua identidade nacional, tal como o homem que foi possuído pelo espírito do mal na parábola bíblica. A ideia de possessão de ideias demoníacas também está implícita no poder de influência que um personagem possui em relação ao outro, sempre com consequências funestas.

---

<sup>384</sup> MALIA, “A War on Two Fronts: Solzhenitsyn and the Gulag Archipelago”, 1977, p. 52.

Por meio de um narrador-cronista, Dostoiévski narra um mundo em que o único caminho possível para as revoluções é o caos e a destruição, devido ao fato delas partirem de ideias e pessoas que negaram os valores espirituais e divinos. Uma das possibilidades de catástrofe identificada pelo autor está expressa no sistema utópico criado pelo personagem Chigáliov. O modelo baseava-se na exploração, por parte de dez por cento da população, da massa restante — que seria condenada a abandonar a os valores de individualidade. No Chigaliovismo, o destino das pessoas talentosas é o banimento ou a execução; todas as outras estariam condenadas à perda da personalidade: “No esquema dele cada membro da sociedade vigia o outro e é obrigado a delatar. Cada um pertence a todos, e todos a cada um. Todos são escravos e iguais na escravidão. Nos casos extremos se recorrerá à calúnia e a ao assassinato, mas o principal é a liberdade”. O resultado de tal regime é caótico e contraditório: “Partindo da liberdade ilimitada, chego ao despotismo ilimitado”.<sup>385</sup>

A partir do Chigaliovismo, muitos enxergaram antecipação de aspectos e características dos regimes totalitários do século XX, como o nazismo e o stalinismo. Nesse sentido, é possível perceber que o texto oitocentista dialoga diretamente com o *Arquipélago Gulag*. Muitos elementos denunciados por Soljenítsin a respeito da Rússia do século XX, já haviam sido aviltados por Dostoiévski no século passado: o terror revolucionário, a perseguição por divergências políticas. Tanto o texto mais antigo, como o mais recente denunciam que os sistemas políticos advindos de revoluções tendem a se deturpar e a entregar resultados completamente opostos àqueles que haviam sido imaginados originalmente.

Ambos os textos possibilitam reflexões interessantes sobre a temporalidade da arte. O caráter profético de *Os demônios* aponta para a habilidade do escritor oitocentista de captar tendências do presente russo para antecipar certos aspectos do futuro. O *Arquipélago*, por sua vez, pode ser visto como uma espécie de história da Rússia que conta com o futuro para purificar o passado. No primeiro, paira a ideia de profecia, no segundo, a de um apelo à redenção nacional, ambos ligados pela exigência de que houvesse algum tipo de exorcismo. No primeiro caso, o mal a se expulsar eram as ideias ocidentais que estavam afastando a Rússia de si mesma e conduzindo o país para a beira do abismo. No segundo, o inferno já estava plenamente constituído e para que a Rússia tivesse chance de se redimir do mal e construir um futuro livre do terror, era preciso admitir os pecados cometidos, julgá-los e empreender um verdadeiro processo de purificação.

---

<sup>385</sup> DOSTOIÉVSKI, F. **Os demônios**. São Paulo: editora 34, 2008, p. 407; 391.

São inúmeras as possibilidades de diálogo entre um livro e outro, inclusive a partir de uma perspectiva bakhtiniana da multiplicidade de vozes, da polifonia e do romance como um gênero que antecipa o futuro. Separados por um século, Soljenítsin e Dostoiévski promoveram uma abordagem ética da realidade russa e possuem muitas semelhanças. Muitas aproximações entre os dois foram feitas a partir de *Recordações da casa dos mortos* e as narrativas prisionais do autor do século XX, porém, este trabalho aponta para as inúmeras relações dialógicas entre *Os demônios* e o *Arquipélago Gulag*. Sobre esta intrigante relação literária, este trabalho não apresentará nenhuma conclusão, mas aponta para algumas indagações que não foram embarcados por esta pesquisa. Restam questionamentos sobre o ritual do exorcismo nacional como alerta e como possibilidade de redenção histórica e como possibilidade de compreender as concepções artísticas, sociais, políticas e espirituais dos dois autores. Persiste a dúvida se é possível afirmar que Dostoiévski realmente profetizou os horrores do século XX, sobre como o gênero romanesco atuou nesse processo e em que medida o *Arquipélago* pode ser percebido com resposta aos piores medos dostoiévskianos. Por fim, fica a intenção de mapear o inferno<sup>386</sup> como experiência topográfica, espiritual e espiritual a partir de Dostoiévski até narrativas russas do século XX que abordam situações de horror ou calamidade para além do *Arquipélago*, tais como: *Vozes de Tchernóbil*, de Svetlana Aleksievitch e *Contos de Kolimá*, de Varlam Chalámov, sempre por meio de uma perspectiva multidisciplinar entre a história e a literatura.

---

<sup>386</sup> Seja o inferno da descrença e do vazio espiritual, anunciado pelo romance **Os demônios**; ou o inferno como lugar insuficiente para julgar os piores crimes da humanidade, como castigo que vem tarde e que nada redime. Inferno do qual não há travessia possível para o Paraíso e que indica a total ausência de propósito da experiência humana, conforme sugerido em **Os irmãos Karamázov**. No romance, Ivan descreve o sofrimento de crianças como o maior sinal de que o mundo não faz sentido. A ofensa é tão terrível que castigar os malfeitores era um ato sem efeito. “Para que preciso de inferno para os carrascos, o que o inferno pode corrigir quando aquelas crianças já foram supliciadas?”. DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Os irmãos Karamázov**. São Paulo: editora 34, 2008, p. 339.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEKSIÉVITCH, S. **O fim do homem soviético**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- ALIGHIERI, D. **A Divina Comédia**. São Paulo: editora 34, 2008.
- APPLEBAUM, A. **Gulag**: uma história dos campos de prisioneiros soviéticos. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.
- \_\_\_\_\_. Prefácio. In: SOLZHENITSYN, A. I. **The Gulag Archipelago 1918-1956: An Experiment in Literary Investigation**. New York: Harper Perennial Modern Classics, 2007, pp. 9-16.
- ARENDRT, H. **Eichmann em Jerusalém**: Um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ARON, R. **Démocratie et Totalitarisme**, Paris: Galimard, 1965.
- BAKHTIN, M. “Epos e romance”. In: BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética: A teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 2010, pp. 397-428
- \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Teoria do romance I: A estilística**. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BARKER, F. “The Gulag Archipelago: History Betrayed I”. **New Blackfriars**, vol. 56, nº 659, 1975, pp. 148-157.
- \_\_\_\_\_. “The Gulag Archipelago: History Betrayed II”. **New Blackfriars**, vol. 56, nº 660, 1975, pp. 205-213.
- BERMAN, M. “Prefácio”. In: BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1982, pp. 12-34.
- BENJAMIN, W. “O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BLOCH, M. **Apologia da história**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BROWN, E. J. **Russian Literature Since the Revolution**. Cambridge: Harvard University Press, 1982.
- \_\_\_\_\_. “So Much Depends... Russian Critics in Search of ‘Reality’”. **The Russian Review**, vol. 48, nº 4, 1989, pp. 353–381.
- BUCK-MORSS, S. **Dreamworld and Catastrophe: The Passing of Mass Utopia in East and West**. Cambridge, MA: MIT P, 2000
- CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CHALÁMOV, V. **A margem esquerda**. São Paulo: editora 34, 2016.
- DARNTON, R. **Censores em ação: como os Estados influenciaram a literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- DOSTOIÉVSKI, F. **Os demônios**. São Paulo: editora 34, 2004.

- \_\_\_\_\_. **Os irmãos Karamázov**. São Paulo: editora 34, 2008.
- EMERSON, C. “The Word of Aleksandr Solzhenitsyn” **The Georgia Review**, vol. 49, nº 1, 1995, pp. 64-74.
- ERICSON JR, E. E., KLIMOFF, A. **The Soul and Barbed Wire: An Introduction to Solzhenitsyn**. Wilmington: ISI Books, 2008.
- FELMAN, S. **Testimony: Crises of Witnessing in Literature, Psychoanalysis, and History**. London: Johns Hopkins UP, 1991.
- FIGES, O. **Sussurros: a vida privada na Rússia de Stálin**. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Uma história cultural da Rússia**. Rio de Janeiro: Record, 2017.
- FITZPATRICK, S. **A revolução russa**. São Paulo: Todavia, 2017.
- \_\_\_\_\_. “Writing History/Writing about Yourself: What’s the Difference?”. **Clio’s Lives: Biographies and Autobiographies of Historians**. ANU Press, Australia, 2017, pp. 17-38.
- FRIEDLÄNDER, S., **Probing the Limits of Representation: Nazism and the ‘Final Solution’**. Cambridge: Harvard University Press, 1992.
- GALLOWAY, D. J. “Polemical Allusions in Russian Gulag Prose”. **The Slavic and East European Journal**, vol. 51, nº 3, 2007, pp. 535-552.
- GARRAD, J. G. “Things Left Unsaid: Solzhenitsyn's ‘Gulag Archipelago’”. **Books Abroad**, vol. 49, nº 2, 1975, pp. 244-248.
- GILLESPIE, D. “Russian Writers Confront the Past: History, Memory, and Literature, 1953-1991”. **World Literature Today**, vol. 67, nº 1, 1993, pp. 74-79.
- GOMIDE, B. “Apresentação”. In: GOMIDE, B. **Antologia do pensamento crítico russo (1802-1901)**. São Paulo: editora 34, 2013. pp. 7-26
- HERZEN, A. “Literatura e pensamento social depois do 14 de dezembro de 1825”. In: GOMIDE, B. (org.) **Antologia do pensamento crítico russo (1802-1901)**. São Paulo: editora 34, 2013, p. 183, pp. 161-186.
- HEDERMAN, M. “The God of Tolstoy, Dostoyevsky and Solzhenitsyn”. **The Crane Bag**, vol. 7, nº 1, 1983, pp. 65-73.
- JABLONKA, I. **La historia es una literatura contemporánea: manifiesto por las ciencias sociales**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2016.
- JAKOBSON, R. **A geração que esbanjou seus poetas**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- JAY, Martin. “Of Plots, Witnesses, and Judgements”. In: FRIEDLÄNDER, S., **Probing the Limits of Representation: Nazism and the ‘Final Solution’**. Cambridge: Harvard University Press, 1992, pp. 97-107.
- KIRIÊIEVSKI, I. “Sobre o caráter da ilustração da Europa”. In: GOMIDE, B. **Antologia do pensamento russo**. São Paulo: editora 34, 2013, pp. 187-234.
- KLOTS, Y. “From Avvakum to Dostoevsky: Varlam Shalamov and Russian narratives of political imprisonment”. **Russian Review**, nº 1, 2016, p. 7-25.
- KOEHLER, L. “Alexander Solzhenitsyn and Russian Literary Tradition”. **The Russian Review**, vol. 26, nº 2, 1967, pp. 176-184.
- KOESTLER, A. **O zero e o infinito**. Barueri, SP: Amarelis, 2013.

- KOTKIN, S. **Stálin: Paradoxos do poder, 1878-1928**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.
- LEFORT, C. **Un homme en trop**. Essai sur ‘L’archipel du Goulag’ de Soljénitsyne. Paris: Seuil, 1976.
- \_\_\_\_\_. **A invenção democrática**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- LUCID, L. “Solzhenitsyn’s Rhetorical Revolution”. **Twentieth Century Literature**, vol. 23, nº 4, 1977, pp. 498–517.
- MAGUIRE, M. “Posfácio”. In: OGNIÓV, Nikolai. **Diário de Kóstia Riábtsev**. São Paulo: editora 34, 2017, pp. 312-320.
- MALIA, M. “A War on Two Fronts: Solzhenitsyn and the Gulag Archipelago”. **The Russian Review**, vol. 36, nº 1, 1977, p. 46-63.
- MARK, E. *et al.* “Solzhenitsyn in the Context of Soviet Literature”. **Mosaic: A Journal for the Interdisciplinary Study of Literature**, vol. 5, nº 4, 1972, pp. 135-148.
- MATHEWSON, R. “Algumas reflexões sobre a prosa russa e a ocidental”. In: MATHEWSON, R. *et al.* **Conflito e controle na literatura soviética**. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1965.
- MERRIDALE, C. “Redesigning History in Contemporary Russia.” **Journal of Contemporary History**, vol. 38, nº 1, 2003, pp. 13-28.
- MINOIS, G. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- MORSON, G. S.; EMERSON, C. **Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística**. São Paulo: Edusp, 2008.
- OJA, M. F. “Fictional History and Historical Fiction: Solzhenitsyn and Kiš as Exemplars”. In: **History and Theory: Studies in the Philosophy of History**, XXVII – Nº 2. Middletown: Wesleyan University, 1988. p. 111–124.
- PALLARES-BURKE, M. L. G. **As muitas faces da história: nove entrevistas**. 2ª. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2000. pp. 233-267.
- PERRONE-MOISÉS, L. **Mutações da literatura no século XX**. São Paulo: Companhia das letras, 2016.
- POLLAK, M. “Memória, esquecimento, silêncio”. **Revista Estudos Históricos**, vol. 2, nº 3, 1989.
- PROPP, V. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.
- REIS, D. A. “As revoluções que mudaram a história”. In: REIS, D. A. (org.). **Manifestos vermelhos e outros textos históricos da Revolução Russa**. São Paulo: Penguin Classic Companhia das Letras, 2017. pp. 15-63.
- \_\_\_\_\_. **As revoluções russas e o socialismo soviético**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. Vol. 1. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- ROGGER, H. “Twentieth-Century Russia in the Mirror of Solzhenitsyn’s Fiction”. **Russian History**, vol. 3, nº 1, 1976, pp. 33-48.
- SAUNDERS, F. S. **Who Paid the Piper?: The Cia and the Cultural Cold War**. London: Granta Books, 1999, p. 30.
- SCHNAIDERMAN, B. **Os escombros e o mito: a cultura e o fim da União. Soviética**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997

- SOLJENÍTSIN, A. **Arquipélago Gulag**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1976.
- \_\_\_\_\_. **The Gulag Archipelag 1918-1956: An Experiment in Literary Investigation**. New York: Harper Perennial Modern Classics, 2007
- \_\_\_\_\_. **Um dia na vida de Ivan Denisovich**. Lisboa: Europa-América, 2001.
- SOUSA, E. **Catábases**: Estudos sobre viagens aos infernos na antiguidade. São Paulo: Annablume Clássica, 2013.
- TODOROV, T. **Crítica da crítica**: um romance de aprendizagem. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- TRAVERSO, E. **La historia como campo de batalla**: Interpretar las violências del siglo XX. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2012.
- \_\_\_\_\_. **O passado, modos de usar**. Lisboa: Unipop, 2012.
- VROON, R. “Literature as Litigation: Aleksandr Solzhenitsyn's ‘The Gulag Archipelago’”. **Russian History**, vol. 7, nº 1/2, 1980, pp. 213-238.
- WALKER, B. “On Reading Soviet Memoirs: A History of the ‘Contemporaries’ Genre as an Institution of Russian Intelligentsia Culture from the 1790s to the 1970s”. **The Russian Review**, vol. 59, nº 3, 2000, pp. 327-352.

## REFERÊNCIAS ONLINE

<http://a-solzhenitsyn.narod.ru/index/0-2>. Acesso em 17.02.2017

<http://www.bibliex.ensino.eb.br/>. Acesso 17.02.2017

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/12/1723145-editora-biblioteca-do-exercito-lanca-livros-com-criticas-a-visoes-de-esquerda.shtml>. Acesso em 17.02.2017

## CONFERÊNCIAS E PALESTRAS

REIS, D. A. “As revoluções russas - controvérsias e legados”. XXIX Simpósio Nacional de História, Universidade de Brasília (UnB). Julho de 2017.

REIS, D. A. “O ciclo das revoluções russas – da democracia à ditadura política”. Seminário Internacional 100 anos da Revolução Russa em debate, Universidade de São Paulo (USP). Junho de 2017.

FARIA, D. “O historiador e um humanismo possível para tempos sombrios”. Texto inédito, apresentado em forma de seminário no evento 2nd Conference of the International Network for Theory of History, na Universidade de Ouro Preto (UFOP), em agosto de 2016.

